

**ANTONIO APARECIDO DE SOUZA**

**OS NEGÓCIOS DO TURISMO NO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO:  
REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE CARTAS TEMÁTICAS  
TURÍSTICAS COM O USO DO SOFTWARE ARCVIEW**

**Dissertação apresentada ao Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia para obtenção do título de Mestre em Geografia.**

**Área de concentração: Geografia e Gestão do território.**

**Orientador: Professor Doutor Jorge Luiz Silva Brito.**

**UBERLÂNDIA – 2005**

**BRASIL**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de  
Catalogação e Classificação / mg / 12/05

S729n Souza, Antonio Aparecido de.  
Os negócios do turismo no município de Ribeirão Preto:  
reflexões sobre a produção de cartas temáticas turísticas com  
o uso do software ARCVIEW. - Uberlândia, 2005.  
245f. : il.  
Orientador: Jorge Luiz Silva Brito.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Geografia.  
Inclui bibliografia.  
1. Geografia humana - Teses. 2. Ribeirão Preto (SP) -  
Geografia - Teses. 3. Sistemas de informação geográfica -  
Teses. I. Brito, Jorge Luiz Silva. II. Universidade Federal de  
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III.  
Título.

CDU: 911.3 (043.3)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Antonio Aparecido de Souza

OS NEGÓCIOS DO TURISMO NO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO:  
REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE CARTAS TEMÁTICAS  
TURÍSTICAS COM O USO DO SOFTWARE ARCVIEW

Dissertação aprovada em 27 de julho de 2005 para obtenção do  
título de Mestre em Geografia.

Área de concentração:

Banca Examinadora:

---

Professor Doutor Jorge Luiz Silva Brito – UFU - (Orientador)

---

Professor Doutor: Ailton Luchiari – USP

---

Professor Doutora: Beatriz Ribeiro Soares – UFU

**À natureza que nos legou a capacidade de  
abstrair sobre nossa existência e de buscar  
caminhos para procurar melhorá-la**

## AGRADECIMENTOS

À minha família, que apesar das limitações de toda natureza que se ergueram em nosso caminho, obstaculizando as nossas conquistas, sempre zelou para que eu tivesse uma formação que se fundamentasse no respeito ao próximo e na dignidade.

À minha esposa Ana Cláudia e meus filhos, Ana Gabriela e Antonio Augusto, em razão da paciência e serenidade para me aceitarem como sou.

À Universidade Federal de Uberlândia por ter tornado possível a realização deste curso que redundou na consecução de um sonho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Jorge Luiz da Silva Brito, com seu simpático jeito “mineiro” de ser e que sempre se mostrou solícito às minhas necessidades e confiante quanto ao fato de que produziríamos uma contribuição positiva para nossos pares. Devo também um agradecimento especial aos seguintes professores:

Doutora Marlene T. de Muno Colesanti, por atender prontamente minha solicitação de matrícula como aluno especial no começo de minha jornada na UFU;

Doutora Vera Lúcia Salazar Pessoa por sua postura ética e por seu grande entusiasmo acadêmico que me inspirou para ingressar como aluno regular no curso de mestrado da UFU;

Doutora Beatriz Ribeiro Soares por ser portadora de um brilho especial que incentiva a todos nas reflexões sobre o saber geográfico e, no meu caso, também “musical”.

Doutor Roberto Rosa por sua competência, precisão e segurança na condução dos encontros acadêmicos dos quais participei que reuniam assuntos de grande complexidade e que passei, penso eu, a ter melhor compreensão.

Agradeço também à todos os meus amigos, colegas de disciplina, professores e funcionários da UFU que contribuíram de algum modo para a realização de minhas tarefas acadêmicas.

Também sou grato a todas as instituições e pessoas em Ribeirão Preto que contribuíram com a difícil tarefa de reunir dados sobre o turismo no município, em especial ao senhor Carlos Frederico Marques, presidente regional do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares por sua atenção e presteza.

## RESUMO

Este trabalho é uma tentativa de buscar melhor entender a dinâmica espacial dos elementos relacionados à atividade turística no âmbito do município de Ribeirão Preto a partir da análise de material cartográfico produzido com ferramentas de geoprocessamento. Esta tarefa teve seu início no momento em que foi feita a revisão bibliográfica e posteriores reflexões sobre os temas abordados na mesma, instrumentais para as etapas posteriores do trabalho. Após a revisão da bibliografia sobre o assunto e para que tenha ocorrido a consecução da pesquisa foi necessária ainda a coleta, tabulação e organização dos dados provenientes das investigações de campo realizadas com a intenção de localizar espacialmente as materialidades que de algum modo se articulam ao fenômeno turístico no município de Ribeirão Preto. Em seguida estes mesmos dados foram inseridos e manipulados em meio digital, tendo como resultado, como já apontado, a produção de informações espacializadas que resultaram em material cartográfico específico. Para esta tarefa foi utilizado o software Arcview e foram aplicadas suas rotinas de geoprocessamento. Os produtos cartográficos resultantes foram objeto de nossa análise ao final do trabalho de tal sorte que fosse possível refletir sobre as formas espaciais e os fluxos resultantes da atividade turística junto de seus desdobramentos sócio-espaciais. Foi possível concluir, após as reflexões empreendidas, que há uma distribuição heterogênea das formas, ligadas de algum modo aos aspectos turísticos no município, oportunizando diferentes e contraditória formas espaciais.

**Palavras-chave:** Geografia, Turismo, Geoprocessamento, Assimetria social, Cartas temáticas, Uso do Arcview, Qualidade de vida.

## ABSTRACT

This work is an attempt to better search to understand the spacial dynamics of the elements related to the tourist activity in the scope of the city of Ribeirão Preto from the analysis of produced cartographic material with Geoprocessing tools. This task had its beginning at the moment where the bibliographical revision was made and past reflections on the boarded subjects in the same one, instrumental for the posterior stages of the work. After the revision of the bibliography on the subject and so that the achievement of the research has occurred was necessary still the collected, tabulation and organization of the data proceeding from the inquiries of field carried through with the intention to space locate the materialities that in some way if articulate to the touristic phenomenon in the city of Ribeirão Preto. After that these same data inserted and had been manipulated in digital way, having as resulted, as already pointed, the production of espacialized information that had resulted in specific cartographic material. For this task Arcview software was used and had been applied its routines of geoprocessing. The resultant cartographic products had been object of our analysis to the end of the work as luck as it was possible to reflect on the space forms and the resultant flows of the tourist activity next to its partner-space unfoldings. It was possible to conclude, after the reflections undertaken, that a heterogeneous distribution of the forms has, on in some way to the touristics aspects in the city, opportunizing different and contradictory spacial forms.

**Key-Word:** Geography, Tourism, Geoprocessing, Social asymmetry, thematic maps, Use of the Arcview, Quality of life.

## SUMÁRIO

Resumo.....	7
Abstract.....	8
Sumário.....	9
Lista de Figuras.....	12
Lista de Mapas.....	14
Lista de Tabelas.....	15
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	16
1. Introdução.....	17
1.1.    Objetivos.....	22
2.    Considerações Teóricas.....	24
2.1.    Materialidades históricas: rugosidades urbanas no espaço.....	29
2.1.1. Rugosidades do espaço e sua refuncionalização.....	41
2.2.    Turismo e qualidade de vida.....	46
2.2.1.    Tipologias e definições no turismo.....	49
2.3.    A evolução da produção no campo brasileiro e seus desdobramentos.....	55
2.3.1.    Turismo e agronegócio.....	66
2.3.2.    Turismo de negócios e eventos.....	72
2.3.3.    Magnitude do turismo no Brasil e na região.....	77
2.3.4.    A emergência da atividade Turística em Ribeirão Preto...	80
2.4.    Cartografia e Geoprocessamento Conceitos em cartografia: os mapas sistemáticos e temáticos.....	87
2.4.1.    O conceito de Mapa turístico.....	91

2.4.2.	Geoprocessamento, Sistema Informativo Geográfico, Cartografia digital ou assistida por cad, “Computer Mapping ou Desktop Mapping”.....	94
2.4.3.	Geoprocessamento e turismo.....	101
3.	Delimitação e caracterização da área de estudo: O município de Ribeirão Preto.....	109
3.1.	Caracterização dos aspectos naturais.....	114
3.1.1.	Geologia e Geomorfologia.....	115
3.1.2.	Cobertura vegetal original.....	122
3.1.3.	Clima.....	128
3.2.	Caracterização dos aspectos sociais, econômicos e políticos....	133
3.2.1.	Formação histórico-econômica.....	136
3.2.2.	Índice de Desenvolvimento Humano – Municipal e outros indicadores sociais.....	140
3.2.3.	Políticas públicas de Turismo.....	145
4.	Materiais e Métodos.....	157
4.1.	Procedimentos técnicos e materiais.....	160
4.1.1.	Georreferenciamento de dados e uso do software Arcview.....	165
4.2.	Elaboração de planilhas e procedimentos para coleta de dados em campo.....	168
4.2.1.	Construção das tabelas de banco de dados.....	170
4.2.1.1.	Equipamento de hospedagem.....	172
4.2.1.2.	Equipamento de alimentação.....	177
4.2.1.3.	Atrativos Turísticos.....	181

4.2.1.4.	Equipamento de infra-estrutura turística.....	185
4.2.1.5.	Pontos de Táxis.....	186
4.2.1.6.	Agências de turismo e operadoras.....	187
4.2.1.7.	Locadoras de automóveis e vans.....	188
4.2.1.8.	Equipamentos de infra-estrutura básica.....	190
4.2.1.9.	Bancos vinte e quatro horas.....	192
4.3.	Resultado e análise de dados: Visualização e consultando as informações turísticas.....	193
5.	Considerações finais.....	217
6.	Referências bibliográficas.....	225
7.	Apêndices.....	235

## LISTA DE FIGURAS

1. Fachada do prédio dos Estúdios Kaiser de Cinema onde era fabricada a cerveja Niger, marca de propriedade Companhia Cervejaria Paulista. Ribeirão Preto, SP.
2. Vista parcial do prédio onde estavam instalados os tanques de fermentação de cerveja e da torre onde estava instalada a sirene da Companhia Cervejaria Paulista, hoje transformado nos Estúdios Kaiser de Cinema. Ribeirão Preto, SP.
3. Vista parcial interna de um dos estúdios do complexo que foi cenografado para abrigar a produção "Onde Andará Dulce Veiga?".
4. Santuário das "Sete Capelas", Ribeirão Preto, SP.
5. Teatro Pedro II, Ribeirão Preto, SP.
6. Vista do Edifício "Antonio Diederichsen" com a fachada da "choperia" Pingüim I em primeiro plano, Ribeirão Preto, SP.
7. Vista interna da "choperia" Pingüim I em, Ribeirão Preto, SP.
8. Vista do da fachada da "choperia" Pingüim II em primeiro plano, Ribeirão Preto, SP.
9. Vista interna da "choperia" Pingüim II, Ribeirão Preto, SP.
10. Vista do Museu histórico e de ordem geral Plínio Travassos dos Santos, Ribeirão Preto, SP.
11. Tóten institucional em um dos trevos de acesso à cidade de Ribeirão Preto, com a inscrição: Ribeirão Preto: capital brasileira do agronegócio, Ribeirão Preto, SP.
12. Arquitetura de Sistemas de Informações Geográficas

13. Praça Carlos Gomes com Chafariz da Praça XV de Novembro em segundo plano, Ribeirão Preto, SP.
14. Entrada do Parque Municipal Luiz Roberto, Ribeirão Preto, SP.
15. Vista parcial interna do Parque Municipal Luiz Roberto Jábali, Ribeirão Preto, SP.
16. Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto instalada no “Palácio Barão do Rio Branco”, Ribeirão Preto, SP.

## LISTA DE MAPAS

1. Localização do município de Ribeirão Preto
2. Localização do equipamento de hospedagem do município de Ribeirão Preto
3. Buffers gerados a partir da localização dos Hotéis e Flats do município de Ribeirão Preto
4. Localização do equipamento de alimentação do município de Ribeirão Preto
5. Localização dos atrativos do município de Ribeirão Preto
6. Buffers gerados a partir da localização dos atrativos do município de Ribeirão Preto
7. Localização da infra-estrutura Turística do município de Ribeirão Preto
8. Localização dos pontos de Táxi do município de Ribeirão Preto
9. Localização das agências e operadoras do município de Ribeirão Preto
10. Buffers gerados a partir das agências e operadoras turísticas do município de Ribeirão Preto
11. Localização das locadoras do município de Ribeirão Preto
12. Localização da infra-estrutura básica do município de Ribeirão Preto
13. Localização dos bancos vinte e quatro horas do município de Ribeirão Preto
14. Buffers gerados a partir da localização dos bancos vinte e quatro horas do município de Ribeirão Preto
15. Síntese cartográfica do fenômeno Turístico no município de Ribeirão Preto

## LISTA DE TABELAS

1. População total e proporção da população por sexo e situação de domicílio.
2. Consumo de energia elétrica em Mw/h
3. Acesso a Bens de Consumo

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ABIH** - Associação Brasileira da Indústria Hoteleira

**CODERP** - Companhia de Desenvolvimento de Ribeirão Preto

**COMTURP** – Conselho Municipal de Turismo de Ribeirão Preto

**CONDEPHAT** - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico

**CONTAG** – Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura

**GPS** – Global Position System

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPEA** - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**NEAD** - Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural

**OMT** – Organização Mundial do Turismo

**PNT** – Plano Nacional de Turismo

**PNU** - Programa das Nações Unidas

**PPA** – Plano Plurianual

**UHs** - Unidades Habitacionais

## 1. INTRODUÇÃO

O título do trabalho que ora se apresenta foi gradativamente ganhando uma definição e delimitação mais precisas, em decorrência das atividades desenvolvidas durante o curso de pós-graduação, em especial, por conta das contribuições oportunizadas na etapa de qualificação e também aquelas advindas do processo de orientação feita pelo Professor Doutor Jorge Luiz Silva Brito. Como resultado de um intrincado processo chegamos ao título deste trabalho:

“OS NEGÓCIOS DO TURISMO NO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO: REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE CARTAS TEMÁTICAS TURÍSTICAS COM O USO DO SOFTWARE ARCVIEW”

Acreditamos que o mesmo espelha de modo mais preciso os procedimentos que já foram adotados para a consecução da pesquisa. Sob esta denominação também repousam subliminarmente os objetivos geral e específicos presentes no corpo do texto e que orientaram as práticas desenvolvidas.

Entendemos que o interesse manifesto nesta pesquisa espelha a crescente importância atribuída ao fenômeno turístico, enquanto potencializador de conquistas sociais para as comunidades dos locais. Esta percepção sobre o mesmo, aliada a uma tendência, presente na literatura sobre o assunto, que chama a atenção para que seja tomado um maior cuidado com as estratégias de “planejamento turístico” de tal sorte que estas possam mitigar impactos impostos àquelas, se configuram como fio condutor das atividades integrantes desta investigação.

Na medida em que se realiza uma maior aproximação, com relação aos dois “papeis” descritos anteriormente e possíveis de serem desenvolvidos pelo turismo, entendemos que emerge um aparente paradoxo. Em outras palavras, quais

impactos devem ser mitigados se inicialmente a atividade turística é considerada como sendo o “motor” do desenvolvimento das comunidades nos locais? Trataremos o que foi apontado como sendo, do ponto de vista teórico, tangível em primeira instância. Ao mesmo tempo, tentaremos ao longo do trabalho reunir informações que nos permitam refletir de modo mais crítico sobre a contradição buscando desvelá-la. Entendemos ser difícil a articulação destes dois elementos no contexto do país e em especial da região, para que haja uma efetividade do turismo como promotor de conquistas sociais, pois ao mesmo tempo a literatura sobre o tema, o aponta como atividade que acirra assimetrias sociais e degradação dos ambientes naturais.

Em decorrência destas motivações principais, nos voltamos para o fato de que até o momento em que foi redigido o texto que ora se apresenta, e apesar da importância atribuída mundialmente ao turismo como atividade emergente, não havia no âmbito do município, um banco de dados que permitisse uma consulta rápida e precisa, do ponto de vista espacial, dos elementos que integram este fenômeno.

A inexistência deste banco de dados, referenciado espacialmente, foi outro dos elementos que nos motivou para a consecução deste trabalho. Desta forma, nossa investigação está estruturada do modo como passaremos a relatar deste ponto em diante.

O trabalho que apresentaremos doravante tratará do conjunto de reflexões, procedimentos técnicos e ações, encadeados com o propósito de compor a base teórico-metodológica necessária para que sejam alcançados os objetivos estabelecidos por nós. Estes vão norteá-lo e contemplarão indiretamente as inquietações apresentadas anteriormente. Os objetivos, na medida em que forem alcançados, vão convergir no sentido de tornar possível a elaboração de cartas temáticas turísticas do município de Ribeirão Preto e principalmente, suscitar

reflexões decorrentes da análise espacial deste processo. Para que isso seja realizado a contento, foi necessária a superação das etapas que articulam tarefas distintas e que concorrem para a plenitude dos objetivos.

Para que haja um melhor entendimento do desenrolar de nossa pesquisa procuraremos neste momento expor de maneira breve as etapas necessárias à consecução de nosso trabalho.

Sob esta perspectiva convém esclarecer que organizamos nosso texto de forma sincrônica ao encadeamento das várias tarefas programadas para a consecução de nosso trabalho de pesquisa. Assim, no primeiro capítulo buscamos a caracterização geral da pesquisa, do objeto, do recorte e principalmente da exposição detalhada de nossos objetivos.

No segundo capítulo ocorrerá um refinamento teórico, à luz de uma revisão bibliográfica feita. Serão discutidos conceitos e temas instrumentais para consecução dos objetivos propostos. Ocuparão papel central neste capítulo, o espaço geográfico, o turismo e sua importância para as economias locais, a cartografia e o geoprocessamento voltados a análise espacial e ao planejamento do território. Entendemos que o tratamento destes temas, ou estudo das modificações decorrentes da ação das várias atividades polarizadoras da economia, no âmbito regional, e de como os seus elementos estão registrados na paisagem, enquanto categoria de análise geográfica, chegando ao recente incremento da atividade turística, configura uma de nossas frentes de investigação, no que diz respeito ao objeto principal de estudo. Além disso, também discutiremos de modo mais específico como o poder público, entendido aqui como o Estado, e a sociedade civil vem tratando o turismo, assunto visto de forma hiperbólica, como principal e estratégico para o desenvolvimento das economias municipais.

No terceiro capítulo buscaremos expor nossos procedimentos com relação aos materiais e métodos utilizados. No bojo desta exposição se encontra a necessidade de delimitar e caracterizar com maior precisão o que se configura como objeto de nossa investigação, ou seja, o município de Ribeirão Preto. Serão destacados os aspectos naturais, assim como os aspectos populacionais deste subconjunto espacial. Trata-se de nos debruçar sobre uma parcela do intrincado conjunto de relações que se inscrevem na totalidade descritas pela ciência geográfica como sendo integrantes do Espaço Geográfico.

Cumprida esta tarefa, trataremos de contemplar a necessidade de se relatar quais recursos materiais, procedimentos, e critérios foram utilizados na elaboração de planilhas, coleta de dados, tabulação destes últimos, tratamento da base cartográfica, softwares utilizados e funções executadas pelo mesmo, entre outros. Relataremos assim, como foram empreendidas as tarefas necessárias ao cumprimento ou consecução do objetivo geral que norteará todo o trabalho. Os passos da pesquisa a serem expostos, com maior detalhamento posterior, foram divididos em fases distintas compreendidas por, inicialmente, um momento em que foram feitas as escolhas dos referenciais de relevância no entendimento da interferência do turismo na produção do espaço do município de Ribeirão Preto. Em seguida, a partir da bibliografia disponível, e das experiências iniciais em campo foram refinados os formulários de entrada de dados, assim como os elementos integrantes dos mesmos. Em seguida foram realizados os trabalhos de campo propriamente e por último a tabulação, organização e apresentação dos dados.

No quarto capítulo serão organizados e apresentados os dados obtidos em pesquisa de campo, assim como, serão brevemente discutidas as tendências próprias do turismo no contexto do município e por consequência da região. Trata-se

portando de uma parte do trabalho que cumpre o papel de descrever o que foi obtido a partir das pesquisas realizadas. Estes resultados se apresentarão em forma de mapas, tabelas, gráficos, registros fotográficos e detalhamento em forma de texto com relação ao que foi tratado.

No quinto e último capítulo apresentaremos as considerações finais ou conclusões às quais foi possível chegar a partir da pesquisa realizada. Estas, segundo nossa leitura, serão apresentadas de tal sorte que possam contribuir para que o turismo no município de Ribeirão Preto seja objeto de maior reflexão por parte de todos que se relacionam direta ou indiretamente com o chamado “*trade*”<sup>1</sup> turístico sem que haja uma avaliação do mesmo a priori, incorrendo em tautologias vazias.

---

<sup>1</sup> Termo em inglês utilizado para se fazer referência a todos os elementos envolvidos nas relações comerciais turísticas, cuja tradução estrita é comércio.

## 1.1. Objetivos

Nosso objetivo principal ou geral pode ser entendido como a produção e interpretação de cartas temáticas turísticas do município de Ribeirão Preto a partir da utilização de softwares de geoprocessamento de tal forma que estas, em meio digital, integrem informações espaciais, banco de dados, e informações imagéticas dando suporte ao processo de tomada de decisões por parte dos mais diversos usuários finais. Assim, de modo imanente, estas podem e devem se configurar em ponto de partida para reflexões e questionamentos sobre as práticas espaciais em curso no âmbito municipal sobre a atividade turística.

Para que possamos alcançar o que é proposto como objetivo geral ou principal deveremos buscar referências em reflexões e questionamentos de menor abrangência, no contexto deste trabalho, e que contribuirão de forma direta ou indireta para a consecução do objetivo geral ou principal. Sob esta orientação entendemos como sendo objetivos específicos para nossa pesquisa:

Definir os principais conceitos e temas a serem discutidos no corpo do trabalho com maior aprofundamento ou refinamento. Entre os quais se destacam principalmente os conceitos de Espaço Geográfico, Turismo, Cartografia, Geoprocessamento.

Identificar, selecionar, caracterizar e classificar os dados espaciais que integram a totalidade e que sejam relacionados à atividade turística no município de Ribeirão Preto.

Analisar os dados obtidos para permitam um entendimento diferenciado sobre a atividade turística no município de Ribeirão Preto.

Desta forma, para que o objetivo geral seja alcançado, iniciaremos com o refinamento sobre o entendimento de temáticas e conceitos que suportarão nossa pesquisa, a partir da utilização de uma revisão da literatura já produzida.

## 2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A discussão sobre a questão do espaço parte do princípio de que este é histórica e socialmente determinado, e em decorrência disso contraditório em sua essência, tal como se manifestam contraditórias as relações capitalistas de produção. Assim, concordamos com Lefebvre quando este afirma que

Las contradicciones del espacio no son producto de su forma racional tal como desprende en las matemáticas; son producto del contenido práctico y social y mas específicamente, del contenido capitalista. Efectivamente, ese espacio de la sociedad capitalista pretende ser racional, cuando, de hecho, en la práctica, esta comercializando, desmigajando, vendido las parcelas (LEFEBVRE, 1976, p 42)

O espaço a que nos referimos é, portanto contraditório, mas de forma subjacente, portador de uma lógica que mantém as elites dominantes no poder a partir de dois elementos importantes. Em primeiro lugar há a manutenção da propriedade do solo e em segundo a manutenção da subserviência que o estado lhes presta, pois como considera Lenin (1980, p 183), “O estado é uma máquina para a opressão de uma classe por outra, uma máquina para manter submetidas a uma só classe outras classes subordinadas. A forma desta máquina pode variar.” Assim, entendemos que o Estado a serviço do capital, dissimulado, se confunde com a elite dominante em um dado momento histórico sendo, em certa medida, uma extensão da mesma, a exemplo do que apontam autores como Althusser<sup>2</sup>. Compartimos, deste modo, com a idéia de que

---

<sup>2</sup> ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos do estado. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1999

El método para abordar el problema del espacio no puede consistir únicamente en un método formal, lógico o logístico; debe y puede ser igualmente un método dialéctico que analice las contradicciones del espacio dentro de la sociedad e de la práctica social (LEFEBVRE, 1976, p 59)

O método não poderá se abster de uma análise pautada nas características mencionadas anteriormente. Entendemos que este é um dos pressupostos para a realização desta pesquisa uma vez que entendemos que o capitalismo produz contradições e desigualdades, no caso de nosso objeto, transcendendo a escala do lugar.

A difusão deste modelo de organização espacial capitalista se pauta especialmente, no nordeste do estado de São Paulo, na agroindústria canavieira. Esta por sua vez, tem de um lado a extensão dos interesses internacionais das montadoras de automóveis e de outro, dos proprietários dos meios de produção a ela ligados direta ou indiretamente. Configura-se, desse modo, como um dos vetores de crescimento econômico regional. Pode-se considerar, segundo afirma Elias, que

Os agentes dinâmicos da transnacionalização da economia são os poderosos conglomerados multinacionais que auxiliados pelos Estados nacionais e seus novos papéis, assim como pelas burguesias locais, controlam diversos níveis da produção, do comércio, da pesquisa tecnológica, das finanças e dessa forma, os vários níveis de organização do espaço. (ELIAS, 1996, p 7)

Segundo a autora a densidade dos múltiplos fluxos que conectam os lugares ao global, acelerando o papel dos agentes dinâmicos é resultante, em grande parte, dos avanços tecnológicos nas comunicações e transportes. A pujante atividade econômica sucroalcooleira foi decisiva para que fossem reorganizadas as formas –

obviamente também seus conteúdos - na paisagem regional, sem que aquela se descolasse de uma totalidade mundo. Esta configuração da paisagem regional resulta do fato da mesma e, por conseguinte, do município estarem integrados aos processos de uniformização espacial delineados pela produção capitalista – neste caso da cana de açúcar – que nos conduz a uma expansão inequívoca do meio-técnico científico informacional, entendido aqui como “um meio geográfico onde o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação” (SANTOS, 1997, p 44). Esta se dá com o crescimento numérico de fixos artificiais, ou dos objetos técnicos. Com esta seletividade espacial, se acirram também as desigualdades às quais já fizemos referência anteriormente e que originam espaços de grande densidade técnica, ou luminosos e espaços opacos ou de pouca densidade técnica.

Segundo Santos, é nestes espaços, por sua vez, se localizam os homens rápidos, conectados aos fluxos globais e de outros, aqueles chamados de homens lentos, excluídos dos processos aos quais nos referimos. Estes contornos, no entanto, ganham outro sentido pois

As classes médias amolecidas deixam absorver-se pela cultura de massa e dela retiram argumento para racionalizar sua existência empobrecida. Os carentes, sobretudo os mais pobres, estão isentos dessa absorção, mesmo porque não dispõem dos recursos para adquirir aquelas coisas que transmitem e asseguram a cultura de massa. É por isso que as cidades, crescentemente inegalitárias, tendem a abrigar, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim. (SANTOS, 2002, p 327)

Embora esta distinção se processe de modo diferenciado e incompleto, é possível afirmar que em razão da exclusão promovida pela aceleração

contemporânea, justamente os contingentes de excluídos é que são capazes de se mobilizar contra os processos homogeneizadores de forma efetiva. De outro lado a classe média, como afirma o autor, encontra-se cooptada por uma densificação da tecnosfera atrelada a uma psicosfera sintonizada com os ditames da Globalização, como por exemplo a necessidade premente de se fazer turismo.

Uma vez delimitado o entendimento sobre o que é o Espaço e como este é produzido social e historicamente, nos parece adequado destacar a idéia de que sob o movimento inercial imposto pela globalização ocorre a cooptação daqueles que estão radicados e integrados nos locais por onde passam fluxos que dotam estes lugares de luminosidade. Estes, em geral, não se apercebem do que efetivamente representa a globalização excludente que o sistema mundial produtor de mercadorias vem construindo. Ao contrário, de modo recorrente e sem questionamentos, vem aceitando passivamente o que é globalmente determinado.

Assim, não nos parece surpreendente a crença na idéia explicitada por muitos de que o turismo no âmbito do município poderá resolver problemas relacionados à exclusão de contingentes populacionais das benesses oportunizadas pelo capital. Ao contrário, acreditamos que à medida que a globalização captura novos mercados mais excluídos são produzidos. De forma análoga podemos considerar o que já foi registrado com o processo de captura de novos mercados, pela instalação de parques industriais, originados nos países ricos, na chamada periferia capitalista. Quando Furtado se refere a este tipo de inserção econômica destaca que

O contingente da população afetada pelo desenvolvimento mantém-se reduzido, declinando muito devagar a importância relativa do setor cuja a principal atividade é a produção para subsistência. Explica-se, deste modo, uma economia, onde a produção industrial já alcançou elevado grau de diversificação e tem uma participação no produto

que pouco se distingue da observada em países desenvolvidos, apresentar uma estrutura ocupacional tipicamente pré-capitalista e que grande parte de sua população esteja alheia aos benefícios do desenvolvimento. (FURTADO, 2000, p 261-262)

A abordagem do fenômeno turístico a que nos propomos no corpo deste trabalho, em especial no contexto do município de Ribeirão Preto, considera estas contradições e faz uso do princípio de que esta atividade, integrante dos movimentos do capital, co-preside a lógica de organização espacial, uma vez que a administração pública tem se empenhado em fomentá-la.

Pode-se afirmar que o turismo, como veremos adiante, é considerado pelo poder público, por este ser participe da lógica do capital, como sendo a atividade que alavancará a economia municipal e regional a partir da realização de eventos, centralização e realização de negócios e também utilização de formas refuncionalizadas<sup>3</sup> - a partir de um “processo de reordenamento do conteúdo do espaço construído, portanto, dos objetos” e por isso, pode transformar as formas pré-existentes em lugares atraentes para a fixação dos nexos verticais. Assim, pode-se converter o equipamento urbano para o turismo histórico cultural, de forma subjacente à lógica mundial da primazia do capital. O patrimônio urbano, entendido aqui, como paisagem é convertido em mercadoria.

---

<sup>3</sup> MERLIN, P. S. A refuncionalização do centro de Campinas sob a perspectiva do patrimônio arquitetônico. In Anais do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos. Goiânia. AGB. 2004. 1 CD Rom.

## 2.1. Materialidades históricas: rugosidades urbanas no espaço

Acreditamos que o subespaço de Ribeirão Preto seja expressão da totalidade mundo, socialmente construída e, por conta deste fato, se inscrevem na paisagem do primeiro, elementos que derivam de articulações pretéritas e presentes da segunda, sob uma relação dialética. Entendemos que os registros do passado ligam-se diretamente ao turismo, no caso estudado por este trabalho, por ocuparem a condição de patrimônio arquitetônico ou, de outro lado, natural por se constituírem em vestígios da cobertura vegetal original. Concordamos com Santos quando este afirma que

Em cada qual dos seus momentos, o processo social envolve uma redistribuição dos seus fatores. E essa redistribuição não é indiferente às condições preexistentes, isto é, às formas herdadas, provenientes de momentos anteriores. As formas naturais e o meio construído incluem-se entre essas formas herdadas. (SANTOS, 2002, p 140)

Assim, o tempo passado contribui de modo efetivo para os encadeamentos de novos eventos que ganham materialidade em Ribeirão Preto, embora estes sejam presididos por lógicas distintas daquelas que já organizaram o território. A este fato se junta no presente uma maior participação de novas tecnologias na produção-modificação construção dos objetos passando estes a ter maior densidade técnica e, por conseqüência, novos ritmos para seus eventos, por sua vez, associados às novas formas.

As materialidades que se firmam na paisagem não são obra do puro acaso. Ao contrário, como considera Lefebvre (2001, p 48) “Não há obra sem uma sucessão regulamentada de atos e de ações, de decisões e de condutas, sem mensagem e

sem códigos”. Sob esta perspectiva não desconsideramos a intencionalidade nas formas que a paisagem apresenta uma vez que são as expressões visíveis do indissociável sistema de objetos e do sistema de ações, ou do espaço geográfico. Acreditamos, como já dito, que estes objetos técnicos historicamente e socialmente determinados, no caso de Ribeirão Preto, ressignificam-se e, em parte são apropriados, pela atividade turística, enquanto pré-condição para o acontecimento de novos eventos e cristalização de novas formas, uma vez que

O que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos rugosidades ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho (SANTOS, 2002, p 140)

O autor reconhece estas formas remanescentes pela denominação de rugosidades, termo a ser adotado doravante para nos referirmos às materialidades históricas componentes da paisagem ribeirãopretana. Estas intervenções nesta última, expressas por novas formas, ganham novo ritmo no último quartel do século XX com a intensificação da urbanização no nordeste do estado de São Paulo associada ao fato das políticas governamentais de incentivo à agroindústria da cana-de-açúcar também terem feito convergir para a região grandes contingentes populacionais à busca de empregos e melhor qualidade de vida, supostamente

gerados pelo setor. Estas novas materialidades passam a coexistir com formas antigas que se referenciam em outros elementos espaciais, que embora não sejam determinantes da dinâmica regional nos primeiros anos do século XXI, são historicamente reconhecidos como de grande importância. Podemos nos referir a projeção que o município obteve, em nível nacional, com sua lavoura cafeeira, com a indústria de bebidas, com os estabelecimentos de ensino superior e pesquisa instalados no município, entre outros. Um exemplo desta diversidade de atividade que foram importantes para o município já pode ser observado em Prates (1975) quando afirma que

Depois da Antártica, surgiu no ano de 1913, a Comp. Cervej. Paulista, com o capital e a organização exclusivamente local, onde os seus componentes no decorrer desses poucos decênios, devido a êxitos obtidos, progrediram de modo tão auspicioso que atualmente essa Companhia poderá rivalizar-se com as melhores existentes no país. Essa indústria ribeirãopretana fizera jus aos resultados usufruídos, empregando uma grande parte do seu capital em importantíssimos prédios que se acham localizados no coração da cidade. Aí estão na Praça XV de Novembro, o soberbo “quartirão paulista” de propriedade da Companhia Cervejaria Paulista, onde vemos o majestoso Palace Hotel, o imponente Teatro Pedro II, um dos mais modernos e mais aristocráticos do interior de São Paulo e o elegante palacete “Meira Junior” na esquina da rua General Osório com a Praça 15. (PRATES, 1975, P 193)

Percebemos com este exemplo que algumas atividades econômicas progressivas foram de grande importância na configuração da paisagem e, principalmente, de algum modo hoje suas marcas na paisagem são responsáveis por se constituir em atrativo para os fluxos que convergem para a região. Um exemplo é o antigo prédio da Companhia Cervejaria Paulista, hoje propriedade do

controlador da Cervejaria Kaiser, que foi transformado em um complexo de estúdios a serem utilizados em produções cinematográficas, como aparece a seguir (figura 1).



Figura 1 – Vista da fachada do prédio dos Estúdios Kaiser de Cinema onde era fabricada a cerveja Niger, marca de propriedade Companhia Cervejaria Paulista. Ribeirão Preto, SP.

Autor: SOUZA, A. A., jun./2005

A iniciativa de refuncionalização do prédio decorre de estratégias da controladora em fomentar a atividade cultural que se coaduna com as ações governamentais ao nível do município que tem a intenção de requalificar a região central da cidade. A área interna do complexo cinematográfico espelha os traços arquitetônicos do início do século XX como pode ser observado na edificação que abrigava os tanques de fermentação utilizados no processo de fabricação da cerveja e também onde estava instalada a sirene da empresa (figura 2).



Figura 2 – Vista interna parcial do prédio onde estavam instalados os tanques de fermentação de cerveja e da torre onde estava instalada a sirene da Companhia Cervejaria Paulista, hoje transformado nos Estúdios Kaiser de Cinema. Ribeirão Preto, SP.

Autor: SOUZA, A. A., jun./2005

O prédio que já abrigou eventos de outras naturezas como, por exemplo um festival de música, foi utilizada para a produção do longa-metragem "Onde Andará Dulce Veiga?", baseado no romance de Caio Fernando Abreu, dirigido por Guilherme de Almeida Prado, com estréia prevista para o ano de 2006. Um dos prédios da antiga cervejaria, hoje complexo de estúdios, foi cenografado como casa noturna para servir de cenário para a produção supra citada como pode ser observado a seguir (figura 3).



Figura 3 – Vista parcial interna de um dos estúdios do complexo que foi cenografado para abrigar a produção "Onde Andará Dulce Veiga?". Ribeirão Preto, SP.

Autor: SOUZA, A. A., jun./2005

Além da refuncionalização a que nos referimos anteriormente, há também o processo de ressignificação em curso. Como integrantes deste podemos tratar do Santuário das Sete Capelas (Figura 4), Teatro Pedro II (Figura 5) e as choperias Pingüim (Figuras 6, 7, 8 e 9), entre outros.



Figura 4 – Santuário das sete capelas, Ribeirão Preto, SP.

Autor: SOUZA, A. A., jun./2005



Figura 5 – Teatro Pedro II, Ribeirão Preto, SP.  
Autor: SOUZA, A. A., jun./2005



Figura 6 – Vista do Edifício tombado "Antonio Diederichsen" com os toldos da "choperia" Pingüim I em primeiro plano, Ribeirão Preto, SP.  
Autor: SOUZA, A. A., jun./2005



Figura 7 – Vista interna da “choperia” Pingüim I em, Ribeirão Preto, SP.  
Autor: SOUZA, A. A., jun./2005



Figura 8 – Vista da fachada do “Quartirão Paulista” com a “choperia” Pingüim II em primeiro plano, Ribeirão Preto, SP.  
Autor: SOUZA, A. A., jun./2005



Figura 9 – Vista interna da “choperia” Pingüim II, Ribeirão Preto, SP.  
Autor: SOUZA, A. A., jun./2005

No entanto, entendemos como relevante o fato de que nas últimas décadas do século XX outras materialidades se impõem em decorrência de diferentes campos de força gerados por uma maior densificação técnica como Elias (1996) destaca a seguir

A intensificação da mudança da base técnica de sua produção e a integração desta às agroindústrias expandiu e reorganizou as cidades que formam essa região, as quais passam a desenvolver um comércio e vários serviços especializados, atendendo a demanda crescente do setor agrícola e agroindustrial de maneira destacável. As casas de comércio de implementos agrícolas, sementes, grãos, fertilizantes; os escritórios de ‘marketing’, de consultoria contábil; os centros de pesquisa biotecnológica; as empresas de assistência técnica, as empresas de transporte, entre tantas outras se difundiram por todas as cidades da região e tem grande destaque no terciário como um todo. Diante disso, a modernização agropecuária não apenas ampliou e reorganizou a produção material – agrícola e industrial - mas foi determinante para a expansão quantitativa e qualitativa da produção não material. (ELIAS, 1996, p 119)

Em decorrência, a região, não só do ponto de vista da produção material, mas também no que diz respeito à produção não material e o município, por consequência, acabaram por se moldar em torno da atividade agroindustrial, no tocante também ao setor terciário. A região passa a fazer parte do conjunto das 33 principais aglomerações urbanas do país tendo Ribeirão Preto desempenhando o papel de centro regional em seu sistema urbano regional<sup>4</sup>. Este fato ganha mais relevo por este ser o município dotado de infra-estrutura para acomodar as mudanças em processo que repercutiram nos investimentos na indústria recebidos entre 1995 e 2000.

Segundo o IBGE<sup>5</sup>, o município recebeu o aporte de cerca de 113 milhões de dólares, 0,47% do ingresso no estado incluindo a Região Metropolitana de São Paulo. Estes números colocam Ribeirão Preto, em posição inferior à de Sorocaba, município de mesmo porte populacional, região central (São Carlos e entorno) e Bauru, os três com menor expressão econômica no contexto estadual. Ainda de acordo com o IBGE, o município de Sorocaba, com papel de centro regional, assim como Ribeirão Preto, recebeu um total de 1.993 milhões de dólares perfazendo um total de 8,26 % do total do estado, números mais expressivos que os apresentados por Ribeirão Preto no mesmo Período (1995/2000).

De outro lado, as movimentações bancárias se comportavam de modo diverso. Podemos tomar como indicador os números ligados a estas instituições financeiras no âmbito municipal para entender melhor o crescimento do terciário no recorte objeto de nossa investigação.

---

<sup>4</sup> IPEA, IBGE, UNIAMP. Caracterização e tendência da rede urbana do Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana. Brasília. IPEA. 2001.

<sup>5</sup> Cidades@ - IBGE – disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>, com acesso em 11.10.2004.

Durante o período em que o município de Sorocaba movimentou em suas 53 agências bancárias um total de 244.862.840,12 reais em depósitos à vista privados, 1.337.439,48 reais em depósitos à vista do governo e 545.211.128,18 reais em depósitos em poupança no ano de 2003 o município de Ribeirão Preto em suas 75 agências apresentou 323.533.195,63 reais em depósitos à vista privados, 8.665.330,47 de reais em depósitos à vista do governo e 649.888.603,62 de reais em poupança. Estes números, quando comparados podem indicar que se não há um efetivo investimento no setor industrial de um lado, por outro lado o município de Ribeirão Preto demonstra um grande vigor no âmbito da prestação de serviços especialmente os bancários. Pode ser possível perceber por intermédio destes dados que a produção não material ocupa espaços significativos no contexto regional. Esta aliada ao crescimento populacional e a revolução no consumo alçam a população da região a uma condição diferenciada. Este fato só vem corroborar com a idéia de que a Região de Ribeirão Preto registrou um crescimento mais expressivo no terciário do que tradicionalmente ocorria.

O contexto que se desenha, segundo a autora, fez com que se instalasse uma nova moral junto à população que conduzia ao consumo de bens materiais e imateriais. Sob esta perspectiva as áreas onde a população possui renda mais elevada – embora seja uma pequena parcela comparada ao total regional tendem a se desenvolver em certos setores da produção não material provocando ou agravando as distorções já existentes. Constitui-se uma centralidade regional que agrega o consumo produtivo e consumptivo sob a mesma lógica onde participam a saúde, a educação, o lazer, o turismo, transportes de matéria e de informação, etc. (ELIAS, 1996, p 120).

O dinamismo que se imprime às relações de produção e consumo, no âmbito regional, conduz as formas urbanas muito rapidamente à obsolescência. Há uma tendência de se organizarem com maior fluidez as várias ações no contexto do urbano. Entre outros, podemos citar o fato de novas avenidas serem construídas, loteamentos serem lançados, reorganizando com freqüência crescente a expansão urbana que herda as rugosidades de tempos pretéritos, em geral decadentes e que ao final são abandonadas em razão da ativação de novos vetores. Posteriormente, podem ser apropriados por grupos que se encontram à margem da organização social constituindo, em geral os bolsões urbanos de pobreza. Este assunto, ou seja, as (re)apropriações do urbano serão melhor tratadas na etapa de nosso texto que segue.

### 2.1.1. Rugosidades do espaço e sua refuncionalização

As rugosidades do espaço originadas sob diferentes arranjos espaciais, o processo de urbanização recente a que nos referimos anteriormente combinados às novas orientações que presidem a ordenação do território são responsáveis por uma forma singular de organização do município. Os traços da paisagem, que são testemunhos de cristalizações pretéritas de trabalho social ganham novos papéis dentro do contexto urbano de Ribeirão Preto.

O Brasil, devido ao amplo período de sua história em que o campo determinou a organização das cidades, não possui uma história urbana tão extensa quanto as das cidades da Europa ou Ásia. Mesmo considerando este fato é possível, no curto espaço de tempo de afirmação do urbano sobre o rural, identificar materialidades da paisagem que são testemunhos de formas pregressas de organização do urbano, como já apontamos, que refuncionalizados e/ou ressignificados ganham novos usos. Trataremos de tentar evidenciar estes processos com alguns exemplos do que ocorre no município de Ribeirão Preto, pois embora este possua existência inferior a 200 anos, já foi polarizado por diversos interesses, especialmente de ordem econômica, que deixaram vários registros em sua paisagem.

Podemos considerar como sendo um destes a Fazenda Laureano, posteriormente denominada Fazenda Monte Alegre, constituída em torno do ano de 1870<sup>6</sup>. Em 1942 o governo estadual desapropriou a fazenda e instalou na mesma a Escola Prática de Agricultura Getúlio Vargas. Em 1952, parte da área foi doada à Universidade de São Paulo para a instalação da Faculdade de Medicina, pois à época a escola de agricultura já havia sido desativada. Do total da propriedade, as

---

<sup>6</sup> LAGES, J. A. C. O Povoamento da Mesopotâmia Pardo-Mojiguaçu por correntes migratórias: o caso de Ribeirão Preto (1834-1883). Dissertação de Mestrado. Franca. Unesp. 1995.

construções e cercanias da casa sede não foram incluídas, por terem sido emprestadas pelo Governo do Estado à Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto que se propôs a ali instalar seu museu municipal.

Em 1949, por intermédio da Lei Municipal nº 97, o museu foi oficializado e instalado provisoriamente em sala do bosque municipal (1948/1949), posteriormente para um prédio existente na praça Santo Antonio (1950). Ainda em 1950, agora sim, a casa sede da Fazenda Monte Alegre e seu entorno foram emprestados e posteriormente doados, em regime de comodato, ao município mediante autorização legal datada de 1956, com escritura lavrada em 1957. Assim, em 1951 foi instalado na casa sede da antiga Fazenda Monte Alegre e inaugurado oficialmente. Em 1963, por conta da Lei Municipal nº 1.750 foi denominado Museu Histórico e de Ordem Geral "Plínio Travassos dos Santos" (figura 10).



Figura 10 – Vista do Museu histórico e de ordem geral Plínio Travassos dos Santos, Ribeirão Preto, SP.

Fonte:

<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/principaln.ASP?pagina=/guia/1991N/DICE.HTM> com acesso em 22.05.2005

Autor: LOPES, R.

Este breve histórico da criação do atual museu supracitado torna mais fácil reconhecer o quadro de refuncionalização e ressignificação das materialidades presentes no município. De forma consecutiva a mesma fazenda foi integrante dos processos relacionados à cafeicultura, do sistema educacional estadual e por último se liga ao governo municipal para cumprir função também diversa da original. Há de outro lado uma ressignificação, já que um elemento concreto integrante do processo produtivo se converte em patrimônio arquitetônico e cultural do município, ou ainda patrimônio ou bem territorial articulado aos interesses da população de uma forma geral.

Sob orientação que se assemelha àquela na qual o museu se insere, ou seja de valorização do patrimônio de um modo geral, embora em estágios distintos, outras formas urbanas também são convertidas em atrativo turístico. Neste momento, acreditamos ser adequado considerar a advertência que nos faz Merlin

Por serem facilmente associados à tradição histórica e cultural do lugar, os patrimônios arquitetônicos são refuncionalizados por grandes empresas que possuem a intenção de promover atividades culturais vinculadas a essas paisagens do passado. O patrimônio arquitetônico é refuncionalizado conforme os padrões impostos pelo mercado cultural, tornando-se um grande negócio para as cidades que pretendem vender suas manifestações culturais associadas às paisagens urbanas. (MERLIN, 2004)

Em outras palavras, o fato de terem ocorrido as mudanças tratadas no uso da Fazenda Monte Alegre, atual Museu Histórico e de Ordem Geral que culminou com sua refuncionalização não garante que ocorrerá o mesmo com outros objetos urbanos ou rurais no âmbito do município. Do mesmo modo entendemos que o uso destes locais torna-se restrito, em razão de serem entendidos, por grande parte da

sociedade, como espaço de erudição próprio à frequência das elites da população e “fechado” ao cidadão comum. Confirmando este fato, em alguns casos, acreditamos que tentativas de agregar uma “personalidade nobre” a locais decadentes, que vem sendo difundida mundialmente, sendo reconhecida também pelo nome de *gentrification*, pode ser mais perversa do que benéfica, especialmente nos locais que apresentam um exíguo histórico de referências de urbanidade. Segundo considera Meneses

A *gentrification* tem causado furor nas políticas oficiais de preservação de paisagem e patrimônio ambiental urbano. Deve-se acrescentar que, entre nós, o enobrecimento de áreas, com o fito de assegurar ao patrimônio o estatuto de mercadoria rentável, se tem feito com fundos (ou infra-estrutura) públicos em parceria com interesses privados. Exemplos sintomáticos são os casos da “reabilitação” urbana do Pelourinho, em Salvador (declarada “patrimônio da humanidade”, pela Unesco), ou do bairro do Recife antigo (tombado pelo Iphan), agudamente analisados por Rogério Proença Leite (2001).

Está claro que todos estes processos desmaterializam a cidade, desmaterializam a paisagem. O que está em primeiro plano nas preocupações – aquilo que se vende – não é a cidade, mas apenas uma imagem direcionada que dela se construiu. Paradoxalmente, tanto na cidade-espetáculo ou nos cartões-postais, como no marketing da cidade ou na *gentrification*, o que está ausente é a paisagem. (MENESES, 2002, p 59)

Segundo o autor considera, pode ser devastadora para a população local que está à busca de constituir sua identidade cidadã, práticas onde os objetos urbanos são “*marketados*”<sup>7</sup> para atrair clientela. As paisagens vem sendo convertidas em

---

<sup>7</sup> MENEZES, U. T. B. A paisagem como fato cultural. In YAZIGY, E. (Org.) Turismo e paisagem. São Paulo. Contexto. 2002. (p 57).

mercadoria pelo processo turístico, entre outros, e no contexto do sistema produtor de mercadorias não discutiremos desta afirmação. Entendemos ser relevante que o processo de turistificação das materialidades históricas no município, não alijem a população autóctone do consumo das mesmas a exemplo do que é possível ao turista. Que a recuperação destes espaços seja um sinal de efetivo uso equilibrado e democrático do urbano por parte de turistas e população local.

## 2.2. Turismo e qualidade de vida

Segundo a OMT, turismo é “atividade que desenvolve o deslocamento temporário de pessoas para outra região, país ou continente, visando à satisfação de necessidades outras que não o exercício de uma função remunerada”<sup>8</sup> e é um fenômeno ou prática social que se intensifica mais rapidamente, na escala mundial e que, por conseqüência da globalização, também se manifesta no Brasil e em outros países reconhecidos pela denominação de economias emergentes, como um possível mitigador de assimetrias, em se tratando de qualidade de vida. Esta tentativa de inserção por parte das economias emergentes tem trazido à baila discussões sobre temas como singularidade, capacidade de suporte, sustentabilidade, entre tantos outros presentes na literatura sobre turismo, mas que não abordaremos por este texto se tratar de uma breve apresentação do que se subentende por atividade turística e suas principais particularidades, em especial no município de Ribeirão Preto.

Podemos destacar que com o turismo há uma grande e veloz circulação de informações, fundamental estrutura subjacente ao mesmo e que oportuniza uma absorção freqüente de tendências mundiais no âmbito local. Rapidamente as práticas locais reproduzem o que está em curso nos países hegemônicos do ponto de vista cultural e econômico, dando novos impulsos às economias por eles satelizadas.

Junto destes novos marcos das relações econômicas e culturais e dos indicadores reconhecidos como bons, devemos destacar aqueles que se integram

---

<sup>8</sup> CAMPOS, L. C. A. M & GONÇALVES, M. H. B. Introdução ao turismo e hotelaria. Rio de Janeiro. Ed. Senac Nacional, 1998.

ao mesmo processo e que não são contabilizados como positivos e, ao contrário, são tratados como extrínsecos à atividade turística.

Partindo da referência do recorte espacial, objeto de nosso estudo, entendemos que a região é, proporcionalmente, segundo as estatísticas<sup>9</sup>, uma das mais violentas do país. Há uma grande exposição da criança e do adolescente ao tráfico de entorpecente, grande convergência de fluxos migratórios oriundos de regiões emissoras com rendas assimétricas em relação ao núcleo receptor<sup>10</sup>, elevado índice de consumo de bebidas alcoólicas, entre outros.

Foi registrado em 2002, um total de 38.823 ocorrências policiais das quais 78 foram homicídios culposos e 140 homicídios dolosos, 129 tentativas de homicídio, 591 ocorrências de tráfico de entorpecentes e 544 de uso, configurando um quadro de ocorrências superiores àquelas registradas em municípios de mesmo porte no estado e no país.

Assim, por intermédio dos índices apresentados que se relacionam aos indicadores de qualidade de vida, observamos uma região marcada por contradições inerentes aos processos que estão em curso e que já foram anteriormente abordados. A porcentagem de crianças indigentes em 1991 era de 2,10% alcançando 6,26% em 2000. Houve também o aumento percentual de crianças pobres no mesmo período com 9,09% em 1991 e 15,15 em 2000<sup>11</sup>. Embora tenha ocorrido uma melhoria em alguns indicadores sociais como percentual de crianças em idade escolar matriculadas, renda, entre outros, os números apontados anteriormente sinalizam em outra direção. Apesar do aquecimento em curso evidenciado pelos números associados à atividade turística o que se observa de

---

<sup>9</sup> Disponível em < [http://www.seade.gov.br/cgi-bin/lingcv98/spd\\_01.ksh](http://www.seade.gov.br/cgi-bin/lingcv98/spd_01.ksh) > acesso em 04.11.2004.

<sup>10</sup> IPEA/PNUD. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Rio de Janeiro, 2003.

<sup>11</sup> IPEA/PNUD. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Rio de Janeiro, 2003.

modo geral é a concentração de renda no município e depreciação da qualidade de vida dos moradores locais, como já fora tratado anteriormente.

Percebemos que a região e o município vêm espelhando tendências mundiais, como por exemplo, a globalização econômica e cultural. Estas se desdobram com a padronização dos gostos por destinações turísticas, estas últimas centrarem suas estratégias de divulgação na “imagem do produto”, fomento ao desenvolvimento do turismo supostamente sustentável, a idéia de um comércio ajustado às condições ambientais e de mercado e para finalizar, uma crescente tensão entre a conscientização sócio-ambiental do consumidor e a necessidade cada vez maior de consumir viagens. Segundo Ouriques

A multiplicação de necessidades e a criação de desejos de posse de objetos, produzidos pela proliferação das mercadorias, dotou-as de uma espécie de dinâmica própria, subordinando os homens ao produzi-los e reproduzi-los como consumidores, seja como possuidores, seja como desejosos de possuírem mercadorias. O fetichismo da mercadoria é o império do ter, como MARX destaca nos Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844. (OURIQUES, 2005, P 52)

Por conta desta pressão de mercado e alto potencial de absorção de tendências a região desenvolveu e vem incentivando a oferta efetiva do turismo de eventos e negócios<sup>12</sup> e, agregada a esta emerge também, demanda potencial voltada ao que mundialmente é chamado de ecoturismo.

---

<sup>12</sup> COSTA, E. A. da. Festa e negócios no interior paulista. Gazeta Mercantil. São Paulo, 16 de agosto de 2004. Turismo. P A-16.

### 2.2.1. Tipologias e definições no turismo

Para que seja possível uma melhor compreensão do que se entende por turismo de eventos e de negócios procederemos com uma breve explanação sobre os conceitos básicos desta atividade e sua tipologia segundo os fatores de motivação dos deslocamentos. Nos estudos sobre o turismo são encontrados basicamente dois elementos principais caracterizados pela oferta e demanda.

De modo simplificado “a oferta turística é representada pelo conjunto de atrações naturais e artificiais, assim como pelos serviços de uma cidade ou país que atraem as pessoas, despertando-lhes o desejo de visitá-los” (CAMPOS & GONÇALVES, 1998, p 26). Esta se divide em natural, quando diz respeito aos aspectos da natureza e artificial quando corresponde a bens ou acontecimentos representativos dos aspectos históricos, culturais e religiosos de um grupo. Agregase ainda à oferta turística a infra-estrutura básica e a infra-estrutura turística das localidades.

Em nosso trabalho consideraremos, para o desenvolvimento da pesquisa, a oferta turística e as infra-estruturas básica e turística. Como oferta turística serão pesquisados e especialmente localizados os atrativos em si, entendidos, no caso de Ribeirão Preto como sendo principalmente integrantes do patrimônio arquitetônico, religioso e cultural, assim como os locais onde acontecem os eventos que polarizam fluxos no município.

Completando nosso entendimento sobre oferta turística agregaremos as informações sobre a infra-estrutura básica compreendida como o sistema de transporte (modais, terminais, locadoras de automóveis, táxis), comércio, etc. Também buscaremos informações sobre a infra-estrutura turística configurada pela

rede de hospedagem (hotéis, *flats*), alimentação (restaurantes), operadoras, agências de viagens e quiosques de atendimento bancários chamados de Banco 24 horas.

De outra parte demanda “é representada pela quantidade de pessoas com tempo de lazer, renda disponível, e vontade de viajar, por prazo determinado, pelas mais diversas intenções ou necessidades” (CAMPOS & GONÇALVES, 1998, p 26). Pode ser potencial, quando há uma quantidade de pessoas que preenchem os requisitos para viajar, supracitados, mas que não estão em deslocamento, ou real, correspondente àqueles que realmente viajaram para determinado local.

A situação tida como ideal para a destinação turística, encontrada na bibliografia sobre o assunto, é o equilíbrio entre oferta e demanda, uma vez que se sujeitam as determinações do mercado. Segundo Beni (2001, p 420), há dentro do subsistema de demanda do turismo, uma estratificação socioeconômica dos turistas que, por sua vez podem ser divididos em Turismo de Classe “Alta”, de “Elite” ou “Alto Turismo”; Turismo de “Classe Média”, ou “Grande Turismo”, ou “Turismo de Massa” e, por último, “Turismo Social” e “Turismo Popular”. Esta divisão, um tanto simplificada, servirá para que possamos considerar, ao longo do trabalho, que os fluxos turísticos se diferenciam quanto a intensidade e duração, segundo o estrato social que o visitante se insere.

Os integrantes das elites costumam permanecer maior tempo viajando, e em geral sua média do custo dia é superior aos outros estratos já que exigem maior sofisticação no serviço oferecido, além disso, são formadores de opinião das outras duas classes.

A motivação para os deslocamentos turísticos se dá em razão das destinações reunirem elementos que lhes conferem uma ou mais especificidades motivacionais.

O que Beni (2002, p 422) chama de vocação ou poder de atração do núcleo receptor permitindo-lhe afluência. Entre “estes” fatores motivacionais, os de maior destaque, segundo o mesmo autor, são os climáticos e hidrotermais; paisagístico; cultural; religioso; desportivo; folclórico e artesanal; científico; congressual; empresarial ou de negócios; Turismo de eventos fixos, sazonais, de oportunidade e monotemáticos além daqueles de menor projeção que somados chegam a quarenta. Mas em um país com tantas contradições e exageradas concentrações de renda e poder, como o Brasil, uma maior aproximação do tema é desejável para que haja cautela ampliada no entendimento do planejamento de ações que se destinem ao fomento do turismo como alavanca para o desenvolvimento, independente de sua suposta vocação.

No caso do município que elegemos para nossas reflexões, quando considerados, segundo a bibliografia sobre o assunto, os princípios destacados anteriormente para o entendimento do turismo, emerge como evidente a leitura que se faz do mesmo enquanto atividade econômica capitalista que pode dinamizar a economia local. Assim, o que se manifesta no recorte do município não é somente lazer ou descanso. Concordamos com a idéia de que se trata da extensão lógica do capital, pois

O discurso que dissocia o tempo de trabalho do tempo livre não dá conta dessa peculiaridade: o tempo de não-trabalho, na forma de lazeres, férias, em uma palavra turismo, é um tempo do capital, um tempo em que o sujeito que consome o turismo não deixa de reproduzir a lógica do capital. (OURIQUES, 2005, p 18).

Agrega-se a este mesmo discurso a idéia de que além do fomento à iniciativa do grande número de possíveis empreendedores do setor é fundamental criar

mecanismo que evitem a transformação do turismo em uma outra “lente de aumento” das diferenças sociais que se desenham no espaço brasileiro. Sobre esta possibilidade entendemos que parte dos envolvidos no que se costuma se chamar de *trade* turístico já empenhou suas ações em prol de um protagonismo do turismo para o desenvolvimento do município e da região.

Contribuindo para reforçar esta afirmação, obtivemos junto à Delegacia Regional de Turismo de Ribeirão Preto, por intermédio de sua delegada regional, bacharel em turismo, senhora Vera Trivelato, a informação de que já vêm sendo empreendidos esforços no sentido de criar um consórcio integrando os interesses dos 25 municípios ligados à mesma de tal sorte que seja formado um roteiro turístico regional. Este decorreria do projeto que vem sendo fomentado em nível federal que se chama “Roteiros do Brasil” integrante do Programa de Regionalização do Turismo. O município de Ribeirão Preto aparece nos estudos preliminares realizados como possuidor da vocação turística voltada ao agronegócio e aos eventos ligados à área de saúde e a CODERP será a autarquia responsável pelo desenvolvimento do turismo dentro desta perspectiva<sup>13</sup>.

O Estado, em seus outros dois níveis de atuação, além do federal, ou seja, na esfera municipal e estadual, demonstra ser importante agruparem atrativos montando roteiros de circulação que integrem pontos transformando-os em corredores turísticos. Não obstante, é relevante destacar que embora deva haver uma integração entre os pontos, por outro lado não se pode, com as medidas que decorrerão destas ações integradoras, desrespeitar as especificidades de cada local, impactando com a interferência antrópica, os sistemas bióticos e abióticos que compõem o ambiente.

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida em 14.03.2005.

É preciso tratar o horizonte que se descortina com atenção e especialmente transparência nos processos de implantação e desenvolvimento da atividade turística. É preciso ainda mais, pois somente garantindo a autonomia das populações, para que possam optar ou não pela ampliação da atividade turística é que se conseguirá assegurar, efetivamente, melhoria da qualidade de vida dos envolvidos. Cidadania, autonomia, participação devem se transformar em sustentáculos para futuras ações de exploração turística. Concordamos com Ouriques quando este afirma que

O fato é que, nos países e regiões periféricas, todos os esforços vêm sendo feitos a fim de implementar o turismo. Depois dos sucessivos fracassos dos processos de modernização, o turismo apareceu especificamente a partir da década de cinquenta do último século, como a alternativa de desenvolvimento. Foi assim que a África e o Caribe “entraram” nos circuitos do turismo mundial. Uma evidência foi a produção de Hollywood na época: vários filmes retratando o continente africano (como *As neves do Kilimanjaro*) e alguns filmes de Elvis Presley que se passavam em Acapulco, no México.

É inegável que a introdução do turismo na periferia acabou por gerar várias “ilhas de prosperidade”, criando um circuito privilegiado de consumo e produção. Mas essa prosperidade restringiu-se a poucos. Para os trabalhadores, significou apenas a diminuição e/ou substituição de atividades econômicas tradicionais por outras, direta e indiretamente turísticas, como guias, garçons, cozinheiros, faxineiros etc. Ao mesmo tempo, as condições estruturais de vida pouco se modificaram, como apontado por Turner & Ash (1991), Bouhdiba (1981) e Saal (1987), isto é, de modo geral os residentes não se beneficiaram e não se beneficiam do “progresso” que o turismo promete. (OURIQUES, 2005, p 95)

Nosso receio é que em função das políticas públicas serem, em geral, reflexas às intenções das classes econômicas mais abastadas, acabe por se reforçar o

modelo de desenvolvimento iniciado com a implementação da agroindústria sucroalcooleira, onde poucos são efetivamente beneficiados. Para entender um pouco melhor o modelo a que fazemos referência cabe tratar com maior detalhe a dinâmica destes no que diz respeito ao âmbito nacional e regional.

### 2.3. A evolução da produção no campo brasileiro e seus desdobramentos

Os processos pelos quais o Brasil rural passou e continua passando denotam em certa medida fenômenos que implicam em uma diminuição da competitividade do pequeno agricultor frente à empresa agrícola ou mesmo o latifundiário concentrador de terras. Este fato, no entanto não se origina na estrutura da sociedade capitalista atual, mas ao contrário, relaciona-se aos processos de mundialização da economia européia, determinantes para a escolha do modo pelo qual se deu a colonização dos novos territórios agregados às posses metropolitanas.

Já no início da colonização do país, segundo as necessidades européias e os volumes absorvidos por aqueles era inviável economicamente para os que aqui se radicavam a pequena propriedade. O latifúndio açucareiro se efetivaria como prática padrão de exploração das terras. A concorrência mundial, no entanto enfraqueceu o reino Português e introduziu sua principal colônia ao processo de decadência.

O estado que citamos anteriormente foi superado com a exploração de metais preciosos encontrados no interior do território, fato que marcou a expansão das fronteiras. As posses em questão resultaram, nas franjas de ocupação, em novas propriedades que aos poucos foram se tornando, uma vez esgotada a possibilidade de encontrar minerais preciosos, grandes latifúndios.

Com o esgotamento do período de extração de metais e pedras preciosas emergiram outras possibilidades de exploração com base na grande propriedade rural. Nos referimos aqui ao plantio de café, arroz, algodão, entre outros.

Com a concentração a que fazemos referência fica ainda mais difícil a possibilidade de cultivar a terra por parte dos pequenos e, até mesmo, dos médios proprietários rurais, frente ao grande latifúndio durante quase toda existência das nações latino americanas. Segundo Galeano

O latifúndio e seu parente pobre, o minifúndio, constituem, em quase todos os países latino-americanos, o gargalo da garrafa que estrangula o crescimento agropecuário e o desenvolvimento de toda a economia. O regime de propriedades imprime sua marca no regime de produção: 1,5% dos proprietários agrícolas latino-americanos possui a metade do total de terras cultiváveis, e a América Latina gasta, anualmente, mais de quinhentos milhões de dólares para comprar, no estrangeiro, alimentos que poderia produzir sem dificuldade alguma em suas imensas e férteis terras. (GALEANO, 1992, p 139).

Esta situação se agravaria bastante com a ascensão ao poder do regime militar nos anos das décadas de 1960 e de 1970. Assim, concordamos com o autor ainda, quando afirma que o que ocorreu no Brasil após a ascensão dos militares ao poder a partir de 1964 foi ainda mais sério, pois as políticas criadas tendo como objetivo promover o que consideravam ser reforma agrária criaram distorções ainda maiores na organização do espaço rural do país. O autor considera que:

O regime militar que tomou o poder no Brasil em 1964 não demorou em anunciar sua reforma agrária. O Instituto Brasileiro de Reforma Agrária foi, como notou Paulo Schilling, um caso único no mundo: ao invés de distribuir terras aos camponeses, dedicou-se a expulsá-los, para restituir aos latifundiários as extensões espontaneamente invadidas ou expropriadas por governos anteriores. Em 1966 e 1967, antes do maior rigor da censura à imprensa, os jornais costumavam denunciar os

saques, incêndios e perseguições que as tropas da polícia levavam a cabo por ordem do atarefado Instituto (IBRA). (GALEANO, 1992, p 141).

Durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, esta situação descrita pelo autor e abordada por outros intelectuais preocupados com a questão agrária, foi bastante discutida. De acordo com relatório do NEAD, o Ministério da Reforma Agrária, durante a gestão do ministro Raul Jungman, promoveu significativos avanços. O mesmo destaca que:

A política de descentralização, chamando ao centro do processo de reforma agrária estados e municípios; a abertura de novas oportunidades de aquisição de terras para agricultores, meeiros e parceiros, por meio de mecanismos associativos transparentes e bem fundamentados (Cédula da Terra); a ligação da reforma agrária com a produção formando a nova política de agricultura familiar; a capacitação de agricultores do semi-árido para o uso sustentável da água (Base Zero); o contorno de ações de desenvolvimento local envolvendo a equação da agricultura familiar; a modernização dos instrumentos institucionais da Reforma Agrária; a formação da grande rede colaborativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, todos esses vetores da nova política agrária foram examinados, discutidos e avaliados em programas que envolveram o NEAD e outras parcerias fundamentais que ele pôde construir ao longo desses anos, com a CONTAG, universidades, IICA, Banco Mundial, PNU, IPEA e vários outros organismos. (JUNGMAN, 2002, p 1).

O discurso oficial, reproduzido acima como vitorioso, relata um conjunto de ações políticas que teve sua validade questionada a partir da denúncia e comprovação de maquiagem nos dados apresentados pelo governo sobre a reforma agrária onde os inscritos no programa já eram contabilizados como assentados. Este fato foi amplamente divulgado pela imprensa obrigando o governo a admitir que

realmente inflou dados e que a realidade dos números no campo era diferente do que fora divulgado<sup>14</sup>. Fica evidente mais uma vez que as políticas agrárias são bastante vulneráveis a uma análise mais cuidadosa. Não obstante, devemos assinalar que houve progresso em alguns campos relacionados à reforma agrária. Estes, no entanto, significam muito pouco diante da desigualdade construída ao longo de quatrocentos anos com o monopólio da terra pelas elites nacionais e internacionais. Quanto a reforma agrária Caio Prado Junior já considerava em 1979 que

O que se entende e deve entender por “reforma agrária” nas atuais circunstâncias do país, é a elevação dos padrões de vida da população rural, sua integração em condições humanas de vida, o que não é e está longe ainda de ser o caso em boa parte do Brasil. (PRADO JUNIOR, 1979, p 88).

Esta afirmativa mostra que em relação à época que o autor tece seus comentários e hoje, muito pouco mudou em termos mais gerais a não ser a transferência efetiva da população do campo para a cidade. É fundamental destacar que no período de formulação do texto, segundo o autor, ainda estavam no espaço rural cerca de 60 % da população brasileira e hoje estes números segundo os estudos feitos pelo IBGE não alcançam 20% do total de brasileiros<sup>15</sup>. Um exemplo desse deslocamento pode ser observado na tabela 1 que aparece a seguir com os números relativos à população urbana e rural de nosso país

---

<sup>14</sup> VALENTE, R. & SCOLESE, E. Governo infla balanço da reforma agrária. Folha de São Paulo. São Paulo. 21 abr. 2002. Caderno Brasil.

<sup>15</sup> Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/brasil\\_em\\_sintese/populacao05.htm](http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/populacao05.htm)> com acesso em 30 de maio de 2002.

Tabela 1 - População total e proporção da população por situação de domicílio.

	1980	1990	1996	2000
População total (1)	119.002.706	146.825.475	157.070.163	169.799.170
Urbana (%)	67,59	75,59	78,36	81,25
Rural (%)	32,41	24,41	21,64	18,75

NOTA (1): Inclusive a população com idade ignorada em 1980 e 1996

Adaptado por SOUZA, A. A. Fonte: IBGE - Censo Demográfico 1980, 1991, 1996 e 2000.

Em função de um progresso crescente dos transportes e dos meios de comunicação, houve um grande aumento na velocidade da difusão de informações, hábitos, costumes, etc entre os vários grupos humanos no planeta. No bojo deste processo devemos considerar a existência do capitalismo enquanto sistema produtor de mercadorias, que sofre também uma sofisticação, e acaba por provocar o abarcamento da agricultura pelo processo industrial. Surge a agroindústria como extensão do processo de exploração da natureza pelas sociedades.

Devido a estes fenômenos muitas modificações ocorreram nos modelos utilizados pelas populações para desenvolverem suas atividades agrícolas e também para se alimentar, embora isto não tenha acontecido de forma homogênea no planeta. Este fato pode ser entendido a partir da afirmação de Ramon (1998, p 92) que busca demonstrar que os indivíduos das populações que não tem acesso à cultura globalizada e que, em certa medida, são considerados excluídos mantêm seus hábitos alimentares distantes daqueles difundidos pelo planeta pelos meios de comunicação. Um exemplo, tratado pelo autor, seria o arroz que não integra a dieta básica das populações andinas, na América e subsaarianas da África que ainda recorrem ao milho, mandioca e inhame.

Segundo a crítica de Ramon (1998, p 102), a necessidade de introduzir cereais híbridos promovendo a "Revolução verde" como possível solução para o problema

da fome, não se efetiva na prática. Em primeiro lugar, porque os cereais que se tentam introduzir nas dietas alimentares dos países que tem populações famintas são híbridos, e por isso, são sinônimo de aumento do custo para acesso aos mesmos, uma vez que se tratam de melhorias desenvolvidas por grandes corporações internacionais. Além disso, estas sementes sofrem degeneração com o tempo e em geral são mais sensíveis quanto ao solo e água e mais susceptíveis às "pragas" exigindo assim, um maior número de correções de fertilidade e aumento do uso de defensivos e pesticidas.

Após esta breve contextualização nos parece mais claro o fato de que o problema da fome não se resume a uma efetiva transferência de tecnologia dos países centrais que as desenvolvem para os que passivamente as adotam na lógica do capitalismo, pois como afirmam Flores & Silva (1994, p 32) "a difusão da ciência ocidental, no Novo Mundo está fortemente associada à transmissão internacional da desigualdade que se estabeleceu e que ainda hoje persiste e se agrava". Acreditamos que esta afirmação decorre da análise dos autores sobre o fato de que a ciência não é neutra e que geralmente o acesso aos conhecimentos gerados pela mesma é heterogêneo por necessidade de perpetuação de desigualdades inerentes ao processo de exploração capitalista.

Outro elemento, que julgamos importante para nossa análise decorre do fato da periferia capitalista, apesar da reorganização das relações comerciais internacionais, continuarem fornecendo produtos primários aos países chamados de desenvolvidos. Por conta desse fato parcelas significativas de terras agricultáveis localizadas onde o problema da fome é crônico ainda são utilizadas para o cultivo de gêneros consumidos em países ricos. Como complicador desta situação deve-se adicionar o fato de que os preços dos produtos, oriundos da atividade agrícola,

sofreram ao longo das últimas décadas um decréscimo de seu valor da ordem de 30 a 40% no mercado internacional, segundo Ramon (1998, p 94). Para compensar essa queda ocorreu uma ampliação das áreas ocupadas pela agricultura exportadora em países que necessitam do aumento de alimentos para subsistência da população.

Nossa discussão não deve dispensar mais um dado que se agrega a nossa argumentação, representado pelo fato de estar em curso uma globalização que coopta populações e faz com que as mesmas creiam que o padrão de consumo das nações ocidentais (Estados Unidos e Europa, em especial) seja sinônimo de desenvolvimento e melhoria de qualidade de vida. Isto ocorre sem que estes indivíduos tenham consciência que o nível de consumo em questão, assim como os bens consumidos são, típicos dos chamados países ricos e que isto só é possível por causa da maximização da exploração por parte destes sobre a os países pobres.

Segundo, Flores & Silva (1994, p 33), o que vem acontecendo, e que os autores chamam de processo de globalização "está privilegiando os dotados de maior flexibilidade de capital e com maior flexibilidade para produzir ou comercializar em quaisquer espaços geográficos que se tornarem economicamente mais viáveis e politicamente mais convenientes".

A partir desta afirmação podemos concluir que o principal interessado na globalização é o grande capital que responde pelo nome de agroindústria contido dentro de um conjunto de maior abrangência que se convencionou chamar de agronegócio. Este se beneficia, entre outras coisas, da disseminação dos padrões de seus países de origem para outros países do planeta.

Alimentos que anteriormente não ultrapassavam os limites territoriais de um país e que até meados do século XVIII representavam menos de 1% do que era transportado mundialmente, hoje se incluem nas refeições diárias de pessoas de outros países até mesmo de outros continentes. Cereais, como arroz e trigo, leguminosas como soja e feijão, tubérculos como batata e mandioca são transportados em escalas que ultrapassam os milhares de toneladas de um canto a outro do globo, mas somente os incluídos, a eles tem acesso. Um bom exemplo é o fato de 70% dos gêneros agrícolas necessários ao consumo das populações de países desenvolvidos serem originados na periferia capitalista.

Além disso, no sentido contrário aconteceu uma crescente difusão do conceito e das redes de *Fast Food* que se espalharam pelo planeta provocando diversas modificações nos hábitos alimentares de moradores dos países pobres. Por conta da globalização acredita-se inclusive que a opção e acesso a este tipo de alimento representem sinônimo de avanço em termos de qualidade de vida.

Quanto ao modelo euro-americano de exploração acreditamos ser importante estabelecer um paralelo entre os processos de intensificação dos níveis de exploração da terra por intermédio da agricultura capitalista empreendidos na Europa e no Estados Unidos e a maneira pela qual os seus princípios influenciaram a organização agrícola e agrária brasileira. No que diz respeito à mecanização; utilização de fertilizantes industrializados; mudança nas técnicas de plantio, cultivo e colheita e, conseqüentemente, no estreitamento das relações entre o setor agrícola e o industrial as alterações foram significativas.

Por outro lado entendemos que seja pertinente destacar que todos os processos em questão não eram e, mesmo em nossos dias, não são os únicos caminhos para resolver os problemas que historicamente permearam a produção no

espaço rural brasileiro. Em certa medida podemos até mesmo afirmar que são responsáveis pelo agravamento das condições de concentração fundiária e expulsão de contingentes camponeses para periferias metropolitanas e também para fronteiras agrícolas.

Devemos também destacar o enfraquecimento do movimento anteriormente detalhado diante de novas tendências que se configuram no horizonte da agricultura mundial e brasileira. Entre estas, estão as técnicas de manipulação genética, que resultam nos transgênicos, a hidroponia, agricultura de precisão, produção orgânica e, paralelo a isso, destacamos as tendências que se delineiam no campo como, por exemplo: a agricultura em tempo parcial, a pluriatividade, a agricultura familiar, além da reorganização das relações de trabalho no espaço rural brasileiro.

As transformações que se processaram no Estados Unidos chegaram de maneira mais forte até o Brasil em função da grande susceptibilidade do país às orientações vindas daquele país. Um exemplo expressivo deste fato pode ser notado na adoção, por parte dos agricultores brasileiros, de procedimentos que não se adequavam às condições fisiográficas locais para a prática da agricultura.

O que passava a determinar como se desenvolveriam a ação produtiva era o mercado e não mais as condições climáticas, pedológicas ou humanas. O bom agricultor passou a ser aquele que obtinha o maior lucro, mesmo que suas terras a cada dia ficassem mais inadequadas para aquele tipo de Cultivo. Este direcionamento predatório havia sido motivo de denúncia por parte dos organismos federais norte-americanos, mas na esfera local os interesses eram moldados segundo o desejo dos agricultores, e posteriormente comerciantes preocupados com a acumulação de capitais.

O *ethos* protestante, herança dos imigrantes europeus, se apropriara também da organização da atividade agrícola norte americana que se voltava definitivamente ao mercado e a acumulação. Curiosamente, apesar da diferente origem, ou seja, em lugar de anglo-saxões serem latinos, os agricultores brasileiros, chamados modernos, orientaram muitas de suas práticas segundo a lógica destacada, cooptados ou não, por grandes corporações, como veremos adiante.

Apesar da advertência e da intervenção do estado ser reforçada, tanto no Estados Unidos, no passado, como no Brasil, no passado recente e mesmo no presente, devido ao caráter pernicioso das práticas de cultivos adotadas, acaba se intensificando a exploração predatória da terra.

As experiências de diversificação de cultivos no Estados Unidos, durante a transição do século XIX para o XX como tentativa de reverter o processo de degradação das lavouras monocultoras, devido a inúmeras pragas e o empobrecimento do solo, foi substituída pela inserção dos fertilizantes artificiais e posteriormente pelo uso de pesticidas, exemplo seguido pelo Brasil, mais tarde. O modelo sustentado pelo uso destes novos elementos se propagou por todos os cantos do território norte-americano e as práticas convencionais, hoje reconhecidas como ecologicamente corretas, perderam espaço. As mudanças em questão foram tão significativas que chegaram a alcançar a esfera cultural de valores construídos ao longo de gerações de agricultores como relata Romero (1998, p 74) tratando de culturas consideradas sujas ou impuras pelos novos moradores da América.

De outro lado, os métodos utilizados para o cultivo, em solo americano, foram copiados dos modelos europeus e, devido à diversidade de aspectos físicos, não se adequavam ao ambiente norte-americano, ou seja, o modelo introduzido não era o mais indicado, mas mesmo assim, do ponto de vista do capital era o mais acertado.

Segundo Romero (1998, p 80) “a ausência de consciência conservacionista facilitou a difusão de uma agricultura comercial extremamente especulativa, para a qual levar em conta as restrições ecológicas representavam custos insuportáveis”. O autor evidencia, assim que o importante, segundo a lógica de organização da agricultura era lucrar e não conservar, mesmo diante da existência e conhecimento de outras práticas, por sua vez, menos impactantes, mas que ofereciam menor produtividade, por conseqüência menor rentabilidade, e solicitavam mais trabalho.

Tratava-se da adoção de um modelo ecologicamente equivocado, contra inclusive, o que o próprio governo do Estados Unidos da América aconselhou. Ficava claro que o foco da atividade agrícola norte americana estava situado na possibilidade de maximizar os lucros e não na manutenção da qualidade do solo ou das culturas.

A maximização da produção e por conseqüência do lucro, empreendida por um pacote tecnológico no bojo da “Revolução Verde” e de modo subsequente pela transgenia reestruturam a produção no campo conduzindo ao estágio que nos encontramos. Vivemos a fase da agroindústria presente por conta dos complexos agroindustriais e, amparada na lógica capitalista do agronegócio.

### 2.3.1. Turismo e agronegócio

Para que possamos entender o papel do município de Ribeirão Preto em âmbito nacional, no que diz respeito ao turismo de eventos e negócios, obrigatoriamente passamos, em primeira instância como já abordado anteriormente, pela “Revolução Verde” e mais recentemente pela biotecnologia, informática, entre outros recursos tecnológicos aplicados à agricultura.

A esta maior densidade técnica espacialmente localizada no norte do estado de São Paulo, se relaciona com a monocultura da cana-de-açúcar e devido a sua projeção econômica é responsável por boa parte da orientação econômica da região. A grande densidade desta produção está ancorada, no caso de Ribeirão Preto, no complexo agroindustrial sucroalcooleiro, que por sua vez tem grande ascendência sobre a economia do município e da região. Segundo Elias

A Região de Ribeirão Preto, foi palco da instalação e modernização de centenas de unidades de produção industrial com a finalidade de fabricar vários produtos para a mudança da base técnica da atividade agrícola e pecuária, que tiveram suas produções aumentadas em ritmo muito acelerado nas últimas três décadas. A expansão do capitalismo no campo propiciou a criação e expansão de muitos outros setores industriais. Merecem destaque as indústrias produtoras de bens de produção e bens intermediários para a agricultura (máquinas e equipamentos, fertilizantes, adubos, produtos veterinários, farmacêuticos, sementes, defensivos agrícolas, rações, etc.) com utilização intensiva de capital, tecnologia sofisticada e mão-de-obra especializada. (ELIAS, 1996, p 72)

A autora corrobora com a idéia de que a região é efetiva dentro do centro dinâmico econômico do centro sul do país. O capitalismo estabelece uma forte

ligação com a agricultura e a indústria no quadro da produção substituindo relações de parcerias, arrendamentos, etc. pela lógica da agroindústria. Sob esta orientação podemos ainda destacar a relação que existe entre os objetos técnicos gerados por esta reorganização do espaço.

De modo subjacente a esta, ocorre uma progressiva especialização dos eventos realizados na região e espacialmente no município. Estas bases de reorganização do território acabam por oportunizar um maior dinamismo de alguns setores da economia, como por exemplo, no que diz respeito à prestação de serviços ou para ser mais preciso no que diz respeito ao turismo de eventos e de negócios voltados a agroindústria sucroalcooleira, entre outras. Tal demanda se evidencia no trabalho de Silva quando esta afirma que

Um fator que gerou um incremento na estrutura da cidade, diz respeito ao PROJETO RIBEIRÃO PRETO 2001, que fez diversas melhorias na infra-estrutura do município e nas atrações turísticas. A mola mestra desse plano foi a construção de um centro de convenções com um pavilhão de exposições anexo, com 3 mil lugares, propiciando a oportunidade de realização de feiras, exposições, congressos, seminários, encontros shows, etc e alavancagem do turismo de eventos e turismo de negócios. (SILVA, 2000, p 33)

Soma-se a esta informação o quadro de referências que se forma no âmbito regional e que possui estreitos vínculos entre o setor sucroalcooleiro e o turismo. Os exemplos principais desta associação podem ser confirmados primeiramente por intermédio da realização do Carnabeirão, Agrishow e FEAPAM em Ribeirão Preto, Fenasucro, no município de Sertãozinho, Festa do Peão de Rodeio de Barretos, Festa do Cavalo no município de Colina e outros muitos eventos relacionados a agroindústria.

Nesta condição de ascendência da mesma, em termos regionais acaba sendo determinante para que outros componentes espaciais acabem se (re)ordenando. Liga-se a este fato a realização de inúmeros eventos relacionados ao setor sucroalcooleiro propriamente dito, mas também de outros que se articulam ao pólo tecnológico que acabou sendo configurado na região. As universidades que estão localizadas dentro de um raio de aproximadamente cem quilômetros do município de Ribeirão Preto desenvolveram pesquisas voltadas para o setor diretamente ou atendendo a demandas indiretas do mesmo.

Além do setor industrial sucroalcooleiro, há ainda projeção das indústrias alimentícias, químicas e de equipamento odontológico, entre outras. No entanto, como já apontamos anteriormente, há um grande avanço no que diz respeito aos serviços e ao comércio no município de Ribeirão Preto. A estruturação deste setor ganha maior velocidade e produz novas materialidades. São construídos três *shopping centers* no município, alcançando o número de mais de 600 lojas e 30 salas de cinema. O turismo como decorrência do agronegócio, faz uso desta infraestrutura existente tornando ainda mais fluidos os deslocamentos em curso no espaço. Ainda, segundo Silva, comentando os números obtidos em sua pesquisa sobre a Agrishow

Quanto aos motivos que trazem os turistas a Ribeirão, mais da metade dos visitantes vêm em busca de lazer (51,6%) enquanto que os expositores se dividem entre cultura, lazer, ou outro motivo (27,3%).

Uma outra diferença significativa entre visitantes e expositores da Feira, é a média de dias em que cada um deles permanece na cidade e o meio de hospedagem que utilizam.

Os visitantes, como pode ser observado na tabela anexa, ficam em média 1 a 2 dias na cidade e quando pernoitam, hospedam-se a maior parte deles (30,8%) em casa

de amigos ou familiares. Em contrapartida, os expositores permanecem na cidade, numa média de 6 a 7 dias e se hospedam 70,7% deles em hotéis, que são pagos pelas empresas que os trazem a Ribeirão. Desse modo, são os expositores que trazem maior arte da renda para o setor hoteleiro da cidade e são basicamente a demanda deste setor na época de grandes eventos em Ribeirão Preto. (SILVA, 2000, p 69)

Surge, sob esta ótica a informação de que quem está diretamente ligado ao equipamento turístico é o expositor, nesta feira e em outros eventos que se assemelham e predominam na região.

Ganha ainda mais solidez a imagem de Ribeirão Preto, enquanto importante destinação do turismo de eventos e negócios, especialmente dentro do quadro nacional onde o agronegócio, segundo edição especial da revista *Veja* de outubro de 2004 apresenta números bastante promissores.

Desde a ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945) criou o jargão ufanista que tratava o Brasil como “celeiro do mundo”, nunca o país esteve tão próximo da condição de principal fornecedor de alimentos. O Brasil é líder mundial na exportação de açúcar, café, suco de laranja concentrado e do complexo soja (grão, farelo, e óleo) Assumiu também a dianteira nos segmentos de carne bovina e de frango, depois de ultrapassar tradicionais concorrentes, como Estados Unidos e Austrália, e lidera ainda em vendas externas de alguns produtos não agrícolas, como minério de ferro. A presença em oitavo lugar no ranking das exportações de aeronaves demonstra que a indústria também pode ser competitiva em mercados que envolvem tecnologia de ponta, embora ainda engatinhe nesse campo. (VEJA, 2004, p 36)

Percebe-se por estes indicadores apresentados pela revista que agronegócio está respondendo à economia brasileira de forma única. Assim, sob esta lógica, o setor também polariza outros setores da economia conferindo-lhes maior dinamismo.

Ganha sentido maior o agronegócio deixando de ser somente o conjunto de operações da cadeia produtiva, do trabalho agropecuário até a comercialização<sup>16</sup>, mas, além disso, passa a ser uma pré-condição para a atual estruturação do processo produtivo no campo e sua conseqüente influência na economia, principalmente na esfera regional.

À luz desta breve análise é possível estabelecer uma relação entre esta suposta vocação do município para a modalidade de turismo em questão e a instalação de totens nos principais locais ou vias de acesso ao município, como aparece na figura a seguir



**Figura 11 – Tóten institucional em um dos trevos de acesso à cidade de Ribeirão Preto, com a inscrição: Ribeirão Preto: capital brasileira do agronegócio, Ribeirão Preto, SP. Autor: SOUZA, A. A., jun./2005**

<sup>16</sup> HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Objetiva. 2001.

O aquecimento do setor denominado de agronegócios, no norte do estado de São Paulo, tradicional região produtora de Café, Cana e Laranja oportuniza a realização de eventos e negócios de expressiva magnitude econômica no que diz respeito ao mercado interno e externo. Mas como este fato se desdobra resultando em um aquecimento do que se convencionou chamar de turismo de eventos e negócios?

### 2.3.2. Turismo de negócios e eventos

A discussão sobre o tema mencionado no título desta sessão ainda é bastante intensa, em razão de alguns autores não considerarem as viagens à negócios como atividades turísticas. No entanto uma parte significativa da produção acadêmica já o considera efetivo assim como o Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR - autarquia que tem como área de competência a promoção, divulgação e o apoio à comercialização dos produtos, serviços e destinos turísticos do país no exterior<sup>17</sup>. No que diz respeito à divulgação, a EMBRATUR apresenta esta atividade como uma das prioridades das políticas de turismo para nosso país. Para entendermos melhor o que vem a ser o Turismo de negócios e eventos podemos recorrer a Beni que afirma que o de negócios corresponde a

Deslocamentos de executivos e homens de negócios, portanto turistas potenciais, que afluem aos grandes centros empresariais e cosmopolitas a fim de efetuarem transações e atividades profissionais, comerciais industriais, empregando seu tempo livre no consumo de recreação e entretenimento típicos desses grandes centros, incluindo-se também a freqüência a restaurantes com a gastronomia típica e internacional. (BENI, 2002, p 423)

O mesmo autor considera que o turismo de eventos fixos, sazonais, de oportunidade e monotemáticos

Refere-se às realizações constantes de calendários de eventos fixos como feiras, exposições e festas regionais e nacionais já consolidadas, tais como Fenasoft, UD,

---

<sup>17</sup> GOVERNO DO BRASIL. Ministério do Turismo. PLANO NACIONAL DO TURISMO: Diretrizes, Metas e Programas 2003 – 2007. Brasília. 2003.

Salão do Automóvel, Festa da uva de do vinho, OktoberFest, Festa do peão de boiadeiro, Bienal de artes, Bienal do Livro, Feira de calçado, Fenit, entre outros.

Com relação aos eventos sazonais, são de ocorrência regional, geram um processo de crescente competitividade entre municípios e organizações que se situam dentro do circuito razoavelmente homogêneo de produção agropastoril, ou industrial, ou cultural, podendo ou não se inserir em calendários de eventos fixos, tais como: Festa do figo, Festa do Caqui, Festa da Laranja, Festa do Pêssego, Festa do ovo, Exposição de móveis, Feira de Antiguidades, Exposições e Leilões bovinos, eqüinos, suínos, caprinos, festas étnico-culturais como a das Nações e tantas outras.

Os eventos de oportunidade acontecem de maneira mais esporádica, e acompanham sempre tendências de mercado em vários setores produtivos, tais como moda, decoração de interiores, hotelaria, turismo, lazer, comunicações, dentre outros.

Os monotemáticos dirigem-se a subsegmentos do mercado consumidor, com características singulares de expressão artística e cultural, tais como Festival de Cinema de Gramado, Festivais de Música Popular Brasileira, de Música Sertaneja, Semanas Gastronômicas, entre outros. (BENI, 2002, 423)

Nota-se, com o que concordamos, que o autor tem como efetivas estas práticas no âmbito nacional justificando-as por intermédio de alguns exemplos. Alguns dos maiores fluxos de turistas do país são gerados a partir da realização destes eventos que em alguns casos coincidem com os locais onde são realizados negócios que alcançam quantias vultuosas.

A feira Agrishow realizada em Ribeirão Preto pode nos servir, mais uma vez, como um exemplo do que vem ocorrendo no âmbito regional para ilustrar este fato. Segundo números publicados pelos realizadores do evento a edição realizada no ano de 2004 resultou na movimentação de em torno de 1,25 bilhão de reais, fluxo de cerca de 154 mil visitantes, dos quais cerca de 2.000 vindos do exterior e a participação de 604 expositores.

É possível perceber pela magnitude da feira que, no caso de Ribeirão Preto, vem do campo a resposta à solicitação das políticas públicas, com o franco crescimento do agronegócio e atividades correlatas. Estima-se que foram movimentados indiretamente com a realização do evento Agrishow, em Ribeirão Preto e sua região cerca de 120 milhões de reais.<sup>18</sup> Segundo seus organizadores

Em 2005, uma “nova” feira - No próximo ano, a estrutura da Agrishow Ribeirão Preto estará renovada, após a assinatura do protocolo de cooperação técnica entre o Sistema Agrishow e a Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Pelo acordo, o Sistema será responsável pela propriedade onde é realizado o evento até pelo menos 2011. “A Agrishow Ribeirão Preto é a feira da tecnologia e da produtividade, reunindo pequenos, médios e grandes produtores rurais. Com o protocolo assinado com o governo do Estado de São Paulo poderemos investir nas instalações, dando melhores condições de trabalho e realização de negócios para os expositores e visitantes”.<sup>19</sup>

Em 2005, segundo estimativa dos seus organizadores, a décima segunda edição da feira a ser realizada entre os dias dezesseis a 21 de maio contaria com cerca de 610 expositores, dentre os quais dez por cento estrangeiros. O local do evento, Pólo Regional de desenvolvimento tecnológico dos agronegócios do centro-leste, receberá mais de cento e sessenta mil visitantes dos quais mais de três mil vindos do exterior. O volume total de movimentação de negócios, no entanto, devido aos problemas enfrentados com a safra 2004/2005, será cerca de trinta por cento menor do que foi registrado na décima primeira edição da feira em 2004. Cerca de cem milhões de reais ficarão no município e na região segundo estimativas dos

---

<sup>18</sup> Disponível em <[http://www.agrishow.com.br/noticias\\_rp1.aspx?id=624](http://www.agrishow.com.br/noticias_rp1.aspx?id=624)> com acesso em 20.10.2004.

<sup>19</sup> Ibidem

organizadores, principalmente nos estabelecimentos de hospedagem, alimentação e diversão. Também participarão da partilha deste montante os envolvidos na prestação de serviços ligados ao evento como, por exemplo, as locadoras de veículos e aeronaves.<sup>20</sup>

De outro lado, a orientação governamental de turismo acaba convergindo para o mesmo caminho. A EMBRATUR apresentava em seu portal os “negócios e os eventos” como sendo uma das políticas prioritárias para o desenvolvimento do turismo receptivo em nosso país. Aparece no portal de divulgação da mesma que

O negócio é o seguinte: já faz muito tempo que o Brasil está inserido na rota internacional do turismo de negócios e eventos. Sempre com absoluto e reconhecido sucesso. E essa atividade não pára de crescer no País. Economia sólida, estável e em franco crescimento, mercado potencial de mais de 170 milhões de pessoas – predominantemente urbano –, parque industrial moderno e com tecnologia de ponta em vários setores, agricultura das mais rentáveis do mundo e comércio sofisticado, o Brasil se apresenta como uma inesgotável fonte de oportunidades de investimentos. Investidores, empresários, executivos, técnicos e estudiosos acompanham todos os movimentos do complexo mundo dos negócios e o Brasil está absolutamente equipado e preparado para oferecer o suporte necessário para o funcionamento adequado para esse tipo de turismo. A começar pela infra-estrutura hoteleira, moderna, eficiente e em expansão, acompanhada pelos serviços de gastronomia, entretenimento e compras.<sup>21</sup>

Fica clara a interpretação que a administração pública quer imprimir ao setor, e também quer creditar a sua imagem tanto internamente quanto no exterior uma vez que o portal apresenta-se com versões em inglês e espanhol. Este entendimento só reforça o que já é sentido na região e no município, ou seja, uma maior projeção, a

---

<sup>20</sup> TROVO, L. H. Evento Mundial. Gazeta de Ribeirão. Ribeirão Preto, 15 mai. 2005. CADERNO AGRISHOW 2005. p. 2.

<sup>21</sup> Disponível em <<http://www.embratur.gov.br/br/home/index.asp>> com acesso em 20.10.2004.

cada ano que passa, da atividade turística, apesar da instabilidade econômica à qual se submetem as economias dependentes.

### 2.3.3. Magnitude do turismo no Brasil e na região

Para que seja possível discorrer sobre a projeção do turismo no mundo, do ponto de vista econômico, especialmente, podemos recorrer aos números apresentados pela EMBRATUR onde em 1980 estavam em trânsito no mundo cerca de 285,3 milhões de turistas que movimentaram em torno de 105 bilhões de dólares. Já em 2000 a quantidade de pessoas circulando com motivações turísticas saltou para 656,9 milhões movimentando como receitas cerca de 455,5 bilhões de dólares. O ano de 2002 representou um salto ainda maior registrando 714,6 milhões de turistas em deslocamento. Em termos percentuais o Brasil durante a década de 80, não ultrapassou patamares percentuais de 0,30 % do total de turistas em deslocamento no mundo. Embora tenha acontecido um crescimento numérico do turismo no mundo e no Brasil, isto representou em 2002, cerca de 0,53% do total mundial.<sup>22</sup>

Assim observamos que o expressivo crescimento acaba por repercutir em todas as economias do planeta, inclusive aquelas que não são consideradas tradicionalmente, destinos importantes. Os percentuais vistos anteriormente, que denotam a emergência do turismo, em âmbito global, conferem ao Brasil em 1980 1.625.422 ingressos de turista. Em 1999 este número saltou para 5.107.1696 pessoas. Houve um crescimento absoluto significativo, mas ainda corresponde a um percentual pequeno quando comparado à escala global ou a outros destinos. Esta “efervescência” da atividade turística, no âmbito planetário provocou de parte de alguns estudiosos o tratamento do setor como sendo uma indústria. Discordamos

---

<sup>22</sup> CASIMIRO FILHO, F. Contribuição do turismo à economia brasileira. Piracicaba. 2002. Tese de Doutorado. Escola Superior Agrícola Luiz de Queiroz. 2002.

deste fato por entendermos que se trata de uma atividade do terciário que atravessa um período emergente.

A idéia de indústria, neste caso, nos parece ser evocada em razão de ocorrer uma exposição cada vez maior do fenômeno na grande mídia e, evidentemente, por estar sendo atribuída a esta atividade uma magnitude diferenciada e que, em alguns casos, não lhe é própria, confirmada até mesmo pela OMT (2003). Como considera Marx o produto industrial encerra trabalho social, ou seja

Uma mercadoria tem um valor por ser uma cristalização de um trabalho social. A grandeza de seu valor, ou seu valor relativo, depende da maior ou menor quantidade de dessa substância social que ele encerra, quer dizer, da quantidade relativa de trabalho necessário à sua produção. (MARX 1996, p 92)

Assim, podemos inferir segundo nossa proposta, que o turismo por concentrar um grande número de atividades terciárias sob seus “domínios” se caracteriza especialmente por uma grande complexidade no entendimento dos reais valores e preços inerentes aos seus produtos e serviços, do mesmo modo que ocorre com outras atividades análogas em complexidade, já que agrupam ou encerram maiores quantidades de trabalho social. Concluimos que o mesmo distancia as pessoas envolvidas na base de sua elaboração, enquanto produto, de seu real papel, e conseqüentemente, do valor de seus respectivos trabalhos. Santos (2002) considera como sendo parte de uma psicosfera resultante da tecnosfera oportunizada nos lugares mas, que são reflexo de determinações situadas nos âmbitos ou escalas globais, ou mundiais, da produção.

Temos um distanciamento dos homens com relação aos seus respectivos produtos sociais, agravado devido a grande fluidez atribuída ao espaço do capital ou

do turismo em forma codificada de indústria. Resta-nos, neste caso, pensar ou concluir que o turismo herda da denominação que lhe é atribuída, ou seja, de indústria, o que há de pior.

Neste trabalho, no entanto, o turismo no âmbito global e nacional será entendido como integrante do terciário e não do primário ou como alguns preferem, do secundário. Graças ao aumento dos fluxos relatados que, por sua vez, se relacionam com o progresso tecnológico é possível entender melhor o que vem ocorrendo com relação ao turismo no município de Ribeirão Preto que tem sua lógica assentada em articulações globais.

#### 2.3.4. A emergência da atividade turística em Ribeirão Preto.

A partir dos elementos reunidos anteriormente e que são concernentes ao processo de organização do território ribeirãopretano podemos, agora sim, discorrer sobre as características pretéritas expressas na paisagem e que se refuncionalizam dentro do contexto atual no município. Trata-se de algo decorrente de processos maiores que se reproduzem não só neste último, como em todo o estado. Concordamos com Elias quando afirma que:

A difusão de um meio técnico-científico-informacional por todo o estado de São Paulo possibilitou que algumas cidades médias, e não apenas as grandes, se tornassem verdadeiros centros econômicos dinâmicos. Este estado conheceu, especialmente a partir da década de 70, um intenso processo de modernização não apenas na sua região metropolitana, mas também de seu interior, que já na década de 80 apresentava um dos maiores crescimentos econômicos do país. (ELIAS, 1996, p 19)

Podemos, segundo a autora, entender que a evolução dos meios pelos quais a sociedade faz uso dos recursos naturais mediados pela técnica, ciência e informação, ganha nova projeção. A velocidade dos fluxos aumenta e torna o espaço mais fluido em suas relações. No âmbito do município este fato se torna mais evidente, na região, principalmente em razão da montagem dos complexos agro-industriais baseados na atividade sucroalcooleira e na citricultura. No caso do município de Ribeirão Preto há uma maior influência do primeiro complexo citado nos desdobramentos a que a autora faz referência e que dotam a localidade de um maior dinamismo, no que diz respeito à sua centralidade nos processos econômicos.

Além disso, o município e sua região são uma das primeiras parcelas do território a ter uma larga exposição a este processo de modernização da produção.

A relevância desfrutada pelo município durante o período de apogeu da cafeicultura retorna assim, por intermédio de uma agricultura que reúne aspectos ligados a um uso ótimo dos recursos naturais e também por uma inserção mais efetiva da tecnologia nos processos produtivos relacionados à obtenção de álcool e açúcar. Há também uma retomada nos investimentos voltados à criação de uma infra-estrutura urbana que possa atender as novas solicitações desta sociedade influenciada por um crescimento médio na renda per capita. Este fato também se repete na construção de novos equipamentos urbanos.

Ribeirão Preto e região se configuram como espaços de difusão de um grande número de inovações relacionadas aos processos produtivos ligados ao setor sucroalcooleiro. Estas se traduzem em uma especialização da atividade industrial neste recorte espacial, atrelada como já comentamos, de modo mais efetivo ainda ao setor sucroalcooleiro. É montada uma diversidade de indústrias que caracterizam a desconcentração da indústria no que diz respeito à região da metrópole nacional apesar não ocorrer uma descentralização das orientações mais gerais que determinam esta organização do território. Assim, segundo Elias, reforçando estas idéias:

Diante disso, a região é resultado do impacto das forças externas/modernizantes e a capacidade de suas virtualidades, mero espaço de conveniência, mero lugar funcional do todo; uma fração do espaço total do planeta, cada vez mais aberta às influências exógenas e aos novos signos do período atual. (ELIAS 1996, P 22).

Deste modo a reorientação dos processos produtivos que se organizam no âmbito regional é resultante de processos globais integrados a lógica do capitalismo ao nível planetário e pode ser percebida por intermédio da sua repercussão objetiva na ampliação de aportes do crédito rural no espaço que fazemos referência. Quando tratamos deste último fato temos a intenção de demonstrar a diferença entre a realidade econômica da região e de outros locais do estado de São Paulo. O entorno de Ribeirão Preto demonstra, segundo os censos agropecuários do IBGE, uma grande ampliação no número de caminhões, reboques e utilitários adquiridos ao longo da década do ano de 1990. Além disso, a região possuía sozinha, no mesmo período quantidade superior de colheitadeiras que todas as outras regiões restantes do estado, somadas. Simultaneamente também há uma intensificação de investimentos em empresas de setores como de informática; controle biológico de pragas da agricultura e ainda outras tecnologias; direcionamento e intensificação de investimentos na produção de gêneros agrícolas diversos, bem como de fertilizantes e agrotóxicos no campo; saúde; educação voltada ao ensino profissional e especialmente superior no meio urbano, entre outros.

Estes novos dados somados a outros, como por exemplo, a construção e solidificação de uma estrutura de diversões e lazer variada no âmbito municipal, com teatros, casas de espetáculos, cinemas, rede gastronômica, parques e praças municipais, hotéis, centros de eventos, centros de convenções indicam que o município se encaminha para uma especialização mais efetiva na prestação de serviços dentro da rede urbana na qual está inserido. Também do ponto de vista quantitativo o município passa a ser ainda mais importante no âmbito da educação e da saúde.

Há, no entanto, também as ações em curso que estão, de modo subjacente a esta modernização, determinando novas utilizações para determinados objetos urbanos. Como exemplos podemos citar a utilização do prédio onde funcionava o Palace Hotel como centro cultural, uso de uma antiga fábrica de bebidas como recinto destinado a realização de shows de música, utilização de antigas edificações como museus, bibliotecas, etc., utilização de dois locais destinados anteriormente à mineração como parques para recreação e realização de eventos. Há também um estudo iniciado para o desenvolvimento de um projeto de “revitalização” (segundo a administração pública explícita no portal oficial do município) e uso turístico de todo o centro da cidade.

Acreditamos que estes elementos abordados representem indícios de uma refuncionalização do urbano para sua destinação posterior ao entretenimento de parcelas da população e, principalmente, para o uso por parte dos integrantes dos fluxos turísticos. Este último fato deve ser estudado de modo mais cuidadoso, pois, concordamos com Castrogiovanni quando este afirma que

Os turistas, papel que assumimos quando estamos em movimento no espaço fazem parte dos fluxos. Eles não são meros observadores deste espetáculo de interações, mas parte dele. Os fluxos também interagem, formam resistências, aceleram mudanças, criam expectativas, desconstroem o aparentemente rígido cenário urbano. Na maioria das vezes, nossa percepção não é total, mas parcial no tempo e no espaço. A cidade não é apenas um conjunto de elementos observados (fixos), mas o produto de muitos construtores. Alguns construtores parecem ter mais direitos no processo de elaboração do design das cidades. Na realidade, o que possuem é mais poder, pois a cidade é um produto das sociedades e, numa sociedade de classes, alguns grupos adquirem maior ascendência sobre a configuração do espaço urbano, em razão de

terem maiores influências econômicas e políticas do que outros. (CASTROGIOVANNI 2000, p 23)

Acreditamos que este município tem sua gestão compartilhada por vários atores e seus respectivos interesses e justamente em razão deste fato é que nos propomos a refinar posteriormente estas idéias somente reunidas neste trabalho em um primeiro momento. Acreditamos ser o Turismo um dos principais responsáveis por uma aceleração das refuncionalizações urbanas que citamos ao longo de nosso texto.

Um outro indicador do encaminhamento do município para a atividade turística é o fato de nos últimos quatro anos terem sido inaugurados hotéis e flat's com padrão diferenciado quando comparados à rede hoteleira existente. Além disso, alguns hotéis de uma região da cidade compreendida dentro do limite estabelecido pelas ruas Campos Sales, Jerônimo Gonçalves, Francisco Junqueira e Saldanha Marinho sofreram reformas que objetivavam atrair “novos hóspedes” como por exemplo os representantes comerciais em viagem, assessorias e consultorias que atuam na região, empresas terceirizadas por outras da região e também com o objetivo de absorver hóspedes durante os períodos de fluxos turísticos mais intensos. Os restaurantes, assim como outros elementos relacionados ao turismo apresentaram crescimento expressivo dentro do mesmo período remetendo-nos ao entendimento de que vem ocorrendo um crescimento qualitativo e quantitativo com relação ao turismo no município de Ribeirão Preto.

É preciso considerar, no entanto, no que diz respeito à idéia de que o turismo se consubstanciará em novo “motor do desenvolvimento” e geração de empregos, o que aponta Ouriques:

Pensando noutra direção, chamamos atenção para o fato de se tratar de um setor econômico no qual os trabalhadores freqüentemente recebem as piores remunerações em seus respectivos países, configurando, além disso, uma estrutura ocupacional precária, à margem das legislações trabalhistas. De acordo com a Organização Mundial do Trabalho (OIT), no informe n. 39, de junho de 2001, a remuneração do setor turístico nos países da União Européia é 20% inferior ao salário médio daquelas economias. (OURIQUES, 2005, p. 126)

Assim, segundo este autor, devemos nos aproximar do discurso apologético com relação à atividade turística, com um pouco mais de cautela, uma vez que, por se integrar a atividade capitalista o turismo reproduz a lógica deste, de forma ampliada. O turismo e o lazer se transformam em mais uma mercadoria, e como tal busca o convencer seus potenciais consumidores de que se trata de uma necessidade que deve ser satisfeita rapidamente.

Por conta deste desejo sôfrego que o turismo provoca, vivemos um tempo em que as sociedades se “alimentam” de consumo conspícuo, fugaz, desprovido de significado efetivo, a não ser como “status” diferenciado dentro da mesma. Por conta desta “névoa” que se observa, escamoteiam-se os elementos considerados negativos criados pelo turismo, como por exemplo a super-exploração da mão de obra, inclusive a infantil, a prostituição de homens, mulheres e crianças, a proliferação perversa da informalidade que “obriga” aos cidadãos assumirem postos no circuito inferior da economia para garantir conforto e lucro certo no circuito superior. Os vendedores ambulantes fazem suas compras, na maioria das vezes no comércio formal; os guardadores de carros cuidam da segurança do patrimônio daqueles que vão consumir nos restaurantes e bares também integrantes do circuito superior.

Para que seja possível entender, de forma mais completa, a difusão espacial deste fenômeno, ao nível municipal, acreditamos que seja útil recorrer à cartografia voltada ao turismo e também geográfica, em especial, aos chamados “Sistemas de Informação Geográfica” para refletir sobre o que nos propomos neste trabalho. Sob este aspecto nos parece relevante discorrer sobre nosso entendimento a respeito dos temas apontados imediatamente acima.

## 2.4. Cartografia e geoprocessamento: conceitos de cartografia e os mapas sistemáticos e temáticos

Neste trabalho nosso entendimento sobre cartografia será uma forma de direcionar nossas ações. Assim não pretendemos promover uma revisão mais aprofundada da bibliografia sobre o assunto mas sim balizar de forma clara nosso discurso. Segundo a Associação Cartográfica Internacional (ACI) e a UNESCO<sup>23</sup>

A Cartografia apresenta-se como o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização. (IBGE, 1999, p 12)

Embora este conceito desfrute de uma ampla aceitação na comunidade científica ligada aos temários integrantes deste corpo do conhecimento nos parece adequado advertir sobre o que considera Joly<sup>24</sup> sobre os mapas, ou seja, trata-se, antes de qualquer coisa, de uma

Mensagem intelectual tanto quanto documentário, traço de união entre o autor e um leitor, o mapa não é neutro. Ele transmite uma certa visão do planeta, inscreve-se num certo sistema de conhecimento e propõe uma certa imagem do mundo, quer se trate da Terra inteira ou do meio ambiente imediato. (JOLY, 1990, p 10)

---

<sup>23</sup> IBGE. Noções Básicas de cartografia/Departamento de Cartografia. Rio de Janeiro. IBGE. 1999.

<sup>24</sup> JOLY, F. A cartografia. Campinas. Papirus. 1990.

A representação cartográfica assim como a ciência cartográfica se revestem de seu tempo e das idéias a este subjacentes. Apresentaremos a seguir alguns dos elementos que integram este corpo do conhecimento e que serão essenciais para que seja promovida a adequada discussão e, por fim, representação cartográfica em nosso trabalho.

Os conceitos essenciais ao trabalho que aqui desenvolvemos, e que são próprios da cartografia, não carecem também de um grande aprofundamento, em razão de sua ampla aceitação no meio acadêmico. As representações, segundo o IBGE<sup>25</sup> se diferenciam em dois tipos básicos. O primeiro agrupa as representações por traço em duas ou três dimensões. (Globo, Mapa, Carta, e Planta). O segundo reúne as representações por imagem, que podemos exemplificar com os mosaicos (controlados, semicontrolados e não controlados), Fotocarta, Ortofotocarta, Ortofotomapa, Fotoíndice e carta imagem, e estabelece relações mais freqüentes com o Geoprocessamento, que detalharemos adiante.

Outro elemento de fundamental importância para a elaboração de representações cartográficas é a escala cartográfica. Segundo Joly<sup>26</sup> “a escala de um mapa é a relação constante que existe entre as distâncias lineares medidas sobre o mapa e as distâncias lineares correspondentes, medidas sobre o terreno” podendo ser esta gráfica ou numérica. Além disso, o mesmo autor destaca o, também necessário, sistema de coordenadas, que se articula com a projeção escolhida para representar. As últimas podem ser divididas, segundo o que considera o IBGE<sup>27</sup> quanto ao método em Geométricas e analíticas; quanto a superfície de projeção em planas, cônicas, cilíndricas, poli-superficiais; quanto às

---

25 IBGE. Noções Básicas de cartografia/Departamento de Cartografia. Rio de Janeiro. IBGE. 1999. p 21.

26 JOLY, F. A cartografia. Campinas. Papirus. 1990.

27 IBGE. op. cit. p 34.

propriedades em equidistantes, conformes, equivalentes e afiláticas; quanto ao tipo de contato entre as superfícies de projeção de referência em tangentes e secantes. O resultado ou o mapa em si pode ser dividido em dois grandes grupos reconhecidos pelos nomes de mapa de base e mapa temático.

A distinção que se apresenta como proposta é necessária de ser feita em função dos vários usos possíveis dos materiais cartográficos. Assim, os mapas ou cartas, para melhor entender, podem ser cadastrais, com escala de até 1:25.000; topográfica com escala de 1:25.000 até 1:250.000 e geográfica com escalas superiores a 1:1.000.000. Derivam destas chamadas de cartografia sistemática ou “*de base*” os mapas temáticos e especiais. Concordamos com Joly quando este afirma que

O objetivo dos mapas temáticos é o de fornecer, com o auxílio de símbolos qualitativos e/ou quantitativos dispostos sobre uma base de referência, geralmente extraída dos mapas topográficos ou dos mapas de conjunto uma representação convencional dos fenômenos localizáveis de qualquer natureza e de sua correlação (JOLY, 1990, p 74)

Ou ainda, segundo o IBGE, quando tratamos de cartografia temática estamos concordando que

São as cartas, mapas ou plantas em qualquer escala, destinadas a um tema específico, necessária às pesquisas socioeconômicas, de recursos naturais e estudos ambientais. A representação temática, distintamente da geral, exprime conhecimentos particulares para uso geral.<sup>28</sup>

---

28 IBGE. Noções Básicas de cartografia/Departamento de Cartografia. Rio de Janeiro. IBGE. 1999

O material cartográfico gerado derivará da planta cadastral do município de Ribeirão Preto, já em meio digital. A partir deste material é que será construída a estrutura do banco de dados espacial e das cartas temáticas turísticas a este articuladas. Para a consecução desta tarefa nos cabe discutir a natureza dos mapas turísticos.

### 2.4.1.O conceito de mapa turístico

A utilização de mapas dentro na atividade turística é uma prática bastante antiga remontando a 200 d.C, período em que os romanos foram hegemônicos no entorno do mar mediterrâneo. Segundo Martinelli, em nossos dias, os materiais cartográficos produzidos pelo e para o turismo são ainda bastante elementares não explorando toda as suas potencialidades disponíveis. Com isso é possível avançar para um quadro mais eficiente de utilização dos mapas turísticos, principalmente como decorrência da existência dos avanços tecnológicos. Assim, compartilhos com a reflexão do autor quando esse afirma que

Visto neste contexto, o mapa turístico não pode mais ser concebido da forma tradicional, apenas como mero portador de convenções, onde o que mais importa é a relação entre significado e o significante dos signos. Tal mapa deverá ser construído como um sistema semiológico monossêmico, dispensando convenções, onde se passa a exaltar relação entre os significados dos signos. (MARTINELLI, 1997, p 192)

O autor considera assim, que a cartografia de base ou sistemática não é mais a única referência para criar mapas turísticos. Há a possibilidade de recorrer a um sistema semiológico, que tendo como aliado a tecnologia, melhor poderia representar os fenômenos ligados ao turismo. O mapa turístico, preferencialmente deverá ao final, reunir três formas de comunicação distintas, ou seja, o mapa o texto e a foto. Além disso, pode apresentar representações em escalas diferentes de tal sorte que ofereça maior e melhor entendimento sobre o objeto representado. Fundamentando-nos nestes princípios optamos por neste trabalho, utilizarmos os ícones que pudessem ser associados aos seus equivalentes elementos da realidade

e/ou que permitisse fácil leitura ante a consulta das informações gráficas e cartográficas. De outro forma, buscamos uma melhor relação entre signo e significado.

Optamos assim, por ícones comuns à paleta de símbolos do Arcview e os pictogramas utilizados por parte da Embratur. O fato de utilizarmos ícones da paleta de símbolos do Arcview se deve à necessidade de imprimir uma visão sintética sobre determinados aspectos do turismo no município de Ribeirão Preto, por entendermos que pode resultar em melhores consultas espaciais. Um bom exemplo pode ser dado com o ícone escolhido para representar os atrativos turísticos presentes no município e que são de várias naturezas. Este fato acarretaria a geração de tantos temas quanto fossem os tipos de atrativos provocando uma dificuldade maior de separação das informações. Entendemos ser acertado, no que diz respeito há alguns dos elementos representados em nosso projeto proceder com a generalização das informações atinentes ao turismo a serem cartografadas, pois

Assim, deve-se conceber uma cartografia que leve em conta, de um lado, a articulação dos diferentes níveis de abordagem do fenômeno turismo, em conformidade com os conteúdos da análise desta realidade que se articula em várias escalas, e de outro, as combinações e contradições que acontecem entre conjuntos espaciais definidos pelo turismo, num mesmo nível têmporo-espacial de concepção da realidade. (MARTINELLI, 1996, p 31).

Acreditamos que com os recursos de Geoprocessamento tornar-se-á possível uma efetiva representação turística, não somente neste trabalho, mas de forma geral, dentro de um lapso de tempo significativamente mais curto.

Fizemos uso de forma combinada em nosso projeto, de símbolos pictoriais auto-explicativos, que necessitam de um mínimo de informações a eles relacionadas nos temas dos pontos de táxis, locadoras de automóveis e vãs, bancos vinte e quatro horas e equipamentos de alimentação. Utilizamos símbolos geométricos nos temas da base cartográfica (obrigatoriamente linhas e polígonos), infra-estrutura básica e infra-estrutura turística, e agências (incluindo-se as operadoras). Os hotéis foram representados com a letra H para que ficasse facilitada a associação também. A avaliação do resultado de parte do leitor, embora não seja o propósito deste trabalho, poderá ser tratada com mais detalhe no momento em que nos dedicarmos às considerações finais.

## 2.4.2. Geoprocessamento, Sistema de Informações Geográficas, Cartografia digital ou assistida por CAD, computer mapping ou desktop mapping

A utilização de recursos tecnológicos e de informática para melhor representar o espaço já é fato dentro da cartografia, mas são comumente objetos de interpretações equivocadas sobre seus limites e definições. Embora a investigação sobre o nosso tema não exija, para sua consecução, um grande aprofundamento acreditamos ser necessário expor de forma mais precisa o nosso entendimento sobre o que vem a ser geoprocessamento, cartografia digital, CAD e sistema de informação geográfica, entre outros termos comuns à área. Segundo Rosa e Brito

O geoprocessamento pode ser definido como sendo o conjunto de tecnologias destinadas à coleta e tratamento de informações espaciais, assim como o desenvolvimento de novos sistemas e aplicações, com diferentes níveis de sofisticação. Em linhas gerais o termo geoprocessamento pode ser aplicado a profissionais que trabalham com processamento digital de imagens, cartografia digital, e sistemas de informação geográfica. Embora estas atividades sejam diferentes elas estão intimamente inter-relacionadas, usando na maioria das vezes as mesmas características de hardware mas com softwares distintos. (ROSA e BRITO, 1996, p 7)

Assim, nos parece necessário distinguir o que vem a ser cada um destes campos que se relacionam com a pesquisa em geografia. Desta forma segundo os autores supra citados os Sistemas de Informação Geográfica (SIG) são a combinação entre recursos humanos e técnicos que, em concordância com uma série de procedimentos organizacionais, proporcionam informações com finalidade

de apoiar as gestões diretivas. Christofolletti & Teixeira, consideram que Sistema de Informação Geográfica ou SIG equivale ao

Sistema baseado em computador, que permite ao usuário coletar, manusear, e analisar dados georeferenciados. Um SIG pode ser visto como a combinação de Hardware, Software, dados, metodologias e recursos humanos, que operam de forma harmônica para produzir e analisar informação geográfica. (CHRISTOFOLETTI & TEIXEIRA, 1997, p 119)

Complementarmente Câmara & Medeiros, a exemplo do que anteriormente foi tratado, convergem em linhas gerais para o mesmo entendimento do que vem a ser o Sistema de Informação Geográfica. Segundo os mesmos

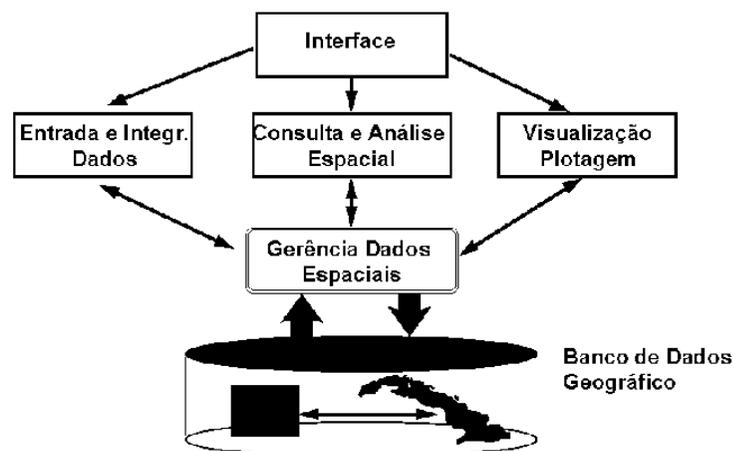
Os instrumentos computacionais do Geoprocessamento, chamados de Sistemas de Informação Geográfica (SIG's), permitem a realização de análises complexas ao integrar dados de diversas fontes e ao criar banco de dados referenciados. Os SIG's tornam possível ainda a automatização da produção de documentos cartográficos". (CÂMARA & MEDEIROS, 1998, p 3)

Após estas considerações devemos afirmar que reconheceremos as rotinas ou procedimentos de preparação ou tratamento, entrada, processamento e análise em meio digital, e por último, saída de dados geograficamente referenciados, por conseqüência, transformação dos mesmos em informações geográficas, como geoprocessamento.

Uma outra combinação de termos que será importante para nosso trabalho é o que se convencionou chamar de "Sistema de Informações Geográficas". Para início

de um entendimento do que pode ser considerado um SIG podemos observar o esquema que segue:

**Figura 12 – Arquitetura de Sistemas de Informações Geográficas**



**Fonte: CÂMARA & MEDEIROS, 1998.**

De outro lado, Moura (2003, p 9) considera que o termo tem sido utilizado sem a correção adequada em função de sua tradução de GIS (*Geographic Information System*) não espelhar o que efetivamente trata, uma vez que, segundo a autora, nem todas as informações manipuladas são geográficas. Para esta

Entre as diferentes traduções usadas em português, não é correto adotar “Sistema de Informações Geográficas”, mas são aceitáveis as denominações “Sistema Geográfico de Informação” e “Sistema Informativo Geográfico”. Pela força do hábito, pois foi esta a primeira tradução que utilizamos, preferimos “Sistema Informativo Geográfico” (MOURA, 2003, p 9)

Consideramos, no entanto, inadequada a abordagem da autora não compartilhando de seu questionamento quanto à correção do uso da expressão,

pois entendemos como geográficos, muitos dados que não aparentemente geográficos como por exemplo as fotografias, entre outros. Estas, a partir de uma maior aproximação, revelam-se como registros de lugares, portanto sendo cartografáveis, e com isso, geográficos. Assim, trataremos em nosso trabalho este conjunto de informações como sendo integrantes de um Sistema de Informações Geográficas, abreviado-o doravante simplesmente como SIG.

Contudo, concordamos com Moura (2003, p 10), quando esta afirma que se pode entender este conjunto de conhecimentos como “o instrumento de elaboração eletrônica que permite coleta, gestão, análise e representação automatizada de dados georreferenciados”. Assim, consideramos que os SIG's estão contidos dentro de um conjunto maior que trataremos como sendo o geoprocessamento, em nosso trabalho.

O entendimento e uso dos mesmos, no entanto, deve se pautar em referenciais que oportunizem um ganho qualitativo para as sociedades integrantes do processo. Compartilhamos com Matias a idéia de que

O poder de manipulação de dados no SIG, em termos de eficácia, pode ser um grande aliado para os estudos geográficos e contribuir para uma compreensão mais atualizada da forma como se organiza e produz o espaço geográfico. Possibilita ao geógrafo trabalhar de forma integrada com dados provindos de diferentes fontes e em diversos formatos e escalas, que serão mais ou menos adequados em função da abrangência e significância do modelo da base de dados a ser adotada como representação dos fenômenos geográficos. (MATIAS, 2003, p 31)

Assim a exemplo do que anteriormente apontamos, acreditamos que o conhecimento científico se reveste de seu tempo e das condições sociais que o inspiram. Entendemos com isso que o conhecimento científico deva estar

comprometido com as sociedades nas quais se insere de tal sorte que sua aplicação resulte em ganhos eqüitativos e qualitativos para as mesmas. O mesmo comprometimento se aplica aos outros dois elementos apresentados, ou seja, a cartografia digital e a cartografia em si, que doravante distinguiremos, mas que não desvincularemos de sua utilização de forma comprometida com a busca de menor desigualdade social e melhor qualidade de vida.

Enquanto a cartografia digital pode ser entendida como a tecnologia destinada à captação, organização e desenho de mapas a cartografia assistida por computador (*Computer Aided Design*) ou simplesmente CAD consiste em instrumentos de desenho digital de cartas e mapas não sendo, portanto sistemas de processamento da informação espacial a exemplo do que são capazes os SIG. Embora alguns softwares considerados CAD apresentem recursos que podem ser utilizados para associar informações cartográficas à banco de dados, não podem ser considerados como sendo SIG, pois estes últimos, segundo Moura (2003. p. 5), são capazes de estabelecer relações topológicas, “ou seja, com estruturas geométricas que manipulam relações como vizinhança, conexão e pertinência. Pode-se resumir topologia como uma “inteligência gráfica” associada ao sistema”. Este grupo de softwares citados por último é entendido como a situação intermediária entre os SIG’s e os CAD’s e são agrupados por Moura (2003. p 11) como sendo os “*Computer mapping*” ou “*Desktop Mapping*”.

Podemos considerar morfologicamente, geoprocessamento, um termo que, segundo Moura (2003, p 8), decorre da junção do prefixo grego Geo, de Geografia, já bastante conhecido, e do sufixo processamento, que vem de processo, expressão do latim *processus* que significa andar avante, “progresso”. Concordamos com a autora quando esta afirma que

Assim pode-se acreditar que o termo Geoprocessamento, surgido do sentido de processamento de dados georeferenciados, significa implantar um processo que traga um progresso, um andar avante, na grafia ou representação da Terra. Não é somente representar, mas é associar a esse ato um novo olhar sobre o espaço, um ganho de conhecimento, que é a informação. (MOURA, 2003, p 8)

Acreditamos assim, que o conceito de geoprocessamento se articula também de modo indissociável aos ganhos que podem ser eqüitativamente distribuídos socialmente. O termo em língua estrangeira que se refere ao mesmo assunto é *Geomatic* ou, como foi traduzida predominantemente na literatura, Geomática. De modo simplificado podemos entender que por fim, se trata de um conjunto de procedimentos envolvendo tecnologias voltadas a coleta e tratamento de dados referenciados espacialmente e que convergem para os propósitos relacionados à tomada de decisões. Assim, também concordamos com Rosa e Brito quando estes destacam que

O uso de SIGs, como instrumento para espacialização e cruzamento de dados, bem como para cálculos de áreas, apresenta inúmeras vantagens, quando comparados a outros métodos. Destacando-se a redução da subjetividade embutida em operações de cruzamento manual, a rapidez nas operações de sobreposição de mapas temáticos e cálculo de áreas, a possibilidade de obtenção de mapas temáticos derivados, além das facilidades de atualizações e aperfeiçoamento dos diagnósticos a partir da introdução de novos dados na base de dados. (ROSA & BRITO, 1996, p 100)

Entendemos, segundo a literatura produzida sobre o assunto, não ser mais possível continuar a refletir sobre a atividade turística e mesmo o planejamento

urbano, de modo mais amplo, sem o uso de ferramentas modernas para tomada de decisões oportunizadas por SIG's. Apesar da discordância, ou relutância de muitos, estes evoluíram alcançando patamares nunca vistos e que, de modo objetivo, tornaram mais interessante seu uso voltado ao planejamento e gestão da ocupação urbana. Compartimos, para nortear nosso trabalho, com a definição onde

Entende-se o planejamento como o conjunto de ações de análise e de construção de propostas que ocorrem em maior escala temporal e espacial, enquanto gestão deve incorporar a dimensão tempo, e acompanhar as mudanças no cotidiano urbano, em menor escala temporal e espacial. Os dois processos devem trabalhar em sintonia na ordenação de um espaço urbano, pois é necessário planejar a cidade e estudar as conseqüências das propostas para o conjunto urbano, enquanto as modificações ocorridas e geridas em menor escala devem ser contextualizadas ao planejado para a área como um todo. (MOURA, 2003, p. 275)

Sob estes referenciais, entendemos que o espaço urbano deva ser planejado com maior cautela de tal sorte que seja possível dimensioná-lo com o intuito de adequá-lo às necessidades das pessoas que compartilhem seu uso diariamente, principalmente. De forma secundária pode-se refletir sobre a participação do turista, pois a cidade que atende de forma satisfatória às necessidades dos autóctones, se fazendo confortável para os mesmos, certamente também o será para os turistas. Uma vez delimitado nosso entendimento sobre os termos supracitados, assim como nossa perspectiva sobre o uso dos mesmos, entendemos como conveniente tratar da interface possível entre os mesmos e a atividade turística, como já antecipado em nosso trabalho.

### 2.4.3. Geoprocessamento e turismo

Como nossos objetivos convergem para uma maior aproximação entre os dois temas e um terceiro que é subjacente, ou seja, a Geografia, buscamos reunir na literatura a que tivemos acesso informações que possam referenciar nosso trabalho. Assim, por força da emergência da atividade turística como importante possibilidade econômica dentro do sistema capitalista entendemos que a mesma ganha maior envergadura como problemática espacial a ser objeto de reflexão dentro do campo do conhecimento geográfico.

Além disso, entendemos que nosso trabalho pode ser importante devido ao fato de a administração municipal não possuir os dados a que nos referimos anteriormente dentro de um SIG, de tal sorte que possam dar suporte à tomada de decisões, sobretudo de acordo com perspectivas do planejamento.

Buscamos na revisão realizada sobre a literatura que trata desta interface entre as três áreas do conhecimento nos concentrar no período compreendido entre os anos de 1998 e 2004 devido à rarefação de experiências anteriores a este intervalo. Os trabalhos que integram os temas tratados podem ser classificados, por uma questão de orientação final ou dos objetivos a que os autores se propuseram à consecução, em dois grupos.

De um lado aqueles que se ocuparam em proporcionar a disponibilização de informações com o uso do geoprocessamento com caráter especialmente ilustrativo gerando principalmente mapas de localização de atrativos e equipamentos turísticos e seus respectivos atributos equivalendo ao *Computer Mapping*. Assim entendemos que os trabalhos de Almeida, Moreira, Rodrigues e Rosa (2002), Centeno, Andrade, Godoy e Araki (2001) e finalmente de Alves, Barroso, Ramos e Pacheco (2001) se

enquadram neste primeiro grupo. Na primeira referência, por exemplo, os autores por intermédio de seu texto, afirmam que

É dentro desta ótica que um mapa bem elaborado, que possa ser constantemente atualizado com informações importantes, de fácil acesso e utilização, deve ser desenvolvido usando recursos modernos que permitam consulta em sites e terminais situados em pontos estratégicos.

Órgãos e empresas, públicas e privadas, possuem dados sobre as áreas de exploração turística da cidade e do município. Estes dados, introduzidos em um banco de dados através de um Sistema de Informações Geográficas - SIG, possibilitarão, além de sua localização espacial, uma descrição sintética de seus atrativos, informações sobre turismo na cidade e, de posse destas, decidir para onde ir, o que visitar, onde ficar, como chegar lá, qual o melhor caminho e como obter mais informações. (ALMEIDA, MOREIRA, RODRIGUES & ROSA, 2002).

Evidencia-se que o mapa não será tratado como o portador das informações detalhadas mas que servirá de ponto de partida para outras ações que objetivem estas. Estarão acessíveis a localização espacial, uma descrição sintética e informações sobre o turismo, cabendo ao leitor refiná-las. Trata-se, deste modo de uma composição que será utilizada para consulta e que a partir da reflexão de seu leitor conduzirá a decisões. No segundo trabalho citado encontramos a afirmação de que

As páginas Internet não podem ser encaradas apenas como cópias de documentos gráficos existentes, mas devem ser tratadas como um meio moderno de visualização, pois seu formato digital e dinâmica permitem a integração de vários recursos (multimídia) que podem ser fundamentais para disponibilizar uma grande

quantidade de informação on-line e ao mesmo tempo chamar a atenção do público.  
(CENTENO, ANDRADE, GODOY E ARAKI, 2001, p. 1077)

A idéia que se apresenta revela que o papel principal proposto é disponibilizar uma grande quantidade de informações e chamar a atenção do público, reforçando nossa afirmação de que trata de seu caráter ilustrativo, já que os dados serão disponibilizados também com o intuito de chamar a atenção do público. Do mesmo modo não é tratada a hipótese de serem realizadas consultas a partir das informações em questão. Por último, na terceira referência encontramos a seguinte afirmação

O objetivo principal deste trabalho é trazer ao conhecimento daqueles que, em momento de lazer, atraídos pelo potencial turístico do Município, possam assimilar também alguma cultura geológica, através de informações distribuídas em locais estratégicos. (ALVES, BARROSO, RAMOS E PACHECO, 2001 p. 537)

A elaboração de material cartográfico se prestará a localizar os atrativos geograficamente e ilustrar sua ocorrência com textos que, segundo os autores, podem contribuir para o desenvolvimento de uma cultura geológica. Mais uma vez emerge o caráter ilustrativo e não é tratada a possibilidade de serem realizadas consultas, mesmo que simplificadas, para proporcionar reflexões mais elaboradas sobre a atividade turística e sua dimensão material.

Por outro lado, entendemos que os trabalhos de Rolim e Ribeiro (2001), Andrade e Calheiros (2001), Costa, Soares, Ribeiro e Silva (2001)<sup>29</sup> e, por último,

---

29 COSTA, L. A. O Uso de Sistema de Informações Geográficas na Determinação da Aptidão de Áreas Rurais para a Recreação e Turismo: O Caso da Microbacia do Ribeirão São Bartolomeu, Viçosa, Minas Gerais In Anais X SBSR, Foz do Iguaçu, 21-26 abril 2001, INPE, p. 419-429.

Barbosa, Soares e Medeiros<sup>30</sup> que integram o segundo grupo, buscam uma aplicabilidade por intermédio do uso do geoprocessamento para as informações obtidas em processos similares aos do primeiro grupo, para que estas sirvam de referência mais densa para a tomada de decisões na (re)organização do espaço geográfico. Como exemplo podemos destacar no texto de Rolim e Ribeiro o que pretendem com seu trabalho. Deste modo afirmam que

Este trabalho teve o objetivo geral de levantar as potencialidades turísticas do PESB usando como suporte o sistema de informações geográficas e como objetivo específico levantar subsídios para a elaboração do plano diretor do PESB e avaliar a necessidade do planejamento ecoturístico. (ROLIM & RIBEIRO, 2001, p 967).

Percebemos, por intermédio do que apresentam como objetivo do trabalho, que buscam levantar dados e convertê-los em informações que possam ser utilizadas como subsídios que se articulem com o Plano Diretor do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro e também, caso haja a necessidade, de um plano ecoturístico. Assim, não se trata de um trabalho que objetiva ao final expor simplesmente os dados convertidos em informações, mas sim tomar estas últimas como ponto de partida para a realização de reflexões mais elaboradas que visem o ordenamento da ocupação espacial.

Sob esta mesma perspectiva mas com maior refinamento ainda encontramos no trabalho de Andrade e Calheiros uma abordagem ainda mais aprofundada sobre o relacionamento entre Geoprocessamento, Turismo e Geografia. Os autores fazem

---

30 BARBOSA, A. M. Utilização de sistemas de informações geográficas e produtos de sensoriamento remoto como subsídio para planejamento em ecoturismo no município de Capitólio – MG. In Anais XI SBSR, Belo Horizonte, Brasil, 05 -10 abril 2003, INPE, p. 551-558.

referência aos temas que articulam estas três áreas do conhecimento como ponto de partida para o planejamento territorial como demonstra a passagem a seguir

A temática estudada partiu da necessidade de um estudo mais aprofundado no âmbito dos municípios integrantes do litoral sul alagoano pela observação de alterações recentes nesse espaço geográfico, provenientes tanto da penetração do turismo possibilitando uma especulação imobiliária (loteamentos) com possibilidades de expansão urbana (condomínios). Isto conduz mudanças na organização do espaço até então eminentemente agrícola. O desenvolvimento da agricultura no Estado de Alagoas condicionou-se basicamente na monocultura da cana-de-açúcar a partir da instalação dos núcleos de povoamento em áreas estratégicas, Lima (1965). Diante destes fatos, surge a necessidade de um estudo de identificação das áreas potenciais para o fenômeno do turismo. Essa situação identificada na área de estudo, vêm ocorrendo de forma espontânea (não planejada), cujas intervenções vêm introduzindo importantes alterações ambientais, com conseqüentes impactos; necessitando de um planejamento e gestão territorial, que respeite as condições ambientais, sócio-econômicas e culturais. Para tanto, torna-se importante um diagnóstico ambiental das potencialidades e limitações da região em estudo. Entretanto, por se tratar de um estudo ambiental que envolve número considerável de dados e informações, este foi instrumentalizado pelo uso de geoprocessamento associado a um GIS (Geographical Information System), cujos produtos poderão apoiar decisões político-administrativas de ordenamento territorial. (ANDRADE & CALHEIROS, 2001, p. 419)

Obedecendo a mesma abordagem anteriormente tratada podemos destacar o trabalho desenvolvido por Costa, Soares, Ribeiro e Silva (2001) que desta a importância da coleta e organização de dados em SIG's, de tal sorte que sejam o substrato para a tomada de decisões concernentes à atividade turística como pode ser observado a seguir

Alguns trabalhos têm sido realizados na microbacia do Ribeirão São Bartolomeu buscando obter informações do meio físico como os de Rezende(1971), Costa(1973), Schaefer(1990), Fernandes(1996), Arruda(1997) e Vilela(1998). No entanto, nenhum desses estudos avaliou as potencialidades dessa área para os objetivos de uso de recreação e turismo.

A determinação da aptidão para esta atividade, permite conhecer as potencialidades de uma área podendo subsidiar a estruturação de um efetivo plano com este fim, principalmente nos dias atuais, quando esta atividade em nível rural vem se tornando uma nova fonte de renda para o produtor, devendo ser encarada como uma possibilidade real e atual.

Além disso, utilizar instrumentos eficientes para esta determinação possibilita a tomada de decisão mais segura. Assim, o uso do método de análise hierárquica(MAH) e da estratégia de avaliação de critérios múltiplos pela média ponderada ordenada(OWA) presentes em SIG, podem auxiliar nesta direção.

Neste sentido, a combinação das técnicas de avaliação sob critérios múltiplos, a definição de critérios e pesos, as tecnologias de sensoriamento remoto e sistema de informações geográficas com a participação de especialistas no processo de decisão, podem oferecer um instrumento integrado, possibilitando a determinação dessa aptidão. Assim, este trabalho visou desenvolver uma metodologia para a geração da aptidão de áreas rurais para a recreação e turismo e determinar a aptidão desta atividade na microbacia do Ribeirão São Bartolomeu. (COSTA, SOARES, RIBEIRO E SILVA, 2001, p. 419)

Evidenciam-se nos trabalhos anteriores, informações que nos remetem a uma reflexão complexa sobre o fenômeno do turismo. A estes trabalhos ainda se soma o de Barbosa, Soares e Medeiros (2003) que, quando tratam de seus objetivos de pesquisa afirma que

A pesquisa tem como objetivo realizar a ordenação de unidades de paisagem de valor para ecoturismo, com suporte de técnicas de sensoriamento remoto e geoprocessamento, sintetizando as informações através de uma documentação cartográfica adaptada do sistema de ícones da Embratur (2001). A base de dados levantada servirá de subsídio ao planejamento de atividades de ecoturismo, contribuindo também para o desenvolvimento de atividades futuras relacionadas ao agroturismo. (BARBOSA , SOARES E MEDEIROS, 2003, p 551).

Embora a leitura de todos os trabalhos tenha sido valiosa para constituição de nossa argumentação foi realmente no segundo grupo que encontramos as referências que consideramos instrumentais para realização de nossa pesquisa.

Esse grupo formado pelos trabalhos que citamos anteriormente, segundo nosso entender, busca alcançar patamares distintos daqueles atingidos pelos trabalhos do primeiro grupo. Em outras palavras, estes trabalhos segundo nossa interpretação, objetivam não só gerar material com o uso de ferramentas de geoprocessamento a partir da combinação de dados vetoriais, *raster* e alfanuméricos, mas sim, fazer com que o resultados obtidos sirvam de fundamentação para sustentar decisões sobre o planejamento da atividade turística.

Do ponto de vista do método e dos procedimentos técnicos os trabalhos foram de grande importância para refletir sobre a estrutura do que pretendemos abordar com o mapeamento turístico do município de Ribeirão Preto que trataremos adiante.

Assim, ao final da análise dos trabalhos listados anteriormente, nos parece mais evidente que há uma vertente de pesquisas que, fazendo uso de ferramentas de geoprocessamento, se encaminham para ações que visam cartografar fenômenos, determinar localizações, espacializar dados, etc. De outro lado, entendemos que um outro grupo utiliza-se das mesmas ferramentas para o desenvolvimento de trabalhos de combinação e análise de dados com um nível de

refinamento e aprofundamento diferenciados, este sim, segundo nosso entendimento, em maior sintonia com os objetivos por nós elencados.

Embora não tenham sido tratados anteriormente por uma questão de opções determinadas pela pesquisa, é importante destacar que há também na literatura em outros idiomas como o inglês<sup>31</sup> e francês, entre outras, obras que se relacionam aos temas. No entanto, entendemos não nos parecem indispensáveis, uma vez que encontramos trabalhos com densidade proporcional aos objetivos que estabelecemos ao início de nossa pesquisa em língua portuguesa.

---

<sup>31</sup> Podemos destacar em língua inglesa o Journal of Sustainable Tourism do Department of Tourism and Environment, University of Lincolnshire and Humberside no Reino Unido; The Journal of Travel Research do Virginia Polytechnic Institute & State University, entre tantos outros disponíveis para consulta em meio digital.

### 3. DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO: O MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO.

Como sinalizado anteriormente, a parte que segue de nosso texto, descreverá como se configuravam e, atualmente se configuram, os principais traços da paisagem do município de Ribeirão Preto, assim como, também será espaço dedicado à discussão dos processos mais gerais do capital que provocaram a ocupação da mesma, especialmente ao longo do último quartel do século XIX até os dias atuais. Discutiremos estes dois temas por, em primeiro lugar, no caso da descrição dos aspectos natureza, procurarmos entender os motivos da chegada e ocupação promovidas dentro da área delimitada como objeto de estudo em nossa pesquisa e principalmente buscar um melhor entendimento de como estes aspectos são hoje utilizados com finalidades turísticas.

Por um outro lado, acreditamos ser importante entender como o recorte em questão, reage enquanto depositário de registros ou marcas impressos em sua paisagem como decorrência da intervenção da sociedade. Cabe destacar que o cunho destes novos dados é por nós entendido principalmente como mais um desdobramento de processos capitalistas globais a partir da integração mais efetiva das economias periféricas à lógica de delimitação e ordenação dos seus novos territórios.

Cabe, no entanto, assinalar que também não nos propomos neste momento a exaustiva revisão de dados bibliográficos disponíveis sobre o tema, uma vez que apenas cumprirá o papel de localizar melhor, no tempo e no espaço, nosso recorte geográfico.

Para promover uma aproximação mais adequada de nosso objeto destacaremos que o recorte da totalidade que utilizaremos em nossas reflexões está contido no nordeste do estado de São Paulo. Para maior precisão, trata-se de uma parcela do que o IBGE reconhece como sendo microrregião geográfica de Ribeirão Preto. Estas são definidas

Por suas especificidades quanto à estrutura de produção agropecuária, industrial, extrativa mineral e pesqueira. Para a compreensão das especificidades da estrutura produtiva, utilizaram-se, também, informações sobre o quadro natural e sobre relações sociais e econômicas particulares, compondo a vida de relações locais. (MAGNAGO, 1995, p 85-86)

No caso da microrregião de Ribeirão Preto, vista no Mapa 1, e delimitada segundo critérios do IBGE, acreditamos ser relevante destacar que o fato de delimitarmos o recorte de estudo neste momento não significa entendê-lo de modo extrínseco aos processos globais que estão em curso e que repercutem localmente.

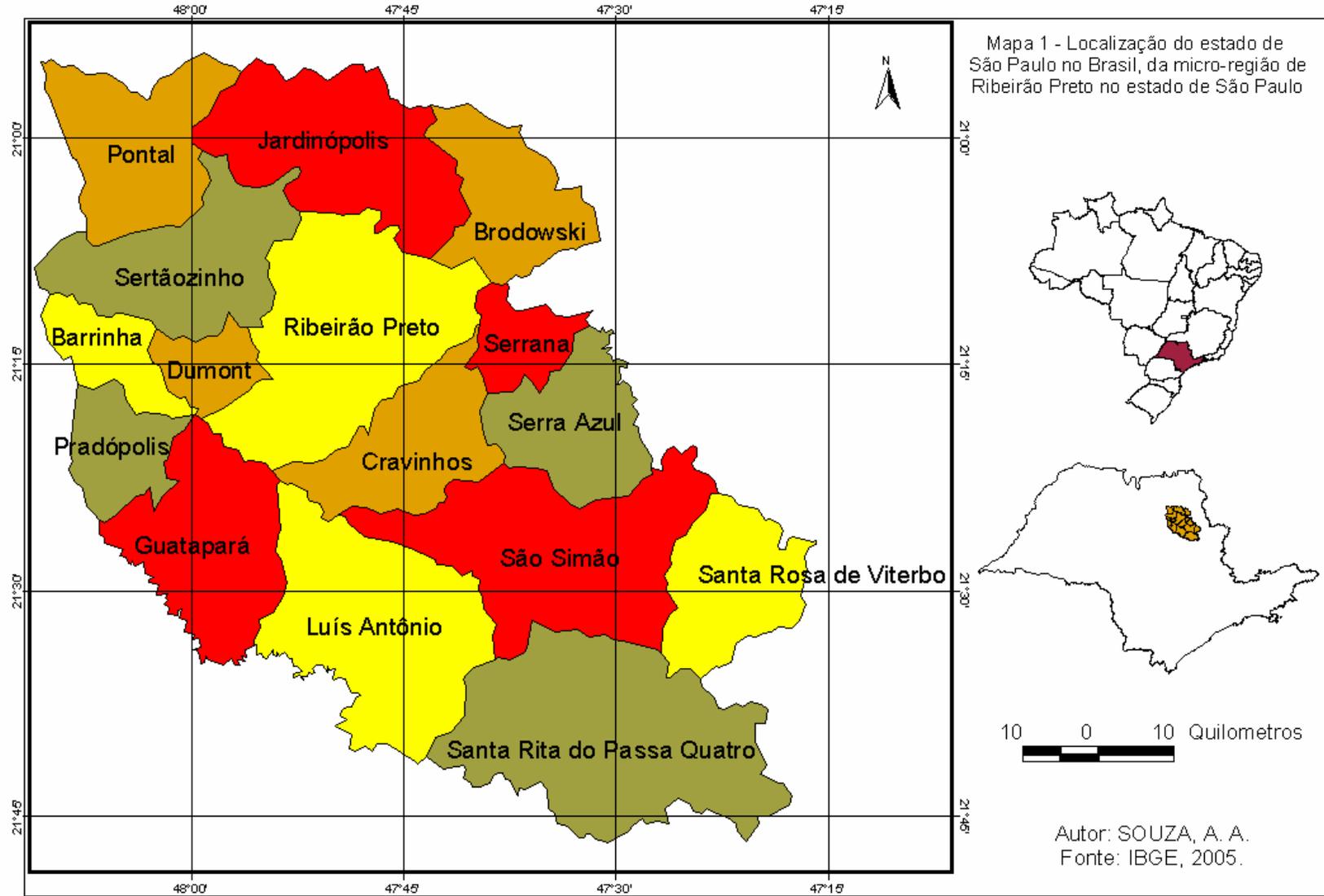
Assim, apenas para maior precisão, o município nomeia e é o principal da microrregião geográfica de Ribeirão Preto que ainda conta em sua composição com as localidades de Pontal, Jardinópolis, Sertãozinho, Barrinha, Brodósqui, Cravinhos, Dumont, Guatapará, Jardinópolis, Luis Antônio, Pradópolis, Santa Rosa De Viterbo, São Simão, Serra Azul, Serrana.

Acreditamos também ser relevante destacar que esta é uma das possibilidades de regionalização existentes e que podem ser utilizadas. Há no âmbito estadual as divisões em regiões administrativas e de governo possíveis, por exemplo, que aparecem no Plano Plurianual<sup>32</sup> do Estado de São Paulo e que podem ser úteis à

---

32 <http://www.planejamento.sp.gov.br/home/sep.asp?Browser=Mie800x600&Par=pri>

pesquisa, mas que, segundo nosso entendimento estão ancoradas em critérios estaduais, ou seja, definidos pelo governo do estado de São Paulo, podendo ser substituídas por nossa opção – do IBGE – que se define por critérios estabelecidos em nível federal.



O mesmo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) qualifica uma parcela do conjunto de municípios como um aglomerado urbano não metropolitano composto pelos seguintes municípios: Ribeirão Preto, Barrinha, Cravinhos, Dumont, Guatapar, Pradópolis, Serrana e Sertãozinho<sup>33</sup>. Entre estes, embora indissociável de seu conjunto, dada a contiguidade física, nos ateremos, como já dito, de modo mais específico ao município de Ribeirão Preto, embora o conjunto seja considerado durante nossa pesquisa. Retomaremos oportunamente a configuração política na qual se insere o município para maior aprofundamento mas consideramos neste momento suficiente esta delimitação espacial. O município está distante da capital 289,7 em sua menor distância rodoviária, e tem área de área 652.2 quilmetros quadrados, possui segundo estimativa do IBGE para 2004<sup>34</sup>, 542.912 habitantes alcançando a densidade demográfica de 774,3 habitantes por quilmetro quadrado.

---

33 Delimitação regional referenciada na Série de Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana / IPEA, IBGE, UNICAMP. Brasília: IPEA, 2001.

34 <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>

### 3.1. Caracterização dos aspectos naturais

Entendemos que esta parcela do território do Estado de São Paulo apresenta em sua morfologia condições relativamente homogêneas por estar inserida dentro de um macro-conjunto resultante de processos denudacionais que se assemelham, dadas as especificidades climáticas. Estas atuaram e ainda atuam, evidentemente, sobre sua litologia de modo tal que sua paisagem espelha estas dinâmicas, embora seu ritmo perca em magnitude para os processos técnicos em curso no nordeste do estado de São Paulo.

Do ponto de vista da hidrografia, estes processos aos quais nos referimos anteriormente encontram-se sujeitos a influência exercida pela drenagem de duas bacias hidrográficas tributárias do Rio Grande, ou seja, o município está compreendido, pela mesopotâmia descrita pelas calhas dos rios Pardo e Mogi-Guaçu, mas que está inserida dentro de um conjunto muito maior correspondendo ao que é reconhecido pelo nome de Bacia do Paraná tendo como eixo central ou principal canal de drenagem o Rio Paraná.

A caracterização da região e do município, conseqüentemente, será dividida segundo três aspectos que consideramos principais para nosso estudo: Aspectos climáticos; Cobertura vegetal original (residual) e Aspectos geológicos e geomorfológicos explicitados no relevo.

### 3.1.1. Geologia e geomorfologia

Segundo Ab'Saber na região são encontrados traços que caracterizam-na como integrante do domínio dos chapadões recobertos de cerrados e penetrados por florestas-galeria. O município de Ribeirão Preto, desta forma, está:

No subdomínio dos chapadões interiores florestados, padrões especiais de paisagens e ecossistemas na frente e no reverso imediato das altas *cuestas* basálticas ou arenítico-basálticas. Diversos agrupamentos de morros testemunhos bizarros, por parte florestados. Eventuais topografias ruiformes na frente das escarpas areníticas. Setores de vales, com esporões sucessivos ou escalonados, interpenetrados pelas águas de grandes reservatórios construídos por companhias hidrelétricas brasileiras, constituindo reservas de espaços para povoamento de weekend, road settlement e para lazer. (AB'SABER 2003, p 17)

No que diz respeito aos aspectos fisionômicos ou paisagísticos o que se pode perceber por intermédio dos sentidos se articula facilmente ao quadro descrito anteriormente. Trata de uma região com predomínio de *cuestas* arenítico-basálticas que conferem a paisagem um modelado singular. Devido a uma densa rede de cidades instaladas, podem ser observados ambientes intensamente antropizados, especialmente no que diz respeito à agroindústria canavieira, entre outros.

Do ponto de vista geológico tanto Zalan<sup>35</sup> quanto Segura-Muñhos<sup>36</sup> consideram que o município de Ribeirão Preto situa-se em uma estrutura intracratônica do continente sul-americano, denominada "Bacia Sedimentar do

---

35 ZALÁN, P.V.; WOLFF, S.; CONCEIÇÃO, J. C. J.; ASTOLFI, M.A.; VIEIRA, I.S.; Appi, V.T.; ZANOTTO, O.A. 1987a. Tectônica e sedimentação da Bacia do Paraná. In: SIMPÓSIO SUL-BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 4º. Curitiba, 1987. Atas... Curitiba, SBG. v. 1, p. 441-477.

36 SEGURA-MUÑOZ, S. I. S., Impacto ambiental na área do aterro sanitário e incinerador de resíduos sólidos de Ribeirão Preto, SP: Avaliação dos níveis de metais pesados. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São 2002.

Paraná”. Esta se desenvolveu já sobre a crosta continental a partir do Siluriano e do Cretáceo. O município está à leste da borda oriental daquela em uma região composta por um sistema de *cuestas* que se estende no sentido nor-nordeste/sul-sudoeste dentro dos limites do estado de São Paulo. Há afloramentos de arenitos Botucatu e Pirambóia em lentes de espessura bastante irregular, intercaladas por derramamentos basálticos também bastante irregulares.

Por serem também compostas por arenitos, estas estruturas mostram-se bastante frágeis às intervenções antrópicas, especialmente em decorrência do fato de nos locais onde afloram os arenitos é que se encontram as áreas de recarga dos aquíferos que abastecem o município, em especial do Guarani.

Acreditamos ser relevante destacar que aspectos esculturais e estruturais do relevo, ou ainda, a morfologia da região vem sendo estudados desde o início do século passado por especialistas do conhecimento geográfico como aparece no comentário que segue:

As áreas de planaltos das zonas pioneiras paulistas é uma parcela das chapadas brasileiras, cujos limites e importância, do Rio Grande do Sul até a Amazônia, foram recentemente ressaltados por De Martonne. Ao sul do Rio Grande (limite entre São Paulo e Minas Gerais) esses planaltos são nitidamente limitados, a leste, pela escarpa ou *cuesta* da serra de Botucatu e serra Geral. Para oeste, eles se inclinam na direção do rio Paraná. (MONBEIG, 1984, p 35)

Assim a área onde se encontra hoje, o município de Ribeirão Preto foi valorada em decorrência de possuir características naturais importantes para a prática da monocultura exportadora de produtos agrícolas, especialmente de café. Como descreveu Monbeig, os solos foram decisivos já que resultaram da decomposição de

basaltos dando origem a composições características de regiões intertropicais de clima úmido e estações chuvosas e secas alternadas, acarretando a remoção da sílica, e o enriquecimento dos solos.

Os lençóis de lavas efusivas consolidadas resultaram em topografia pautada por patamares que sujeitos aos processos físico-químicos característicos do regime climático da região produziram o que popularmente se chamou de Terra Roxa, especialmente no estado de São Paulo, ou seja, solos compostos predominantemente por argilas ricas em matéria orgânica e férteis com coloração vermelha ou roxa. Embora detenham excelentes qualidades, quando sujeitos à erosão, por exploração seguida com culturas abertas, facilmente se degradam, sendo bastante difícil sua recuperação. Mesmo assim, estas foram bastante exploradas estando profundamente ligadas ao apogeu da cafeicultura na região como destaca Monbeig:

A famosa terra roxa, vinculada às grandes plantações de café, aparece em duas situações geográficas distintas: nos altos, junto às escarpas das *cuestas* e nos vales do oeste da franja pioneira. A terra roxa da frente e do reverso da *cuesta*, onde afloram camadas irregulares de basalto, atraiu os fazendeiros. Aparece recobrimdo parcialmente os planaltos de Ribeirão Preto, Araraquara, Jaú e São Manuel. (MONBEIG, 1984, p 76)

Sendo argilosa, a terra roxa contém grande proporção de água (aproximadamente 26% de seu volume), mas esse inconveniente é compensado pela porosidade, o que permite infiltração fácil da água nos períodos das grandes chuvas. Ross & Moroz<sup>37</sup> nomeiam o compartimento onde se localiza Ribeirão Preto

---

37 ROSS, J. L. S., MOROZ, I. C. 1997. Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo, escala 1:500 000. São Paulo: Laboratório de Geomorfologia. Departamento de Geografia - FFLCH - USP/Laboratório de Cartografia Geotécnica - IPT/ FAPESP. 2v.

como Patamares Estruturais de Ribeirão Preto. Assim concordamos com os mesmos quando afirmam que

Localiza-se na porção noroeste da morfoescultura da Bacia do Paraná e limita-se a oeste e sudoeste com o Planalto Residual de São Carlos, ao norte com o Planalto Centro Ocidental e a leste e sudeste com a Depressão Periférica Paulista.

As formas de relevo são denudacionais, cujos modelados constitui-se basicamente por colinas amplas e baixas com topos tabulares (DT) tipos Dt11, Dt12 e Dt 13 tendo os vales entalhamento médio com menos de 20m e a dimensão interfluvial varia de 750m até mais de 3.750m.

As altimetrias estão entre 500 e 700m e as declividades médias estão entre 2% e 10%.

A litologia desta unidade é basicamente constituída por basaltos e os solos são do tipo Latossolo Roxo, nos setores mais aplanados e Terra Roxa Estruturada nas vertentes mais inclinadas.

Os principais rios que drenam esta unidade são os rios Mogi-Guaçu, Pardo e Ribeirão Preto.

Por apresentar formas de relevo pouco dissecado com vales pouco entalhados, com vertentes de declividades baixas e solos argilosos e baixa densidade de drenagem esta unidade apresenta fragilidade potencial muito baixa, ou seja, com baixo potencial erosivo. (ROSS, 1999, p 43)

A partir das considerações do autor se evidencia o fato de que o sítio urbano se assenta sobre colinas amplas pouco sujeitas ao processo erosivo em decorrência da litologia que originou solos bem estruturados e profundos, da baixa declividade e densidade de drenagens e de sua elevada porcentagem de argilas. Esta condição de baixa fragilidade potencial esta sujeita, como já apontado anteriormente, a cobertura vegetal. À medida que esta é retirada ou que sua densidade é reduzida

rompe-se com a fitoestasia<sup>38</sup> e podem surgir problemas como acirramento do processo erosivo, assoreamento de cursos d'água devido a grande liberação de sedimentos, lixiviação e posterior laterização dos solos, entre outros. Pode-se perceber ainda nos núcleo de cerrados que há ainda diferença em função dos solos originados a partir de cada um dos arenitos anteriormente citados e que conferem ao relevo maior fragilidade ante as ações antrópicas.

No caso do município de Ribeirão Preto a situação ganha destaque, em função de ter ocorrido o que destaca Segura-Muñoz<sup>39</sup>

Desde 1974, a cidade de Ribeirão Preto, situada na região nordeste do Estado de São Paulo, a exemplo de outras cidades brasileiras, começou a busca de soluções para a destinação final de seus resíduos sólidos. Naquele período teve instalado o "Antigo Lixão Juliana" oficialmente reconhecido pela Prefeitura Municipal. No entanto, sua localização ficava exatamente sobre a zona correspondente ao afloramento da Formação Botucatu-Pirambóia, atualmente denominado Aquífero Guarani, caracterizado geologicamente como uma área de recarga do extenso aquífero da região, portanto totalmente inadequada para descarga de resíduos, o que não impediu seu funcionamento de 1974 até 1979 como lixão a céu aberto, sem controle dos resíduos ali dispostos e representando área de alto impacto ambiental que até hoje exige cuidados e estudos para remediação.

De 1979 a 1989 foi habilitada uma outra área para disposição de resíduos sólidos do município denominado "Lixão de Serrana", localizado a 7,5 Km da cidade de Ribeirão Preto, nas margens da Rodovia Abrão Assed, que une o município de Ribeirão Preto ao de Serrana, também localizado dentro da zona do arenito da formação Botucatu-Pirambóia. O "Lixão de Serrana" possuía uma área de aproximadamente 50 mil m<sup>2</sup> e o

---

38 TRICART, J. - Classificação Ecodinâmica do meio ambiente, in Ecodinâmica - FIBGE - Rio de Janeiro. 1977.

39 SEGURA-MUÑOZ, S. I. S., Impacto ambiental na área do aterro sanitário e incinerador de resíduos sólidos de Ribeirão Preto, SP: Avaliação dos níveis de metais pesados. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São 2002.

volume de descarga em 1989 era de 210 toneladas diárias. Segundo consta do Estudo de Impacto Ambiental (Alvarenga et al, 1986), os resíduos urbanos predominantemente domésticos e os resíduos provenientes dos serviços de saúde eram transportados por caminhões até o local e lançados em buracos abertos no solo, sendo recobertos com uma camada de terra. O lixo hospitalar recebia uma camada de cal antes da cobertura, o que não impedia sua catação prévia por inúmeras pessoas que ali trabalhavam clandestinamente.

Do ponto de vista técnico, esse era também um local inadequado para a disposição de resíduos, devido à inexistência de obras preliminares que facilitassem a percolação do chorume para camadas subterrâneas, alcançando em alguns pontos atualmente monitorados, o lençol de águas. Além disso, nas épocas de chuva o acesso ao local ficava prejudicado o que impedia a cobertura imediata com uma camada de terra, caracterizando-se num sistema de disposição do tipo lixão a céu aberto. (SEGURA-MUÑOZ, 2002, p 39)

Em razão dos arenitos serem rochas bastante friáveis e, por isso, bastante susceptível a modificações caso haja alguma alteração do sistema que integram há um grande risco relacionado à localização destes “lixões”. No caso do primeiro houve a construção de um conjunto habitacional sobre sua antiga localização, que hoje é objeto de grande controvérsia devido aos indícios de intoxicação dos moradores causada pelo gás emanado pelo mesmo, além do afundamento das moradias em razão das acomodações do lixo enterrado. No segundo caso há a constatação de contaminação do aquífero que abastece a cidade pelo chorume que advém do mesmo. Baseando-nos nestas informações, julgamos ser importante um monitoramento mais cuidadoso, abrangente e freqüente dos locais onde estas formações afloram.

Considerando este quadro no que diz respeito às condições do substrato rochoso presente e dos solos que evoluem a partir do mesmo acreditamos ser

importante para a qualidade do ambiente adotar medidas que busquem planejar a ocupação humana a partir de diretrizes que estejam em consonância com as especificidades deste mesmo substrato. Acreditamos que o turismo pode, na medida em que objetivar melhorar a qualidade cênica da paisagem do município e o conforto dos autóctones, além dos turistas obviamente, por intermédio de seus planos de implementação e desenvolvimento, contemplar estas necessidades.

### 3.1.2. Cobertura vegetal original

Além dos aspectos relacionados ao clima, já destacados anteriormente, acreditamos ser de grande importância a conservação e, se possível, a recuperação da características originais da vegetação primária em razão de dois motivos, no contexto do município. Em primeiro lugar, devido à questão cênica, uma vez que a recuperação da vegetação implica hoje, por conta do paradigma ambiental já discutido em Diegues (2002)<sup>40</sup>, em melhorar a qualidade do ambiente. Em segundo lugar, por buscar valorizar o patrimônio natural que se esmaece ante os espaços conectados com maior eficiência aos fluxos globais, sejam eles turísticos ou não, portadores de grandes densidades técnicas. Em geral, estes fluxos são inversamente proporcionais à permanência dos traços naturais. No caso da vegetação, como considera Kotchekoff<sup>41</sup>, a opção feita pelo município, pela monocultura cafeeira, implicou na destruição de 96% da cobertura original, restando em sua maioria somente pequenos fragmentos. Entre os 102 remanescente florestais somente 6% de sua área correspondem a fragmentos com mais de 100 hectares.

Assim, segundo o trabalho supra citado, a Mata Mesófila, Mata Decídua, Mata Paludícola e Cerrado, hoje residuais, encontrado na região, sofreram grande devastação em função da interferência antrópica. Era encontrado maior número de indivíduos das espécies típicas de solos mais férteis, como por exemplo, perobas, palmitos, figueira branca, guaritá, tamboril, entre outros, com alturas variando de 25 a 35 metros. Também eram encontrados os indivíduos com altura variando de 15 a

---

40 DIEGUES, A. C. S. O mito moderno da natureza intocada. 4ª ed. São Paulo, Annablume/Hucitec. 2002.

41 KOTCHETKOFF, O. H. Caracterização da vegetação natural em Ribeirão Preto, SP: bases para conservação. (Tese de doutoramento). Ribeirão Preto, 2003. FFLCHRP. USP. 2003.

25 metros que formavam um estrato inferior àquele no qual se inseriam as espécies anteriormente citadas, entre os quais destacam-se o alecrim, cedro-rosa, cangerana, etc. Segundo Monbeig, a vegetação espelhando a qualidade dos solos se apresentava ao olhar do seguinte modo:

Os desbravadores dos planaltos ocidentais paulistas compararam sua terra a uma pele de onça pintada.

Com efeito, vê-se a floresta salpicada de manchas de solo pouco férteis e de vegetação rarefeita. O mapa fitogeográfico do Brasil, publicado em 1926, repetindo documentos mais antigos, mostra claramente essa mistura de grandes florestas com campos mais ou menos abertos. Aí as paisagens vegetais das zonas pioneiras situam-se no contato de duas regiões botânicas distintas, correspondendo às que A. Chevalier chamou de “região tropical brasileira”, imensa e complexa, e “região das florestas e savanas subtropicais”. Com maior exatidão, os cerrados e matas que dominam em Mato Grosso, sul de Goiás e Triângulo Mineiro, aí se encontram com a floresta sombria dos maciços atlânticos e com a floresta de araucárias do Brasil Meridional. (MONBEIG 1984-p 75)

Este quadro foi severamente alterado e com o objetivo de promover uma melhor aproximação sobre a temática entendemos ser importante lembrar das funções primárias desta vegetação nos meios estáveis, onde há portanto uma fitoestasia, ou clímax do estrato vegetal como considera Tricart (1977, p 36). Tendo como referência a situação anteriormente tratada, ou seja, de fitoestasia, na melhor das hipóteses, a vegetação cumpre os papéis de:

a) Interceptar e absorver até 25% da radiação solar, limitando aos 75% restantes o aquecimento do solo e do ar atmosférico;

b) Dissipar a energia cinética portada pelas gotas de chuva que atingiriam o solo diretamente,

c) Facilitar a infiltração da precipitação obstaculizando o rápido escoamento superficial que intensifica processos erosivos;

d), Redução da velocidade de chegada da precipitação aos canais de drenagem diminuindo a propensão aos extravasamentos dos leitos dos respectivos cursos d'água.

e) aumento, em razão da interação da umidade com os minerais das rochas, da complexidade dos solos tornando-os mais estáveis, etc.

Conhecendo melhor os benefícios, notadamente mecânicos, da presença da cobertura vegetação original nos ecossistemas em fitoestasia ou, em equilíbrio dinâmico, é possível entender que onde se retira esta cobertura perde-se esta condição e são acirrados os danos ao ambiente. Esta é composta por um numeroso conjunto de fluxos de matéria e energia interdependentes que não se restringem somente ao exemplo da água mas também ao do carbono, por exemplo. No caso de Ribeirão Preto os limiares de qualidade do ambiente são objeto de atenção já que

A situação da região é denunciada pelo tipo de uso e ocupação que é dado ao solo, onde áreas de uso urbano industrial e comercial, urbano doméstico, rural agrosilvopecuário encontram se imbricadas em espaços restritos, nos locais de núcleos de adensamento demográfico e cada um desses fatores é colaborador nas características das emissões dos núcleos. Nesses locais, a interferência de supressão à vegetação é sempre mais intensa, pois decorre da ocupação dos espaços urbanos de forma intensiva. Por consequência, o aspecto de alteração da qualidade da água e do solo interagirá com o aspecto da supressão da vegetação. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003, p 122)

Em função deste fato reforçamos a idéia da necessidade de uma implantação de um maior número de áreas verdes no espaço urbano com o intuito de da mais

conforto aos espaços de maior densidade de recobrimento de superfície. De outro lado também é relevante recuperar a cobertura vegetal original, da área rural do município, composta originalmente por cerrados, ou seja, a vegetação que

Caracteriza-se como um complexo de formações vegetais com fisionomia e composição florística variáveis: campestres (campo limpo), savânicas (campo sujo, campo cerrado e cerrado stricto sensu) e florestais (cerradão), formando um mosaico ecológico. Pode ser definido da seguinte maneira: “o cerrado é uma mistura de árvores baixas e um bem desenvolvido estrato herbáceo rasteiro” (segundo GOODLAND & FERRI 1978, apud SMA 1997b). Em termos nacionais, encontra-se quase totalmente sob clima tropical; somente na sua borda sul, em altitudes moderadas de São Paulo, especialmente no sudeste deste Estado, e em altitudes maiores (1.000-1.700m) no sul de Minas Gerais, sofre o efeito de leves geadas em algumas noites de inverno (EITEN 1993, apud SMA 1997b). No Estado de São Paulo, o cerrado ocorre principalmente na região centro-oeste, interrompido por outras formações vegetais, como nas proximidades de Campinas, Ribeirão Preto, Franca e Altinópolis. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003, p 67)

Além das formações de Cerrado, e suas variações, como já fora comentado, pode-se encontrar na região onde está situado o município capoeiras e matas. As primeiras são compostas por um estrato arbustivo alto ou florestal baixo, na sucessão secundária para floresta, depois do corte, do fogo ou de outros processos predatórios. Sob o aspecto fisionômico, caracterizam-se como vegetação secundária, sucessora de florestas derrubadas. As matas que ocorrem na região, por outro lado, equivalem a

formações vegetais inteiramente dominadas por árvores, de estrutura complexa, apresentando grande riqueza de espécies, em três estratos distintos: a)- estrato

superior, relativamente pouco denso, formado por indivíduos de 15 a 20; metros de altura, de troncos cilíndricos, com esgalhamento médio e alto; b)- estrato intermediário, com alta densidade, constituído por indivíduos de 10 a 15 metros, com copas mais fechadas; c)- estrato inferior, constituído por ervas e arbustos de até 3 metros de altura. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003, p 69)

Assim, dentro dos limites do município, não existem ocorrências vegetais que se mantêm nas mesmas condições que possuíam antes da ocupação antrópica. Como tentativa de recompor esta cobertura tem sido empreendidos esforços no sentido de promover reflorestamentos, em geral homogêneos, que acabam provocando sérios impactos ao ambiente. Na maioria das vezes, além de serem homogêneas, são compostas por espécies exóticas, especialmente por variedades de eucalipto. A inexistência ou existência parcial (incluindo-se os reflorestamentos) da cobertura vegetal original pode interferir, desta forma na interceptação da chuva, recarga de aquíferos, evapotranspiração, precipitações, fluxos de águas superficiais, ciclo de nutrientes minerais do solo e, por conseqüência, regeneração de cobertura vegetal. Além disso, o cultivo predominante na região tem contribuído para promover uma maior perda de nutrientes do solo, pois:

o grande predomínio do cultivo da cana de açúcar na área da Bacia, exibindo uma estrutura fisionômica vertical, pressupõe menor taxa de interceptação da água pluvial pelas suas folhas alongadas, acarretando o aumento de aporte de água ao solo e a conseqüente remoção de maior quantidade de nutrientes do solo por lixiviação e escoamento (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003, p 83).

Após estas breves considerações acreditamos ter contribuído para reforçar a tendência existente de maior valorização dos procedimentos que objetivam a

regeneração das coberturas vegetais nativas, não só em razão de questões cênicas mas também ambientais, em seu sentido mais amplo. Estas medidas podem resultar em melhorias da qualidade do ambiente urbano, mas em geral estão confinadas a zonas habitadas por parcelas privilegiadas da população. No âmbito do município de Ribeirão Preto esta condição é comprovada por intermédio de uma maior concentração de áreas verdes, como praças e parques, em boas condições de conservação e uso por parte da população no setor sul da área urbana. Este fato se repete também com relação às principais áreas onde se encontra a maior parte da vegetação original remanescente.

Embora a cidade e seu sítio estejam edificadas no setor norte do município pode-se perceber que há em seu setor sul uma maior quantidade de locais com vegetação original remanescente conferindo aos mesmos um valor diferenciado com relação a outros do município. Acreditamos que a implementação de um plano turístico deve considerar esta assimetria das condições do ambiente e buscar uma forma de reduzir a desigualdade de organização do espaço urbano. Desta forma todos, sem distinção poderiam efetivamente se beneficiar.

### 3.1.3. Clima

O clima da região onde está inserido o município de Ribeirão Preto, a exemplo do que acontece com o estado de São Paulo é resultado da diversos fatores combinados com as manifestações locais de seus elementos. Assim, a configuração do clima regional depende, segundo Nimer (1979, p 265) dos fatores estáticos representados pela posição do município e sua topografia e complementarmente a estes os fatores dinâmicos. Estes são reconhecidos, na literatura sobre o tema, pelo nome de “Sistemas de Circulação Atmosférica do Sudeste do Brasil”<sup>42</sup>, composto pelas as correntes perturbadas de Sul, ou Massa de ar Polar Atlântica (mPa), Correntes perturbadas de Oeste ou Massa de ar Tropical Continental (mTc) e Correntes Perturbadas de Leste ou Massa de ar Tropical Atlântica (mTa). Além disso, o sudeste se insere em um “cinturão” de transição entre os climas quentes das baixas latitudes e os climas mesotérmicos de tipo temperado das latitudes médias estando sujeito, em razão desta especificidade, a influência da Massa de ar Equatorial Continental (mEc) especialmente durante o verão na região.

A posição da região, como apontado anteriormente, confere à mesma uma condição bastante dinâmica de sua atmosfera, tanto no sentido vertical como horizontal. O balanço diferencial de radiação entre baixas e altas latitudes a coloca entre zonas ciclônicas e anticiclônicas durante boa parte do ano configurando o que se reconhece pelo nome de circulação geral. Além dessa, a região se sujeita ainda à circulação secundária responsável pelos sistemas produtores de tempos originando variações semanais e diárias nestes.

---

42 NIMER, E. Climatologia do Brasil. Rio de Janeiro. FIBGE. 1979

Segundo estas informações ocorre na região onde o município se insere, de acordo com a classificação proposta por Köeppen<sup>43</sup> (apud Ayoade, 1986, p 232) o clima do tipo Aw, ou seja tropical úmido com estiagem no inverno. Nesta estação as precipitações não ultrapassam 30 mm e a temperatura média no mês mais quente é superior a 22° C e, no mês mais frio, superior a 18° C. As precipitações segundo Sant'anna Neto (1995), inserem o município dentro do que considera ser uma das regiões de precipitações homogêneas chamada de

Unidade Norte, subunidade Vale do Pardo/Mogi – área que registra totais de chuvas entre 1.500 a 1.700 mm, por situar-se entre dois vales, compreendendo a região de Ribeirão Preto. As chuvas concentram-se de outubro a março, correspondendo a mais de 80% do total anual sendo, o trimestre mais chuvoso, de dezembro a fevereiro. Quanto ao período mais seco, ocorre de abril a setembro, no qual se tem o como trimestre mais seco, nos meses de junho, julho e agosto, com menos de 5% das chuvas. (SANT'ANNA NETO (1995), apud GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003, p 64)

Esta inserção, no entanto, pode ser comprometida, a partir do momento que se considera o clima como um elemento natural dinâmico que sujeita e é sujeito de ações que lhes são extrínsecas. Sob esta orientação entendemos claro que o clima, e também os tempos, podem ser condicionados às interferências antrópicas. Estas últimas podem subverter os ritmos naturais sujeitando-os às componentes da sociedade. Como exemplos podemos citar o rompimento do equilíbrio dinâmico do ciclo hidrológico dos sistemas naturais que tem retirada, e ou substituída sua cobertura vegetal original, como aponta Tricart<sup>44</sup> ou ainda o aquecimento diferencial

---

43 AYOADE, J.O. Introdução à climatologia para os trópicos. São Paulo: Difel. 1986.

44 TRICARD, J. - Classificação Ecodinâmica do meio ambiente, in Ecodinâmica - FIBGE - Rio de Janeiro. 1977.

dos espaços urbanos como aponta Mendonça (2003, p 104) configurando as Ilhas de Calor (IC) e as Ilhas de Frescor (IF) observadas em cidades de grande e médio porte com maior clareza.

No caso do município de Ribeirão Preto deve-se acrescentar a estas alterações o fato de que no período de menor precipitação ao longo do ano é que ocorre o corte da cana-de-açúcar, substituta da vegetação nativa nos limites do município e também da região. Este fato implica, uma vez que o corte é feito após a queima da palha da cana-de-açúcar, na redução drástica da cobertura vegetal, que redundando na diminuição dos índices de umidade do solo e do ar. Esta mesma queima lança partículas e gases na atmosfera que acirram a retenção de calor próximo da superfície agravando o fenômeno das IC urbanas e tornando mais comuns as inversões térmicas na região.

Após esta breve apresentação dos aspectos climáticos do município assim como duas das interferências antrópicas presentes no mesmo cabe-nos advertir que a atividade turística desenvolvida no meio urbano se pauta também na qualidade do ambiente, como um todo. Não são raras as oportunidades em que os fluxos turísticos preterem determinados destinos que do ponto de vista ambiental diferem de seus ritmos e condições habituais. Se a administração pública do município de Ribeirão Preto fazer com que o mesmo passe a integrar o quadro de destinos do turismo de negócios no estado de São Paulo e do Brasil, deve também se preocupar com a busca de um maior conforto ambiental, em especial climático.

Entendemos que esta “meta ambiental” deva ir além da instalação de mais aparelhos condicionadores de ar nos espaços de consumo do turismo. Esta implica na redução e posterior proibição da queima da palha da cana-de-açúcar, recuperação da cobertura vegetal original incluindo as matas ciliares, recuperação e

proteção dos mananciais, criação e implantação de um número maior de áreas verdes no âmbito municipal, como a literatura científica e a legislação sobre o assunto já consideram. Acreditamos que este é um caminho possível para a integração de populações locais, tradicionalmente excluídas ou segregadas nos espaços urbanos, às melhorias proporcionadas ao ambiente.

Os recursos de geoprocessamento, utilizados para a produção de um mapa turístico do município, podem ser úteis para apontar os locais onde há uma situação crítica no que diz respeito ao clima urbano orientando práticas que mitiguem as condições extremas de desconforto. Assim, acreditamos que a implantação e desenvolvimento da atividade turística no âmbito do município não devam se restringir, em se tratando de ambiente, aos procedimentos de identificação de atrativos e equipamentos turísticos comuns aos inventários turísticos. Concordamos com Tricart quando este afirma que

Um inventário pode ser útil para a ordenação e administração do território, mas somente quando se trata de recursos não renováveis, como os minerais. Não é adequado para os recursos ecológicos. Com efeito, a gestão dos recursos ecológicos deve ter por objetivo a avaliação do impacto da inserção da tecnologia humana no ecossistema. Isso significa determinar a taxa aceitável de extração de recursos; sem degradação do ecossistema, ou determinar quais medidas que devem ser tomadas para permitir uma extração mais elevada sem degradação. Esse tipo de avaliação exige bom conhecimento do funcionamento do ecossistema, ou seja, dos fluxos de energia/matéria que o caracterizam. Um inventário não pode fornecê-los, exatamente como um único censo de população não permite definir a dinâmica dessa população. (Tricart. 1977, p 32).

Exatamente por esta consonância é que acreditamos ser necessário para a consecução de ações relacionadas ao turismo, mesmo que de negócios, um maior conhecimento dos processos de interação entre sociedade e natureza mesmo em espaços urbanos como o de Ribeirão Preto, densamente tecnificados, que aparentam serem “desprovidos” de natureza.

### 3.2. Caracterização dos aspectos sociais, econômicos e políticos

A região foi originalmente povoada pelos índios Caiapós sendo mais tarde ocupada por pecuaristas que aqui se radicaram a partir da ação dos entrantes mineiros em busca de novas terras e atividades. Em seguida o “Caminho de Goiás” passou a ser o polarizador de fluxos voltados para o interior do país. Este caminho, que embora não passasse pelo território do que hoje corresponde ao município de Ribeirão Preto, foi decisivo na irradiação de novas ocupações à sua margem. Daí resulta a chegada ao que hoje corresponde ao território do município quando da regularização de posse das terras promovida pelo governo do estado de São Paulo, em 1726. Em 1733, foi doada a família Araújo sesmaria que mais tarde, seria motivo de litígio para esta, mas daria lugar ao sítio de onde hoje é Ribeirão Preto<sup>45</sup>. Estes negociaram as terras que serviram de horizontes de expansão para a cafeicultura a partir do primeiro quartel do século XIX, com a formação da fazenda Ribeirão Preto e posterior fundação da cidade. As etapas para concretização da fundação podem ser acompanhadas no seguinte relato

A ocupação se deu em torno da capela; em abril de 1870 foi criado o Distrito de Paz de Ribeirão Preto e, em julho, o povoado foi elevado à Freguesia. Em 1871 passou à Vila de São Sebastião de Ribeirão Preto; e em 1874 instalou-se o município. No ano de 1876 a família Pereira Barreto, vinda do Vale do Paraíba, fixou-se em Ribeirão Preto e introduziu a cultura do café. A partir daí grandes fazendas de café se formaram na região. A partir de 1883, a implantação da Estrada de Ferro Mogiana, e a chegada de imigrantes em substituição à mão-de-obra escrava impulsionaram o crescimento do município de Ribeirão Preto. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003, p 100)

---

45 LAGES, J. A. C. O povoamento da mesopotâmia Pardo Mogi-guaçu por correntes migratória mineiras: O caso de Ribeirão Preto. (1834-1883). Dissertação de Mestrado. Unesp. Franca: 1995.

A seguir o ritmo das modificações ganhou nova velocidade e articulações mais eficientes com os mercados consumidores da produção que organizava o território do município e como consequência disso já surgiam os primeiros danos ao ambiente como pode ser observado no texto que segue

Nesse processo de ocupação destaca-se a atividade cafeeira, que exerceu grande influência no crescimento demográfico e econômico nas regiões por onde passou no território paulista, além das alterações ambientais, como a degradação do solo e os processos erosivos instalados após o abandono das áreas e, conseqüentemente, os impactos nos recursos hídricos. (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2003, p 88)

A crise econômica do final da década de 1920 redirecionou o interesse de muitos dos produtores que negociaram suas terras como forma de superar o endividamento que era crescente devido aos baixos preços obtidos pelo café no mercado internacional. Os produtores que não se arruinaram por completo fracionaram e venderam suas terras para saldar dívidas. Em seguida passaram a buscar alternativas de cultivo, onde se destacaram a indústria, o algodão e o milho e cana-de-açúcar, mas sem a mesma homogeneidade das paisagens alcançada com o café anteriormente, mas com significativa projeção, em termos econômicos. Somente a partir da década do ano de 1970 é que se firmaram regionalmente alcançando a equivalência em extensão da atividade cafeeira, os cultivos de cana-de-açúcar como decorrência do fomento governamental oriundo do programa de incentivo a produção de açúcar e álcool.

Estes eventos inscreveram-se na paisagem do município por intermédio das edificações na área urbana e rural e constituem-se em atrativos turísticos em uso ou

com potencial para isso. Entre as materialidades mais expressivas para o aproveitamento por parte da atividade turística destacam-se o Teatro Pedro II e os Museus Histórico e de Ordem Geral "Plínio Travassos dos Santos", instalado na antiga sede da fazenda Monte Alegre assim como o Museu do Café "Francisco Schmidt".

Este tópico, ou seja, os atrativos turísticos, resultado de fluxos que se materializaram na paisagem como registros de eventos distintos daqueles que estão em curso no momento da redação deste texto serão tratados posteriormente no corpo deste trabalho, já considerando sua conservação, uso e administração.

### 3.2.1. Formação histórico-econômica

A economia do município segundo dados de 2002 da fundação SEADE<sup>46</sup>, se pautava principalmente no comércio e nos serviços, onde estes somavam um total de 10.753 estabelecimentos que empregavam 100.325 trabalhadores. De outro lado Indústria e agricultura somavam 1.655 estabelecimentos que empregavam um total de 23.433 trabalhadores. No contexto do estado, a mesma pesquisa apontou, que o entre os 645 municípios existentes Ribeirão Preto participa, em termos percentuais, com 1,22494% do total do valor adicionado ao estado totalizando 3.791.162.932 de reais.

Embora o cultivo de cana-de-açúcar tenha passado de 34.113,30 hectares em 1997<sup>47</sup> para 30.000 hectares em 2001 ainda é a atividade agrícola que mais gera riquezas e que mais área plantada possui. Em 1960 a partir de dados da Fundação SEADE<sup>48</sup>, o município foi responsável pela produção de 304 mil toneladas de cana-de-açúcar, tendo esta aumentado para 3.031 mil toneladas em 1985. Em 2001 foram registrados números inferiores a estes, mas mesmo assim expressivos. Foram esmagadas 2.200.000 toneladas, com valor total da safra em 2001 girando em torno de sessenta e quatro milhões e trinta e quatro mil reais. Para possibilitar uma comparação, ainda segundo a mesma pesquisa, vale destacar que o segundo mais expressivo cultivo foi o amendoim com 2.250 toneladas colhidas, ocupando 900 hectares e totalizando 1.702 mil reais gerados. Em seguida vem a soja que colheu 2.310 toneladas ocupando 1.100 hectares com valor total de 1.119 mil reais e depois o milho, com 3.360 toneladas ocupando 700 hectares totalizando um valor de com

---

46 Disponível em <<http://www.seade.gov.br/perfil/index.html>> acesso em 20.08.2004

47 Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>> acesso em 20.08.2004

48 Disponível em <<http://www.seade.gov.br/perfil/index.html>> acesso em 20.08.2004

900 mil reais. Por último aparece o tomate com 1.300 toneladas colhidas em 20 hectares plantados somando um valor de 549 mil reais. Os outros cultivos não interferem de forma significativa na produção de riquezas comparados aos que foram tratados anteriormente.

Além de ser transformada em açúcar e álcool por usina no município a cana é responsável hoje por outros subprodutos de seu processo produtivo. Alguns exemplos são a vinhaça, utilizada como fertilizante, levedura e bagaço destinado à alimentação de gado confinado, co-geração de energia elétrica com a queima do bagaço da cana, fabricação de papel e celulose a partir da folha e das fibras da cana-de-açúcar.

Embora a região tenha se destacado no cenário nacional em razão do destaque na produção do setor sucroalcooleiro, há desde o início do século passado radicada no município a atividade industrial com desenvolvimento e projeção significativos, como já apontado anteriormente. Excluindo-se a agroindústria, carro chefe do setor, também merecem destaque as indústrias alimentícias, químico-farmacêuticas, metalúrgicas, entre outras. Quando se trata de consumo de energia elétrica, por exemplo, podemos estabelecer relações espaciais a partir da tabela 2

**Tabela 2 – consumo de energia elétrica em Mw/h**

Energia	1990	1995	2002
Consumo de Energia Elétrica Residencial	278.903	375.518	370.789
Consumo de Energia Elétrica Rural	12.754	8.618	5.068
Consumo de Energia Elétrica Industrial	149.068	144.228	158.166
Consumo Em. El.Com. ,Serv., Outras Ativ.	167.861	233.664	325.026

**Adaptado por SOUZA, A. A. 2004. Fonte – Fundação SEADE, 2004.**

Pode ser notado um crescimento significativo de consumo no setor de comércio e prestação de serviços denotando uma maior especialização do município uma vez que os outros setores não cresceram na mesma proporção. De outro lado inclusive, o que ocorreu foi uma redução no consumo por parte dos imóveis rurais o que pode ser interpretado como evidência do acirramento do processo de urbanização da região, reflexa no âmbito do município.

Este crescimento, no entanto, acena como advertência no que diz respeito às condições do ambiente já que consumo maior de energia implica em crescimento econômico que, por sua vez, quase sempre resulta em geração maior de resíduos. Este raciocínio se confirma, pois o município lança 56,7% da carga orgânica doméstica potencial de toda a Bacia do Rio Pardo sendo seguido pelo município de Mococa com 6,8%.

Estes elementos nos conduzem à retomada de uma reflexão já presente neste trabalho, ou seja, a falta de sintonia entre o desenvolvimento da atividade turística voltada aos eventos e negócios, em especial os agronegócios, e a qualidade sofrível do ambiente no qual a população local trava suas relações cotidianas. Estas condições se voltam contra a imagem que foi ostensivamente divulgada sobre o município, adotada oficialmente pelo poder público no âmbito local, que reconhece o município como sendo a “capital brasileira do agronegócio”,. Subentendemos que desta forma esteja apta para oferecer condições que suportem o desenvolvimento de cunho socio-espacial de todos os envolvidos no processo produtivo, não só das elites dominantes.

No entanto, não é o que se constata, pois estas últimas se fortaleceram e concentraram mais renda no decorrer do período compreendido pelas décadas de 80 e 90, como já apresentado anteriormente com o Índice Gini, por exemplo. Assim,

o município apresenta índices que reforçam as contradições espaciais próprias do capitalismo, que ao mesmo tempo em que exclui contingentes significativos da população local cuida também de moldar um novo constructo originado no bojo dele próprio, ou seja, o título de capital do agronegócio, com o objetivo de capturar novos fluxos e alcançar novos mercados. É exatamente por conta destes novos dados espaciais que o município é refuncionalizado, inclusive pela atividade turística, no que diz respeito às redes que articulam os subespaços em tempos de integração econômica.

### 3.2.2. Índice de desenvolvimento humano - municipal e outros indicadores sociais

O IDH-M é derivado, para a escala municipal, do índice de desenvolvimento humano (IDH) que foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), para medir o nível de desenvolvimento humano dos países, a partir de indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), longevidade (expectativa de vida ao nascer) e renda (PIB per capita).

Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil a situação na região e do município de Ribeirão Preto no início da década do ano de 1990 era a seguinte

Em 1991, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do Brasil era 0.696. Dentre os municípios da microrregião Ribeirão Preto, o município com o melhor valor era Ribeirão Preto (SP), com um valor de 0.822, e o município com o pior valor era Serra Azul (SP), com um valor de 0.691. Dos 16 municípios da microrregião, 0 (0.0%) tinham um valor entre 0.200 e 0.350; 0 (0.0%) tinham um valor entre 0.350 e 0.500; 0 (0.0%) tinham um valor entre 0.500 e 0.650; 15 (93.8%) tinham um valor entre 0.650 e 0.800; e 1 (6.3%) tinham um valor entre 0.800 e 1.000. Em termos de população, 0 (0.0%) pessoas viviam em municípios com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal entre 0.200 e 0.350; 0 (0.0%) entre 0.350 e 0.500; 0 (0.0%) entre 0.500 e 0.650; 291.911 (40.4%) entre 0.650 e 0.800; e 431.225 (59.6%) entre 0.800 e 1.000. (IPEA, 2003)

Desta forma podemos observar que na micro-região Ribeirão Preto era o município com maior IDH-M se destacando na micro-região, alcançando patamares que se assemelham aos dos países desenvolvidos, mas que escondem uma grande contradição no tocante à distribuição e concentração de renda, pois os 20% mais

ricos se apropriavam de 58,5% da renda e 20% mais pobres dividiam 4%. Os números nove anos depois eram os seguintes, segundo o mesmo documento:

Em 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do Brasil era 0.766. Dentre os municípios da microrregião Ribeirão Preto, o município com o melhor valor era Ribeirão Preto (SP), com um valor de 0.855, e o município com o pior valor era Serra Azul (SP), com um valor de 0.742. Dos 16 municípios da microrregião, 0 (0.0%) tinham um valor entre 0.200 e 0.350; 0 (0.0%) tinham um valor entre 0.350 e 0.500; 0 (0.0%) tinham um valor entre 0.500 e 0.650; 7 (43.8%) tinham um valor entre 0.650 e 0.800; e 9 (56.3%) tinham um valor entre 0.800 e 1.000. Em termos de população, 0 (0.0%) pessoas viviam em municípios com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal entre 0.200 e 0.350; 0 (0.0%) entre 0.350 e 0.500; 0 (0.0%) entre 0.500 e 0.650; 120.380 (13.9%) entre 0.650 e 0.800; e 743.421 (86.1%) entre 0.800 e 1.000. (IPEA, 2003)

Os resultados denotam que houve no caso do município uma melhoria com relação aos números de 1991 mas quando se analisa a distribuição de renda especificamente chega-se a um panorama de maior desigualdade pois os 20% mais ricos passam a se apropriar de 61,1% enquanto os 20% mais pobres dividem 3% da renda total o que representa um decréscimo de  $\frac{1}{4}$  da renda do grupo. O índice Gini<sup>49</sup> - que mede a desigualdade social - que era de 0,53 em 1991 passa para 0,56 em 2000 demonstrando que ocorreu uma ampliação na desigualdade. É possível entender que embora a diferença entre ambos não seja significativa ao longo do lapso de tempo proposto, há uma tendência de aumento de desigualdade quando estes números são comparados com os outros municípios que integram a micro-

---

<sup>49</sup> Mede o grau de desigualdade na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar percapita. Seu valor varia de 0 quando não há desigualdade (a renda de todos os indivíduos tem o mesmo valor) a 1 quando a desigualdade é máxima (apenas um detém toda a renda da sociedade e a renda de todos os outros indivíduos é nula). (IPEA, 2003)

região. Esta avaliação pode ser feita quando se observa que dos 16 municípios integrantes da mesma, 11 apresentaram aumento da desigualdade (68,5 do total), 1 se manteve estável (6,5% do total) e somente 4 tiveram uma diminuição da desigualdade (25% do total). Embora o IDH-M tenha aumentado, aumentou também a desigualdade na distribuição de indivíduos/renda, uma vez que o índice de Gini em 1991 era de 0.53 passando para 0.56 no ano de 2000. O acesso aos serviços essenciais se manteve nos mesmos patamares sofrendo diminuição no que diz respeito ao abastecimento de água que passou de 98,8% dos domicílios para 98,6%.. Em contrapartida ocorreu um aumento, no que diz respeito à aquisição de bens de consumo, de acordo com o que demonstra a tabela 3 que segue

**Tabela 3 – Acesso a Bens de Consumo, 1991 e 2000**

Bens	1991	2000
Geladeira	96,6	99,0
Televisão	95,1	97,5
Telefone	44,4	74,9
Computador	ND	23,2

ND = não disponível

Fonte: adaptado por SOUZA, A. A., 2004 a partir do Atlas de Desenvolvimento Humano, 2003

Ao mesmo tempo em que a distribuição da renda piora elevando de 5,9% para 8,6% a proporção de pobres<sup>50</sup>, no contexto da população do município, ocorre uma elevação na aquisição de bens que se articulam com a lógica do consumo do sistema produtor de mercadorias. Paralelo a estes eventos é possível perceber, segundo os números apontados por pesquisa da Fundação SEADE<sup>51</sup>, que a população do município de Ribeirão Preto evoluiu de 422.386 habitantes em 1990

<sup>50</sup> IPEA / PNUD. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Rio de Janeiro, 2003

<sup>51</sup> Disponível em <<http://www.seade.gov.br/500anos/>> com acesso em 20.09.2004.

para 504.250 em 2000 e 542.912 em 2004. Embora a taxa de fecundidade tenha caído de 2,08 para 1,89 filhos, para o ano de 2010 estimava-se uma população de 523.740 habitantes, número já suplantado, de acordo com projeção, em 2004. Assim, exige-se um maior investimento na oferta de infra-estrutura urbana já que além desse aumento acima do estimado ainda se somam taxas de urbanização na região que são superiores a 95%.

Quanto à concentração de riqueza, o estado de São Paulo possui 58 % das famílias mais ricas do Brasil em seu território, e do ponto de vista da relação entre a renda familiar e o número de famílias ricas a concentração alcança 60%. Somente a capital paulista concentra 443.462 das mesmas. Entre as cem cidades com maior número de famílias ricas o estado possui 47. Entre estas destacamos Ribeirão Preto onde do total de moradores do município estão as 5.376 das famílias mais ricas do país, estando à frente à mesma, de capitais como Vitória, Natal, Campo Grande, Cuiabá, Maceió, João Pessoa, São Luiz e Teresina, entre outras cidades de maior população. O município, no contexto do estado, possui uma das maiores participações no total da massa de riqueza estando ao lado de Campinas, São José dos Campos, São Bernardo do Campo, Santos e Santo André.<sup>52</sup> Esta concentração de riqueza possui implicações espaciais que devem ser consideradas. Um exemplo destas é a chegada ao município do empreendimento Alphaville<sup>53</sup>, com área total estimada em 2.000.000 m<sup>2</sup> e previsto para o ano de 2006, ainda sem data definida. Será composto por 1650 lotes residenciais, aproximadamente 120 lotes comerciais, clube privativo com área de 170.000 m<sup>2</sup> e 480.000 m<sup>2</sup> de áreas verdes. Com isso a área média dos lotes a serem comercializados é de 450 metros quadrados. De outro lado, no setor norte do município as medidas dos lotes não ultrapassam os 250 m<sup>2</sup>.

---

52 PORCHMANN, M. et al. (Org). Atlas de Exclusão Social no Brasil, volume 3: os ricos no Brasil. São Paulo: Cortez, 2004.

53 <http://www.alphaville.com.br/modules/index.php?id=ribeiraopreto> com acesso em 20.05.2005

Assim, entendemos que a ação antrópica derivada desta concentração é determinante nas modificações provocadas no município e em sua região acreditamos que o poder público, assim como a sociedade civil devem estar atentos à novos impactos nas regiões de maior crescimento populacional, especialmente nas áreas urbanas, como a de Ribeirão Preto, que vão exigir infra-estrutura adequada para manter a qualidade de vida e preservar o ambiente.

A partir deste panorama acreditamos que o turismo pode e deve ser entendido como integrante de um planejamento de maior abrangência. Para isso entendemos que o mesmo deve ser considerado na discussão do plano diretor do município que está em tramitação na câmara municipal de Ribeirão Preto até a data de redação deste trabalho, transformando-se em ponto de partida para a criação de instrumento de distribuição eqüitativa de renda entre os integrantes da crescente população do município. Para isso é necessário contar com a ampla participação de representantes da população, além daqueles que oficialmente a representam, ou seja, o corpo de vereadores.

Entendemos que deva ser desta forma em razão dos empreendedores turísticos voltados ao segmento de negócios e eventos, certamente se integrarem ao grupo das famílias mais ricas que tratamos anteriormente, sendo já representados em seus interesses, pela edilidade local, que por sua vez preza pelo desenvolvimento econômico do município. O que questionamos é que este último nem sempre corresponde a um efetivo desenvolvimento socio-espacial, ou seja, a distribuição mais eqüitativa das benesses oportunizadas pelo desenvolvimento econômico. A cerca deste assunto entendemos que seja necessária uma maior aproximação do que vem sendo feito com relação à postura do estado, especialmente, no nível local, para fomentar a atividade turística.

### 3.2.3. Políticas públicas de turismo

Por uma questão de limites imposta pela natureza desta dissertação nos restringiremos principalmente às políticas públicas voltadas ao turismo desenvolvidas no âmbito do município, em sistema de parceria entre as Instituições voltadas ao Ensino e Pesquisa em Turismo, Poder Público Executivo, Prestadores de Serviços e Câmara de Vereadores de Ribeirão Preto à qual se articula o Conselho Municipal de Turismo de Ribeirão Preto (COMTURP).

Embora inicialmente façamos referência às outras esferas ou níveis, nos ateremos ao processo em curso no âmbito municipal. Também pelo mesmo motivo não faremos um resgate das legislações federal e estadual sobre o turismo nos detendo especialmente ao Plano Nacional do Turismo (PNT) 2003/2007 elaborado pelo Ministério do Turismo, em nível federal, e o Plano Plurianual 2004/2007 elaborado pela Secretaria de Economia e planejamento do estado de São Paulo, dada a atualidade dos mesmos.

O Plano Nacional de Turismo<sup>54</sup> estabelece como metas principais a criação de condições para gerar 1.200.000 novos empregos e ocupações; aumentar a quantidade de ingressos de turistas estrangeiros no país alcançando o número de nove milhões de desembarques; Geração de oito bilhões de dólares em divisas, desenvolvimento do turismo interno de tal sorte que os vôos domésticos alcancem sessenta e cinco milhões de passageiros; Ampliação da oferta turística do país com a formulação de no mínimo três produtos de qualidade em cada Estado da Federação e Distrito Federal.

---

54 GOVERNO DO BRASIL. Ministério do Turismo. PLANO NACIONAL DO TURISMO: Diretrizes, Metas e Programas 2003 – 2007. Brasília. 2003.

Segundo o PNT estas orientações, seguidas por estados e municípios serão amparadas por Macro Programas. Assim,

Os Macro Programas são desdobramentos temáticos que foram escolhidos pelo seu potencial de contribuição para atingir os compromissos estabelecidos nos OBJETIVOS e METAS para o turismo no período 2003 – 2007, bem como, resultado das contribuições de todas as entidades do setor ouvidas e manifestas. Os Macro Programas são construídos por um conjunto de programas que visam por seu intermédio, resolver os problemas e obstáculos que impedem o crescimento do Turismo no Brasil, identificados por um processo de consulta ao setor. (GOVERNO DO BRASIL, 2003, p 32)

Embora o PNT seja uma abordagem própria da administração federal empossada em primeiro de janeiro de 2004, as políticas públicas anteriores a esta apresentavam correspondências ao nível das unidades da federação com a regulamentação neste nível de um Conselho Estadual de Turismo sob o Decreto nº 40.041, de sete de abril de 1995, alterado pelo Decreto nº 48.058, de primeiro de setembro de 2003. Por conta deste ser composto por representantes de todas as secretarias de estado, várias entidades de classe e também aquelas ligadas ao setor e em razão da importância da atividade turística para a economia do estado a mesma aparece prevista na LEI Nº 11.605, de 24 de dezembro de 2003<sup>55</sup>, ou seja, o Plano Plurianual 2003-2007, que se relaciona aos objetivos e as metas estabelecidas ao nível estadual para que seja efetivada sua implementação e desenvolvimento. Figura o turismo, em consonância com a legislação federal, sendo abordado da seguinte forma:

---

55 GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. PLANO PLURIANUAL 2004-2007. LEI Nº 11.605, de 24 de Dezembro de 2003. São Paulo, 2003.

O Turismo faz parte, no âmbito das ações do PPA, do esforço de desenvolvimento dos demais setores quanto à geração de emprego, renda e divisas, sendo um importante vetor para o desenvolvimento econômico e social do Estado de São Paulo. O objetivo do programa da Secretaria é formatar, organizar e direcionar os segmentos turísticos do Estado. As ações desse programa, a serem articuladas com as demais secretarias, compreendem:

- Promover a implantação do plano estadual de turismo e de marketing
- Aprimoramento os atuais produtos turísticos e o desenvolvimento de novos produtos
- Articular e estimular a educação ambiental para o turismo e para o cooperativismo
- Consolidar circuitos turísticos em parceria com os consórcios de municípios
- Estimular o desenvolvimento do turismo náutico com marinas e atividades da pesca
- Estimular a produção de artigos artesanais como fator de renda nos municípios
- Promover a qualificação de agentes multiplicadores regionais
- Desenvolvimento do turismo sobre trilhos
- Implantação de pólos receptivos
- Promover o desenvolvimento de Parques Turísticos
- Desenvolver projeto de pólos turísticos culturais<sup>56</sup>

As ações que aparecem anteriormente exprimem a relação entre o PNT e o PPA denotando a sintonia entre ambos os níveis no que diz respeito à geração de condições para o desenvolvimento de novos produtos turísticos, assim como o desenvolvimento e consolidação daqueles já existentes. O município de Ribeirão Preto articula-se aos dois planos, anteriormente tratados, por intermédio da

---

56 GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. PLANO PLURIANUAL 2004-2007. LEI Nº 11.605, de 24 de Dezembro de 2003. São Paulo, 2003.

organização de sua legislação em nível municipal. A Lei 8.807, de 2 de junho de 2000 trata dos procedimentos para criação, organização interna e papéis a serem desempenhados pelo COMTURP. A legislação municipal apresenta, por sua vez, perfeita sintonia com o que já foi apresentado anteriormente nos níveis federal e estadual. No artigo 2º, segundo o COMTURP, as diretrizes do turismo em nível municipal, devem se pautar em

IV. Propor programas e projetos de interesse turístico visando incrementar o fluxo de turistas ao município;

V. Propor diretrizes de implementação do turismo através de trabalho coordenado entre os órgãos municipais e as entidades privadas com o objetivo de prover a infraestrutura local adequada à implementação do turismo em todos os seguimentos;

VI. Promover a integração do município ao Plano Nacional de Municipalização do Turismo da EMBRATUR;

VII. Manter intercâmbio com as diversas entidades de turismo, públicas ou privadas;

VIII. Sugerir a celebração de convênios com outros Municípios, Estados ou União ou opinar sobre estes quando for solicitado.<sup>57</sup>

Uma interpretação possível sobre a referida lei nos leva ao entendimento de que há uma articulação nos três níveis com intuito de fomentar o turismo. No caso de Ribeirão Preto os encaminhamentos que emergiram das reuniões do COMTURP conduzem a uma estratégia de captação de turistas no segmento de eventos e, em especial, daqueles relacionados aos negócios. Para exemplificar pode-se destacar que a primeira medida adotadas pelo COMTURP foi a realização do evento

---

57 PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. Lei nº 8.807 de 02 de junho de 2000.

"RIBEIRÃO PRETO - CIDADE DE INTERESSE TURÍSTICO" em primeiro de dezembro de 2000, voltado aos integrantes do segmento. Os temas tratados foram:

1. Melhores Linhas de Financiamento tendo como consultor a Dr<sup>a</sup> Stéfani Carolyn da Federação da Agricultura do estado de São Paulo;
2. Incentivo para Captação de Turistas e de Eventos tendo Consultor: Dr. Antonio Carlos Mourão Bonetti - Presidente da Câmara de Comércio, Indústria e Turismo Brasil-México;
3. "Chefs" da Alta Gastronomia tendo como consultor João Carlos Demarco - Assessor Técnico da Federação Brasileira dos Chefes de Cozinha.

Desde as primeiras ações empreendidas pelo COMTURP, ganha relevo a escolha de direcionar a atividade turística à exploração do segmento de eventos. Outras reuniões reforçam o que inicialmente a entidade apresenta, quando analisados os temas abordados. Entre as temáticas discutidas entre os anos 2000 e 2004 aparecem preponderantemente o transporte, trânsito, treinamento de taxistas, caracterização de meios de hospedagem, pesquisa de demanda turística municipal, análise dos principais eventos realizados no Município em 2003 e discussão sobre as condições do Terminal de Passageiros do Aeroporto "Leite Lopes" de Ribeirão Preto.

Quando se trata da discussão sobre atividades de esportes e lazer o plano diretor do município, em tramitação, na câmara municipal prevê em sua redação o seguinte:

#### SEÇÃO VI

#### DA POLÍTICA DE ESPORTES E LAZER

ARTIGO 127 - A Política Municipal de Esportes e Lazer deve ser implantada como processo complementar da formação e desenvolvimento global do cidadão, contribuindo para a sua identidade e integração social, com influência positiva na diminuição da violência urbana e melhoria da qualidade de vida da população.

PARÁGRAFO ÚNICO - O Município apoiará e incentivará as práticas esportivas e de lazer como direito de todos, abrangendo os diferentes grupos da população, conforme a Lei Orgânica do Município.

#### SUBSEÇÃO I

#### DAS DIRETRIZES

ARTIGO 128 - A Política de Esportes e Lazer nortear-se-á pelas seguintes diretrizes:

I - dar ao esporte e ao lazer dimensão educativa, com implementação de pedagogia que promova nas pessoas o espírito comunitário e o sentimento de solidariedade, contribuindo para diminuir ou mesmo eliminar, a postura discriminatória da sociedade;

II - fomentar indiscriminadamente todas as manifestações físicas, esportivas e de lazer;

III - elaborar um planejamento global que contemple um levantamento de todos os espaços possíveis de utilização para o esporte e o lazer, a fim de dimensionar e orientar a instalação dos equipamentos necessários para atender à demanda existente no Município, normatizando a implantação a ser executada pela Secretaria Municipal de Esportes;

IV - a elaboração de um calendário de atividades esportivas e de lazer que contemple as mais variadas e diferentes formas de expressão do esporte entre instituições de ensino, associações de moradores, clubes, sindicatos e instituições não governamentais, com atividades em todos os bairros da Cidade;

V - o Poder Público deverá incentivar e promover competições esportivas, cursos e seminários sobre práticas de esporte e lazer;

VI - promover eventos que contribuam para projetar Ribeirão Preto;

VII - envolver os diferentes segmentos da Sociedade Civil organizada, particularmente as entidades mais representativas da indústria e do comércio, visando sua colaboração com o Executivo Municipal na administração e conservação dos espaços e dos equipamentos, bem como na promoção dos eventos esportivos e de lazer;

VIII - criar o Conselho Municipal de Esportes.

ARTIGO 129 - Os instrumentos básicos para a realização da Política Municipal específica de Esportes e de Lazer, além de outros previstos nas legislações Federal, Estadual e Municipal, são:

I - os programas de manutenção e ampliação de equipamentos e serviços envolvidos nas atividades de esporte e de lazer;

II - os contratos, convênios e acordos entre o Poder Executivo e os outros agentes intervenientes no processo de esporte e de lazer;

III - a utilização dos recursos do Fundo Pró-Esporte, conforme a legislação pertinente.

§1º - As ações esportivas e de lazer do Município serão desenvolvidas, sempre que possível, em integração com outros setores e órgãos municipais, especialmente os ligados à área social.

§2º- O Município exercerá sua competência na área de esporte e de lazer, através da Secretaria de Esportes, da Superintendência dos Desportos de Ribeirão Preto e do Conselho Municipal de Esporte. (LEI COMPLEMENTAR nº 501, de 31 de outubro de 1995 que trata do PLANO DIRETOR DE RIBEIRÃO PRETO revisto pela Câmara Municipal de Ribeirão Preto)

O fragmento do plano diretor tratado anteriormente não aborda às atividades de esportes e lazer como sendo algo que também decorre do desenvolvimento da atividade turística. Esta é tratada por um plano à parte, chamado de PLANO

DIRETOR DE TURISMO<sup>58</sup>, onde o entendimento das ações ganha essencialmente cunho econômico. Um bom exemplo pode ser verificado nos termos empregados que denotam uma visão economicista do que é em sua essência, social,.

O patrimônio natural e arquitetônico, costumeiramente reconhecidos na literatura sobre o assunto, como atrativos turísticos já demonstrando a subversão dos valores humanos das populações locais, ou ainda recursos turísticos, aparecem no Plano Diretor de Turismo a que nos referimos, definitivamente como integrantes de uma oferta de produtos, na pior acepção da palavra, que disputam parcelas do mercado.

O significado dos bens, propriedade e referências espaciais da população são, dentro de um entendimento pautado na lógica do capital, convertidos em oferta. A resignificação orientada pelo Estado, no nível do município, e que se reporta às esferas espaciais mais abrangentes como as posturas mundiais, nacional e estadual relacionadas ao turismo, deveria resguardar as especificidades do lugar voltando-se a valorização dos bens territoriais. O que se observa, no entanto, é o contrário, pois o que se percebe pela leitura e análise do referido documento é a desarticulação deste patrimônio ao uso dos locais, ou ainda a adaptação do mesmo aos interesses principalmente turísticos.

Além disso, ao longo do documento, se reforça a idéia de uma população essencialmente reativa com relação ao turismo. Excetuando-se a parcela dos empreendedores e outros integrantes das esferas decisórias, que obviamente são parte da população, esta é tratada como pouco consciente e pouco envolvida com relação ao turismo, carecendo de cultura turística.

---

58

<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/SPLAN/pdturismo/i28PRINCIPAL.ASP?pagina=/SPLAN/pdturismo/i28principal.htm> com acesso em 12.05.2005

Há, no entanto, uma parte do PLANO DIRETOR DE TURISMO, que garante a participação da população, assumindo definitivamente a condição de recurso, terminologia típica da produção capitalista como podemos notar a seguir:

## 10 – CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

### 10.1 – Apresentação

O turismo é uma atividade essencialmente de prestação de serviços e portanto a qualidade no atendimento dos clientes é fundamental. Este atendimento não é restrito aos profissionais das empresas turísticas, mas a todos os moradores da cidade que têm contatos com os turistas.

Para que o turista tenha uma boa avaliação de Ribeirão e possa fazer a propaganda boca as boca (*sic*), que é o meio mais eficaz de divulgação de um destino turístico, há necessidade de que os recursos humanos da cidade estejam capacitados a fazer o receptivo destes turistas.

Ribeirão Preto já possui uma estrutura razoável de capacitação de recursos humanos. No entanto, é possível ampliar esta estrutura, notadamente nas áreas ainda não privilegiadas pelos organismos de formação e aperfeiçoamento da mão de obra do setor.<sup>59</sup>

Os humanos se “coisificam”, definitivamente segundo a lógica turística presente no discurso oficial, chegando a ponto de se propor, em outra passagem do documento, a criação de uma cartilha que permita aos professores do ensino de 1 e 2 graus<sup>60</sup> (*sic*) tratar da importância que deve ser dada ao turismo e ao bom atendimento do turista. Junto desta estratégia de “formação” de opinião também se destaca o trabalho de se desenvolver junto aos locais - entendidos como guardas municipais, policiais civis e policiais militares, motoristas de táxi, balconistas do

---

59

<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/SPLAN/pdturismo/i28PRINCIPAL.ASP?pagina=/SPLAN/pdturismo/i28principal.htm> com acesso em 12.05.2005

60 Ensino Fundamental e Ensino Médio, segundo a Constituição da República Federativa do Brasil.

comércio, frentistas de postos de abastecimento, artesãos e artistas plásticos, proprietários de bancas de jornal, produtores de produtos regionais - palestras de conscientização sobre a importância da atividade turística para o município.

Os elementos apresentados pelo texto que compõe o PLANO DIRETOR DE TURISMO de Ribeirão Preto sinalizam no sentido contrário ao que a bibliografia sobre o assunto tem tratado. Um exemplo desta abordagem contraditória pode ser visto em SOUZA, quando o mesmo trata de duas dimensões de análise do desenvolvimento a partir do turismo

1. A questão da autonomia é central. O desenvolvimento socioespacial pressupõe que uma coletividade tenha autonomia para gerir os seus destinos (ou seja, eleger, ela própria e conscientemente, as suas prioridades e os meios para concretizá-las), até mesmo para disciplinar o turismo conforme os seus interesses e as suas necessidades. Contudo, vale repetir, a população é heterogênea, e a assimetria de poder é, sobretudo em uma sociedade capitalista periférica, enorme. Autonomia, então, de quem?... Se a maioria da população não puder participar livremente da gestão dos recursos socioespaciais de seu município, o turismo (e outras atividades) dificilmente corresponderão às suas expectativas e casarão com os seus interesses; dificilmente, portanto, o turismo tenderá a trazer desenvolvimento socioespacial duradouro.

2. Há graus de complexidades diferentes, sobretudo em função do maior ou menor choque ou contraste produzido pelo contato regular entre grupos sociais socioeconomicamente e culturalmente distintos. Uma coisa é um fluxo regular de turistas para um espaço onde o poder aquisitivo, a cultura, etc. são semelhantes ou idênticos aos dos próprios turistas e do espaço de origem destes; no caso, os impactos negativos tendem a diluir-se, a serem absorvidos, e podem até predominar os efeitos positivos. No entanto, a assimetria de renda e as diferenças culturais podem ser negativas e traumáticas: um grupo de pessoas buscando o prazer, oriundas de uma realidade que consideram “superior” e dotadas de grande poder de compra pode gerar muitas distorções entre uma população mais pobre, seja diretamente (estimulando a

prostituição, mendicância, levando a uma perda coletiva de auto-estima), seja indiretamente (por exemplo, pressionando para cima o nível de preços dos produtos ofertados no mercado local prejudicando os habitantes mais pobres). Além disso, a cultura da população mais pobre também pode ver-se agredida (e com isso a própria identidade coletiva), gerando problemas social-psicológicos. (SOUZA, 1998, p. 20)

A partir das idéias apresentadas pelo autor de que a heteronomia na participação do planejamento voltado ao desenvolvimento, com base no turismo deve ser substituída pela autonomia das comunidades locais e, complementarmente, a assimetria de rendas entre turistas e estas deve ser substituída por simetria de entre as partes, é que nos voltamos ao município de Ribeirão Preto.

Princípios, que podem conduzir a população do município à condição de explorada podem ser identificados com alguma facilidade no texto, ou mesmo por sua ausência no mesmo. O exemplo que se impõe neste caso é o fato da mesma aparecer com destaque no plano enquanto recursos humanos, ou em outras palavras, como parte integrante da oferta. Neste contexto entendemos que é potencialmente provável que o discurso conduza à uma situação de efetiva assimetria e heteronomia dos locais com relação aos turistas e ao estado, respectivamente.

Para validação do que postulamos é perceptível a ocorrência de uma majoração em todos os preços praticados no município e que de alguma forma se relacionam ao turismo nos períodos de maior vigor de seus fluxos. Em concordância com este fato é possível também perceber a geração de um maior distanciamento dos moradores locais, das atividades de seu cotidiano onde, de algum modo, a atividade turística se manifesta, excetuando-se os casos onde são gerados empregos e subempregos para aqueles. Sob este aspecto e a partir da

“contabilidade” do turismo, que assimila quase todas as atividades econômicas desenvolvidas no município como se fossem decorrentes de sua exclusiva influência, é que entendemos como contraditória a assimetria de renda existente.

Há, a partir da análise da legislação e deste breve histórico, no entanto, um encadeamento de ações que sinalizam no sentido de consolidar o município como centro de convergência para realização de negócios e de eventos, como tratado no restante do documento ao qual nos referíamos. Um exemplo deste direcionamento pode ser identificado na mídia impressa com circulação nacional, como no exemplo, que aparece na matéria sobre turismo do jornal Gazeta Mercantil que já citamos anteriormente com o título de “Festa e negócios no interior paulista” onde se encontra a afirmação de que “A cidade de Ribeirão Preto recebe três mil eventos por ano. São, em média, onze por dia útil”. O texto ainda aponta a região como catalisadora de outros importantes eventos que se somam aos que estão sediados no município.<sup>61</sup>

---

61 COSTA, E. A. da. Festa e negócios no interior paulista. Gazeta Mercantil. São Paulo, 16 de agosto de 2004. Turismo. P A-16.

#### 4. MATERIAIS E MÉTODO

Para a realização do trabalho de pesquisa a que nos propusemos foi importante a obtenção e utilização de materiais diversos, hardwares e softwares, receptor de GPS, equipamento fotográfico, assim como outros recursos materiais necessários para a realização da coleta de campo. As principais vias para obtenção de dados para nosso trabalho foram basicamente a revisão da bibliografia sobre os temas tangenciados pela pesquisa, obtenção e preparação da base cartográfica, e obtenção de dados mediante o levantamento em campo e inserção dos mesmos em software adequado aos nossos propósitos. Estes passos serão tratados adiante e subdivididos em dois grupos, recursos materiais em geral e recursos de método (de investigação e interpretação) dos dados convertidos em informação espacial pelo software.

Os dois grupos foram separados por nós apenas para permitir o melhor entendimento dos passos encadeados, mas é de fundamental importância destacar que são indissociáveis em sua essência no trabalho de pesquisa. As cinco etapas nas quais os subdividimos e empregamos foram a revisão bibliográfica sobre os temas a serem investigados; tratamento em meio digital dos mapas utilizados; atividade de campo com coleta de dados; introdução de dados no software de Geoprocessamento Arcview com geração de resultados em forma de material gráfico e cartográfico com posterior análise e reflexão sobre o material supra-citado.

A tarefa de pesquisa por nós organizada compreende alguns procedimentos que podem ser reunidos no que LIBAULT(1994) apud SPÓSITO (2005, p 83) considera como um encadeamento adequada de atividades básicas na pesquisa. Esta seqüência compreende uma atividade compilatória, onde são coletados os

dados que nortearão as perguntas do pesquisador. Neste caso, entendemos que, no que diz respeito a este questionamento que orienta a pesquisa, como a busca de nossos objetivos que já foram anteriormente explicitados, escolha de fontes, elaboração de planilhas de pesquisa, etc. Segundo o autor a próxima atividade é chamada de correlatória, e deve cumprir o papel de estabelecer a comparabilidade entre os dados por intermédio da definição de parâmetros a estes concernentes. Na terceira etapa embora, em função da natureza de nossa pesquisa, tenhamos escolhido as variáveis para a composição dos nossos mapas, planilhas, etc, de outro lado temos claro que nossa interpretação se fundará em princípios do método dialético, com a busca da análise dos elementos que se integram na totalidade por nós pesquisada. Esta etapa é chamada de semântica pelos mesmos e antecede aquela chamada de normativa, ou seja,

A última atividade que se pode propor é aquela a que chamamos de normativa. Nesse momento, faz-se o refinamento da informação geográfica com todas as suas componentes. A base teórica, o encaminhamento metodológico e a elaboração de raciocínios para a análise tornam-se necessariamente mais claros. Realiza-se a redação, que exige, em relação à teoria do conhecimento, a linguagem adequada para a comunicação do conhecimento.

Todas as atividades expostas (compilatória, correlatória, semântica e normativa) fazem parte da totalidade da investigação e cada uma delas contém a outra em sua realização, mesmo que as tenhamos colocado na ordem apresentada. Cada uma delas apresenta-se mais intensamente num ou noutro momento da pesquisa, mas todas fazem parte de uma totalidade que só pode ser apreendida por parte do pesquisador no nível da abstração. (SPOSITO, 2005, p 84)

Por concordamos com o que foi exposto anteriormente é que nos dedicaremos doravante a detalhar melhor estas etapas, mas sem maior rigidez uma vez que já expusemos nosso entendimento sobre a complexidade da pesquisa.

#### 4.1. Procedimentos técnicos e materiais

Os recursos materiais foram subdivididos ainda em instrumentais (hardwares, softwares e outros equipamentos) que detalharemos doravante e também financeiros que não comentaremos por somente se restringirem aos custos de reprografia das planilhas de coletas de dados e ao consumo combustível utilizado para o deslocamento. Este em sua maioria foi realizado a pé, em decorrência da proximidade de alguns elementos pesquisados na área correspondente ao quadrilátero central do município e especialmente por conta da dificuldade encontrada no deslocamento com uso de veículo automotor.

Assim, em nosso ponto de partida, nos envolvemos com a obtenção da base cartográfica do município procedendo com a busca do mesmo necessário às ações pretendidas, entrando em contato com a Secretaria Municipal do Planejamento de Ribeirão Preto para averiguar sobre a possibilidade de acesso ao material existente sobre o objeto escolhido. Fomos prontamente atendidos pelo Chefe da divisão de informatização e computação gráfica Francisco do Carmo Nucitelli que nos recomendou o encaminhamento de ofício juntamente com as mídias para suportar os arquivos, ou seja, o material existente.

Após o encaminhamento do mesmo nos foi entregue, pelo mesmo, em meio digital a base cartográfica do município aferida na escala de 1:2.000 gerada pelo programa Auto Cad 2002 atualizada até o mês de maio de 2003, no datum Córrego Alegre. Obtivemos também o mosaico aerofotogramétrico do sítio urbano do município e de seu distrito produzido no ano de 2002 na escala de 1:2.000, mas cabe destacar que este foi retificado a partir do South American Datum 1969. Assim,

a utilização dos materiais de forma combinada dentro do mesmo software, o Arcview, como era a intenção inicial ficou dificultada como apontaremos a seguir.

Paralelamente à obtenção do material cartográfico e imagético realizamos a revisão bibliográfica sobre os temas escolhidos. A partir desta e dos referenciais eleitos como importantes para a pesquisa foram elaboradas as planilhas utilizadas para coleta de dados sobre os elementos espaciais escolhidos. Foram preparadas planilhas para a oferta turística, infra-estruturas básica e turística que detalharemos a seguir.

Foram aplicadas as planilhas destinadas coleta de dados do equipamento de hospedagem, dos atrativos em si entendidos, no caso de Ribeirão Preto, como arquitetônicos (históricos), religiosos, comerciais, de lazer e culturais; Locais onde acontecem os eventos que polarizam fluxos no município; Transporte (estações terminais, locadoras de automóveis, pontos de táxis); Equipamentos de alimentação (restaurantes) e operadoras e agências de viagens. Todas as planilhas foram compostas com os seus respectivos campos específicos e também os campos comuns para coleta de coordenadas UTM.

A Coleta de dados de posicionamento em campo foi feita com o uso de aparelho receptor de sinais de satélite para navegação, modelo Summit da marca Garmim que utiliza a constelação de satélites conhecidos pelo nome de Global Position System (GPS) alimentado por pilhas pequenas tamanho AA.

Como recursos de informática de Hardware utilizamos o Desktop com processador Celeron, fabricado pela Intel com velocidade de 2.200 Mhz, 256 MB de memória RAM, um disco rígido HD de 80 GB, Drive de disco flexível de 1.44", Drive de CD-Rom de 60X, Drive de CD RW 32X, sistema operacional Windows XP Professional Edition, monitor de vídeo VGA LG Studioworks 563A e Multifuncional

HP PSC 1315. Os softwares utilizados foram o Arcview 3.2a, Autocad Map 2000, Adobe Reader 6.0 e a Suíte Microsoft Office XP.

Para a coleta de imagens foram utilizados os seguintes equipamentos: Câmera fotográfica convencional da marca Cannon modelo Elan 7, lente Cannon com distância focal 28-90 mm, luminosidade 1:4-5.6 e registro em meio analógico (filme) modelo Pró Image 100 ASA da marca Kodak.

Câmera digital modelo Zire 71, da marca Palm com lente com distância focal de 3,6 mm, luminosidade de 1:2.8, resolução de 640 X 480 pixel, (cerca de 0,3 megapixel, gerando arquivos de aproximadamente 60 kb), equipada com cartão de expansão de memória SD de 64 MB. Para o trabalho de coleta de dados foram feitas no total 450 cópias das nove planilhas elaboradas e destinadas a esta tarefa.

Nosso primeiro passo após a obtenção da base cartográfica em meio digital foi buscar sua manipulação com o software ArcView, momento em que percebemos que isto não seria possível inicialmente em função, acreditamos, do material ter sido criado para outros propósitos que não este necessariamente. Portanto a extensão “dwg” do arquivo, nativas do Autocad, não foram “abertas” no software por não haver compatibilidade entre os dados neste formato e o recurso de leitura do software, além de estarem presentes no arquivo significativa quantidade de dados que não seriam utilizadas na elaboração de nossa pesquisa. Fizemos numerosos testes, excluindo o que não seria utilizado com o intuito de “limpar” o processo de visualização tornando o arquivo menor. Ao longo deste processo se constatou que somente seria possível a visualização dos arquivos em questão com a criação de uma cópia em Autocad Map 2000 com extensão .dxf para Autocad 12, do arquivo que tratamos anteriormente. Após este procedimento o Arcview tornou possível a

visualização do arquivo completo, pois até então a vista era fragmentada, ou então não conservava as coordenadas UTM originais.

Em outras palavras a base cartográfica do município aferida na escala de 1:2000 gerada pelo programa Auto Cad 2000 atualizada até o mês de maio de 2003, no datum Córrego Alegre não podia ser aberta no Software Arcview 3.2a, mesmo com o módulo leitor de arquivos com extensões CAD habilitado. O software acusou erro em todas as tentativas que não observaram o procedimento descrito anteriormente.

Após a abertura do arquivo CAD e os layers por nós selecionados relacionados ao tema de nosso interesse estes foram convertidos para shapefile (shp) arquivo nativo do Arcview 3.2a, para que fosse possível inserir os dados coletados em campo diretamente no banco de dados, também nativo, do software. Os layers existentes originalmente no arquivo dxf selecionados foram aqueles com os nomes GUIAS, ÁREA\_VERDE e 20 – PRAÇA JARDIM, que passaram a se chamar Rp.shp.

Em seguida foi criado o projeto que nomeamos trp.apt, forma abreviada de Turismo Ribeirão Preto, associada à extensão nativa do software que nomeia os projetos criados no mesmo (apt) e dentro do mesmo a vista Mapa Turístico. Após este trabalho, a tarefa passou a ser o agregar ao arquivo Rp.shp, que foi gerado as tabelas de atributos das entidades ou símbolos que representam os elementos espaciais relacionados ao turismo, seus dados e suas respectivas coordenadas correspondentes. Assim, continuamos com o processo de criação de novos arquivos dbf e posteriormente novos arquivos shp:

Uma vez definidos estes elementos aos quais fizemos referência buscamos cumprir as tarefas que tornassem possível o planejamento e a efetiva coleta de dados que trataremos a seguir.

#### 4.1.1. Georreferenciamento de dados e utilização do software ArcView

A avaliação comparativa entre os softwares a que tivemos acesso nos conduziu a escolha e uso do Arcview em sua versão 3.2a para o geoprocessamento dos dados. Trata-se de um Software com larga utilização no âmbito planetário que permite a produção de mapas e análise espacial destes assim como a organização de dados. Utilizando bases de dados espaciais pode responder a questões de índole espacial e alfanumérica de uma forma integrada criando novas informações geográficas a partir dos dados existentes.

Trata-se de um software poderoso destinado a usos e usuários múltiplos em especialidades. Pode ser customizado sem a necessidade de uso de linguagem de programação. Além disso, acessa diretamente dados em CAD e outras extensões comuns para este tipo de softwares. Há, no entanto, quando comparado a outros softwares de mesma natureza, uma limitação imposta em função de seu custo elevado de implantação e uso. Sua importância e qualidade são justificadas prontamente por intermédio de sua utilização ampla no mundo todo.

No âmbito de nosso trabalho é importante destacar que houve interferência decorrente do fato do mesmo já estar instalado nos computadores do laboratório de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto da Universidade Federal de Uberlândia. Desta forma não houve nenhum tipo de desembolso de nossa parte para aquisição do mesmo.

A inserção de dados relacionados ao posicionamento dos locais por nós inventariados contou com a utilização de um aparelho receptor de sinal da constelação de satélites NAVSTAR/GPS, da marca Garmim, modelo Summit. A obtenção desta natureza de dados (coordenadas planas UTM), é de fundamental

importância para consecução de nosso projeto, uma vez que os objetivos se relacionam com a distribuição dos elementos relacionados ao turismo no município de Ribeirão Preto e suas implicações espaciais. Buscamos realizar nossa tarefa com margens de erro de posicionamento inferiores a quinze metros, de tal sorte que o posicionamento dos elementos nas representações correspondessem do modo mais fiel possível aos seus respectivos posicionamentos em campo, ou ainda, na superfície. Para agrupar estes dados a outros utilizados em nossa pesquisa incluímos de forma associada a cada um dos pares de coordenadas, outros campos que compuseram nove planilhas de coleta de dados e que possibilitaram a complementação de nosso trabalho.

Outro momento importante dentro do projeto se relacionou aos ícones escolhidos para representarem as entidades correspondentes na realidade.

Segundo JOLY

Um mapa é, definitivamente, um conjunto de sinais e de cores que traduz a mensagem expressa pelo autor. Os objetos cartografados, materiais ou conceituais, são transcritos através de grafismos ou símbolos, que resultam de uma convenção proposta ao leitor pelo redator, e que é lembrada num quadro de sinais ou legenda do mapa.  
JOLY (1990, p 17)

Sob esta lógica e por conta da natureza diversa dos elementos que buscamos representar e em decorrência da bibliografia disponível, optamos por fazer uso, segundo o mesmo autor, de sinais convencionais e pictogramas. Os primeiros foram utilizados para compor os vetores da base cartográfica e também para representar alguns dos elementos integrantes dos mapas turísticos como, por exemplo, os atrativos, equipamento de hospedagem, agências e operadoras de turismo,

locadoras de automóveis e vans, infra-estrutura básica e infra-estrutura turística. Os pictogramas, por sua vez, prestaram-se a destacar os elementos restantes, como por exemplo, os equipamentos de alimentação, bancos 24 horas e pontos de táxi.

## 4.2. Elaboração de planilhas e procedimentos de coleta de dados em campo

Para acomodar os dados obtidos em campo e depois convertê-los em informações foi necessária à criação de um Banco de Dados Geográficos (BDG), ou seja, um banco de dados coletados empiricamente concernentes à atividade turística. A criação de um BDG exige várias etapas: coleta dos dados relativos aos elementos de interesse identificados no plano; organização dos dados coletados e georeferenciamento dos mesmos na base digital. Trata-se de uma das etapas mais trabalhosas da pesquisa que foi pontuada por algumas dificuldades, em especial, as de deslocamento para coleta de dados.

Como já tratado anteriormente as planilhas foram elaboradas para, de forma organizada, coletar dados sobre os estabelecimentos de hospedagem, estabelecimentos de alimentação e bebidas, estabelecimentos de locação de automóveis e vans, agências de turismo, atrativos turísticos, infra-estrutura turística, estabelecimento para eventos, pontos de táxi, terminais modais e o restante da infraestrutura básica que de algum modo se relaciona com o turismo. Os critérios e os campos criados para a pesquisa foram desenvolvidos, como por exemplo, no caso do equipamento de hospedagem, a partir das referências do Guia Quatro Rodas da editora Abril<sup>62</sup>, edição 2005 e também a partir do perfil dos turistas que afluem para o município de acordo com pesquisa realizada por SILVA<sup>63</sup>, como será mais bem

---

62 GUIA QUATRO RODAS. Editora Abril. São Paulo. 2004.

63 SILVA, K. A. R. O impacto do turismo de eventos em Ribeirão Preto: o caso agrishow. Ribeirão Preto. (Trabalho de Conclusão de curso). 2002. Faculdade de Economia e Administração de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. 2002.

detalhado quando tratarmos deste tópico, assim como também o faremos com as outras tabelas nos seus respectivos tópicos.

Os procedimentos de coleta de dados incluíam, em primeiro lugar, coleta e registro em campo próprio da planilha, das coordenadas UTM em cada um dos locais, seguida do contato, por intermédio de entrevista com os funcionários de cada um dos mesmos, objetivando respostas para as questões componentes das planilhas. Estas se apresentam, em sua forma original, com maiores quantidades de campos, e conseqüentemente dados, do que as tabelas em meio digital que foram elaboradas para compor o projeto. Este fato decorre da intenção de cercar o mesmo de uma maior quantidade de informações, de tal sorte que seja possível avançar no que diz respeito às reflexões sobre as contradições que se apresentam no município de Ribeirão Preto, no que tange a atividade turística.

#### 4.2.1. Construção das tabelas do banco de dados

As tabelas foram criadas para abrigar as informações obtidas em campo e que serão fundamentais para nosso trabalho. Foram criadas ao todo, nove tabelas destinadas a acomodar os dados relacionados aos respectivos temas integrantes do projeto que criamos. Estas foram elaboradas e formatadas na extensão nativa do Arcview (dbf) e posteriormente associadas ao projeto por intermédio do comando Add Event Theme, presente no menu View. Em seguida foram convertidas na extensão nativa do software Arcview shp (shapefile) por intermédio do comando Convert to Shapefile presente no menu Theme. Assim, as tabelas destinaram-se à armazenagem dos dados ou atributos contidos nos temas e foram nomeadas da seguinte forma:

1. Hoteis.shp (com o propósito de acomodar os dados do equipamento de hospedagem)
2. Alimentação.shp (contendo os dados sobre os restaurantes e bares do município);
3. Atrativos.shp (contendo os dados relacionados aos atrativos);
4. Infra-estrutura Turística.shp (resultante, no caso do município, das especificidades da “tipologia” de turismo que tem prevalência);
5. Pontos de Táxi.shp (para armazenagem dos dados dos pontos de táxi);
6. Agências.shp (com os dados das agências emissivas);
7. Locadoras.shp (armazenando os dados das locadoras de automóveis e vãs);

8. Infra-estrutura Básica.shp (armazenando a infra-estrutura básica útil ao turismo);
9. Bancos 24 h.shp (com dados da localização dos mesmos)

A preparação de cada uma delas, assim como os critérios utilizados para escolha de atributos que consideramos úteis à composição das planilhas e das tabelas em meio digital serão discutidos em seguida, quando tratarmos especificamente de cada um destes temas.

#### 4.2.1.1. Equipamento de hospedagem

A origem da palavra hospitalidade esta ligada de forma indissociável ao nosso trabalho. O termo hospitalidade tem sua origem na palavra “hospice”, que por sua vez tem raiz no Latim como *“hospitium”*, ou seja, ação de hospedar; hospedagem, pousada, agasalho, hospício, asilo; dar hospedagem a alguém. Por entendermos que Ribeirão Preto possui atrativos que motivam um grande uso de seus meios de hospedagem por parte de visitantes voltados aos eventos e negócios decorrentes destes, acreditamos que a pesquisa deveria contemplar o equipamento hoteleiro do município primeiramente, por ser este considerado como fundamental e simbólico para o turismo.

Não discutiremos neste trabalho as questões relacionadas à tipificação dos estabelecimentos, assim como sua classificação, por não entendermos como oportuno tratar destas variáveis e critérios, uma vez que pretendemos somente localizar e caracterizar fisicamente os elementos. Neste caso específico, devido ao processo de reestruturação da EMBRATUR, diretrizes e suas estratégias, e também, em razão da Associação Brasileira da Industria Hoteleira (ABIH) possuir também uma proposta de matriz de classificação para o equipamento hoteleiro, o tema ainda não possui posição de consenso ou uma aceitação mais adequada.

Desta forma nossa coleta de dados buscou visitar todos os locais que destinam-se a este fim, ou seja hospedagem, a partir de listagem que nos foi fornecida pelo Sindicato dos Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares, sede de Ribeirão Preto. De posse deste material passou a ser nossa prioridade a obtenção de dados sobre os mesmos. Nas atividades de campo percebemos que não havia somente meios de hospedagem convencionais (hotéis em geral e flats) mas também

os meios de hospedagem reconhecidos dentro da terminologia do turismo, segundo BENI (2002, p. 327), como não classificados e/ou extra-hoteleiros.

A literatura admite neste grupo pousadas, pensões, pensionatos, campings, albergues, alojamentos, etc, modalidades de hospedagem que julgamos não serem indispensáveis para nossas considerações, em razão do turismo de negócios e eventos estar centrado nos meios de hospedagem convencionais – somente os hotéis e flats - pois o custeio dos gastos com a hospedagem é, na maioria dos casos, feito por pessoa jurídica que, por questão contábil necessita da emissão de notas para comprovação de gastos desta natureza. Este fato decorre do destes gastos representam mundialmente grande parte dos gastos totais do turismo, comumente, 20% a 30% dependendo da qualidade, do destino, e do objetivo da viagem. Esta tendência se comprova também no Brasil e nos motivou para escolher somente estes tipos de estabelecimento para o trabalho que nos propusemos desenvolver.

Os parâmetros necessários para procedermos com a caracterização e localização do equipamento hoteleiro foram escolhidos a partir das especificidades locais e do que considera BENI (2002, p 338) sobre este serviço. Buscamos analisar as planilhas propostas pelo autor e definir em seguida quais critérios mais se aproximavam do perfil de turismo desenvolvido no município. Neste contexto os dados que compuseram a planilha foram divididos basicamente em três subgrupos. Um primeiro destinado às coordenadas de localização do estabelecimento para a base cartográfica do município (Coordenadas UTM); o segundo refere-se ao dados de identificação do mesmo (Registro EMBRATUR, Estado, Município, Natureza do estabelecimento, Nome Fantasia, Razão social, Telefone de reservas, Fax, E-mail, Home-page, Endereço, Cep, Bairro,) e o terceiro tratou da quantificação e

qualificação dos serviços (número e configuração de quartos e apartamentos, total de leitos, existência ou não de bar, restaurante, lavanderia, estacionamento, TV na unidade habitacional, Condicionador de ar e ou ventilador, telefone na unidade habitacional, frigobar (onde estes quatro últimos itens forma agrupados e nomeados de “pacote conforto 1” - PC1), café da manhã incluído na diária, piscina, auditório ou sala para reuniões, aceitação de cartões de crédito, recursos de acessibilidade para portadores de limitações físicas, preço máximo e preço mínimo praticados. Agregamos ainda a este terceiro grupo o item que nomeamos em nossa planilha como pacote conforto 2 (PC2) e que reúne equipamentos e serviços que entendemos se articular com o turismo praticado preponderantemente no município. Por conta da aceleração dos fluxos de informações característica da chamada globalização da economia, entendemos que o perfil do turismo de negócios e eventos busca maior densidade tecnológica para permitir que seus usuários se comuniquem rapidamente com o restante do mundo. Orientados por esta idéia entendemos que este “pacote” deveria ser “tecnológico” e compusemos o mesmo com os seguintes serviços e equipamentos: aparelho de fax para uso do hóspede, acesso a Internet rápida para o hóspede, (terminal de computador para e ou recursos de informática para uso do hóspede em consultas de Internet e em eventos). O resultado de nossas reflexões pode ser observado no Apêndice A que apresenta o banco de dados gerado no software Arcview, assim como os outros bancos que foram gerados com menor nível de variáveis mas que consideramos suficiente para demonstrar como são os bancos que integram nosso projeto

A coleta dos dados sobre os equipamentos de hospedagem foi realizada ao longo do mês de novembro e dezembro do ano de 2004. Cabe ressaltar que o formato inicialmente proposto para as planilhas foi modificados e simplificados

chegando a aparência que pode ser observada no apêndice A. Ao final da coleta de dados cuidamos da inserção dos dados em meio digital. Este procedimento resultou na produção de uma carta temática com a localização dos Hotéis e Flats que aparecem listados a seguir com seus nomes comerciais ou “fantasia”, que atualiza a listagem que, inclusive foi nosso ponto de partida, disponibilizada pelo sindicato patronal. Os meios de hospedagem encontrados em funcionamento regular durante trabalho de campo realizado foram inventariados a partir do uso da planilha que aparece no apêndice B.

As informações agrupadas em formato digital nesta carta, resultado da pesquisa a que nos propomos e, aqui relatada, oferece a possibilidade de um rápido resgate de informações sobre os estabelecimentos pesquisados, bem como também se configura em um ágil instrumento de espacialização de dados, especialmente tendo como referência o quadrilátero central do município (recorte compreendido entre os limites estabelecidos por quatro Avenidas, a saber: Francisco Junqueira, Independência, Nove de Julho e Jerônimo Gonçalves) onde está localizado o marco zero do município.

O turismo em Ribeirão Preto indica, em razão dos eventos que acontecem ao longo do ano e dos fluxos de visitantes voltados aos negócios que participam dos mesmos, a tendência a um direcionamento da estrutura ou equipamento turístico hoteleiro de tal sorte que atendam às solicitações das atividades caracterizadas como turismo de eventos e negócio.

Ainda foi possível constatar que o equipamento de hospedagem do município vem sofrendo, em sua dinâmica própria, influência e, em decorrência dessa, modificações, no que é atinente ao seu público alvo. Alguns dos estabelecimentos localizados dentro dos limites do quadrilátero central ou próximo do mesmo, que se

caracterizavam por alta rotatividade de hóspede, típica de estabelecimentos onde ocorrem programas sexuais, vem sofrendo reformas para atender ao contingente de pessoas que viaja à negócios por suas respectivas empresas e que passam por Ribeirão Preto ou ainda a transforma em localidade base para suas ações no âmbito regional, retornando à mesma para pernoitar durante sua jornada de trabalho. A recorrência desta prática vem conduzindo outros estabelecimentos à mesma iniciativa progressivamente e, por conseqüência, tem provocado um aumento médio dos preços praticados, embora estes ainda estejam abaixo daqueles voltados ao público que viaja a negócios, mas, que estão em patamares de renda e formação superiores. Tentaremos posteriormente realizar esforço no sentido de refinar as reflexões sobre as implicações desta reorganização para o equipamento hoteleiro do município.

#### 4.2.1.2. Equipamento de alimentação

A oferta de equipamentos de restauração, ou seja, de alimentos e bebidas, será doravante nomeada de Alimentação, em nosso projeto, para que seja possível a fácil associação com o que será representado na carta temática resultante. Apesar de receber este nome, esta carta apresentará não só restaurantes, mas também bares e similares que ofereçam serviços de restauração, excetuando-se as casas noturnas e de espetáculos que também o façam em razão destas figurarem entre os atrativos e infra-estrutura turística, respectivamente. Há uma outra exceção relevante que deve ser concedida a um dos principais restaurantes e choperias do município que, embora seja destinado ao oferecimento de alimentos e bebidas, figurará em nosso projeto no tema destinado aos atrativos.

Assim, o primeiro critério a ser utilizado para a escolha do universo de nossa pesquisa é o fato de o estabelecimento ser responsável, primariamente, pela oferta de alimentos e ou bebidas.

O segundo critério escolhido, e que se destina a separar da totalidade de estabelecimentos existentes no município, voltados a esta modalidade de prestação de serviços, busca definir o que será efetivamente reconhecido como equipamento de restauração com uso potencialmente turístico. Entendemos como necessária esta distinção uma vez que lanchonetes, cafés, casas de sucos, salgaderias, rotisseries, restaurantes em praças de alimentação de shopping-centers, serviços expressos de entrega de pizzas e outros alimentos, entre tantos, são responsáveis por esta oferta também. Assim, utilizamos cinco referências para determinar o que será pesquisado.

A primeira, aferida por intermédio de entrevista, é o fato da empresa estar estabelecida há mais de cinco anos no mercado local sem interrupções prolongadas

de suas atividades; a segunda diz respeito ao estabelecimento possuir um mínimo de dez mesas para o atendimento de seus clientes, em suas instalações, como pudemos observar nas visitas aos pontos; a terceira é que a mesma figure nos guias existentes consultados de forma recorrente. Os guias que contém informações desta natureza foram o Guia Quatro Rodas Brasil 2005; Guia Oficial da Cidade: Ribeirão Hoje 98/99; Guia Mais: Ribeirão Preto 2004/2005; Guia Vitrine 2005/2006; Guia Cidades: Ribeirão Preto 2004 e Lista Telefônica da Comunidade: Ribeirão Preto 2005<sup>64</sup>. A referência de número quatro diz respeito ao estabelecimento estar localizado em situação que lhe permita oferecer seus serviços a parcelas mais significativas da população do município e não somente aquela que reside em seu entorno próximo. Para que isso ocorresse foi necessário considerar, em nossa pesquisa, que os estabelecimentos estivessem localizados no centro da cidade – quadrilátero central - ou em corredores ou bolsões tradicionalmente comerciais, observados empiricamente; Como quinta e última referência, entendemos ser importante o reconhecimento, por parte dos moradores locais, de seu histórico de prestação de serviços e/ou por outras especificidades relevantes.

Por conta das circunstâncias decorrentes da delimitação de nosso tema, não trataremos aqui das idéias de percepção, reconhecimento, identidade, em seu sentido mais abrangente, apesar de considerá-las importantes dentro da análise da atividade turística. Consideraremos nesta última referência aspectos como longevidade na prestação de serviços, especialização de sua cozinha, diferenciais no atendimento, maior refinamento na constituição de seu cardápio, avaliação diferenciada por guias especializados, entre outros.

---

<sup>64</sup> Guias que apresentam nome, endereço, telefone, e em alguns casos, cep e bairro dos estabelecimentos comerciais por nós pesquisados.

Após a breve exposição sobre as variáveis escolhidas por nós, para refletir sobre a possibilidade de planejamento e estruturação de questionário para a coleta de dados sobre a oferta do equipamento de alimentação chegamos ao formato final de uma planilha. Esta conta, esquematicamente, com os mesmos grupos de informações que aquela destinada aos equipamentos de hospedagem. Assim, reservamos os campos para as coordenadas UTM, seguidas de um outro bloco de caracterização contendo informações sobre a localização, nome fantasia ou comercial, razão social, telefone(s), fax, e-mail, home-page, endereço, número, cep, bairro, número total de mesas e assentos. O terceiro grupo de informações se relaciona ao atendimento e suas características, a saber: a aceitação ou não de cartão de crédito, existência de estacionamento, preços praticados, existência de recursos de acessibilidade e horários de funcionamentos. Estes dados foram reunidos com a utilização da planilha que aparece no apêndice C.

Estas informações, ao mesmo tempo em que integraram nosso banco de dados, também serviram para conhecer com maior detalhe a oferta a que nos referimos, uma vez que, foi composta por dados resultantes de perto de 200 visitas feitas ao longo de três meses dos quais foram selecionados, a partir dos critérios listados, cerca de 130 estabelecimentos de restauração.

Entendemos ser importante destacar que, por se tratar de um tipo de oferta com dinâmica singular, no município de Ribeirão Preto, ocorreram casos durante nossa pesquisa em que os estabelecimentos haviam modificado sua prioridade de oferta ou mesmo encerrado suas atividades. Uma quantidade significativa de estabelecimentos identificados nos guias que consultamos, e também no *site* oficial do município, administrado pela Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto estavam fechados, em alguns casos, por lapsos de tempo maiores que seis meses. Embora

tenhamos previsto que nossos trabalhos de pesquisa em campo se encerrassem no dia 30 de março de 2005, continuamos a inserir dados de novos estabelecimentos desta natureza inaugurados ao longo do mês de abril, de tal sorte que a produção do mapa temático relacionado a esta oferta correspondesse efetivamente ao que se encontra no município, no momento final da pesquisa. Embora tenha sido empreendido um grande esforço para que fossem incluídos neste mapa, o maior número de estabelecimentos possível, temos a convicção de que alguns podem não ter sido acrescentados em razão da significativa oferta dos mesmos no município e de sua dinâmica própria, com encerramento e abertura de atividades freqüentes.

#### 4.2.1.3. Atrativos turísticos

Os atrativos turísticos foram selecionados e considerados na pesquisa partindo da premissa de que o município desenvolve atividades reconhecidas como turismo de negócios e eventos, principalmente. Segundo esta lógica, além dos atrativos turísticos considerados como clássicos geradores de fluxo de visitação, como, por exemplo, aqueles de cunho arquitetônico, cultural, histórico, etc., ainda acrescentamos os clubes recreativos que permitem a visitação daqueles que tem origem diversa da do município de Ribeirão Preto, teatros, os restaurantes, choperias Pingüim, praças e parques com maior afluência de público. Alguns destes atrativos já foram destacados anteriormente mas ainda citar os que podem ser vistos parcialmente em registros fotográficos que aparecem a seguir



**Figura 13 – Praça Carlos Gomes com Chafariz da Praça XV de Novembro em segundo plano, Ribeirão Preto, SP.  
Autor: SOUZA, A. A., jun./2005**



**Figura 14 – Entrada do Parque Municipal Luiz Roberto, Ribeirão Preto, SP.  
Autor: SOUZA, A. A., jun./2005**



**Figura 15 – Vista parcial interna do Parque Municipal Luiz Roberto Jábali, Ribeirão Preto, SP.  
Autor: SOUZA, A. A., jun./2005**



**Figura 16 – Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto instalada no “Palácio Barão do Rio Branco”, Ribeirão Preto, SP.  
Autor: SOUZA, A. A., jun./2005**

O resultado desta investigação produziu um mapa com informações espacializadas que destaca os atrativos dispersos no interior e entorno do quadrilátero-central do município de Ribeirão Preto. Para a representação dos mesmos, devemos destacar, optamos por sinais gráficos que permitissem enfatizar a observação da distribuição dos mesmos, no município, não nos atendo às suas especificidades. Assim, obtivemos uma vista com somente um símbolo representando os vários tipos de atrativos.

Para que se chegasse a este resultado figuraram na planilha três grupos de campos de dados a saber: posicionamento em coordenadas UTM, caracterização e localização do atrativo e, por último (estado, município, denominação ou nome fantasia, telefone para informações e reservas, fax, e-mail, home-page, endereço, no, cep, bairro) e a caracterização de sua oferta (tipo de atrativo, existência de estacionamento, aceitação de cartões de crédito, recursos de acessibilidade, preço

médio em reais, horários de funcionamento). Consideramos como integrantes deste conjunto os itens que foram inventariados com a utilização do apêndice C.

#### 4.2.1.4. Equipamentos de infra-estrutura turística

Reconhecemos no corpo de nosso trabalho, como sendo integrantes deste item, os dados concernentes aos terminais modais, locais para realização de eventos em geral, entre outros. Consideramos desta forma como decorrência, principalmente, do município, segundo o que já foi exposto, polarizar fluxos específicos que resultam nestas especificidades.

Para buscar os dados atinentes a este grupo planejamos e elaboramos uma planilha composta por três grupos de dados reunindo respectivamente os campos de Posicionamento, (coordenadas UTM); localização e caracterização (estado, município, denominação ou nome fantasia, telefone para informações e reservas, fax, e-mail, home-page, endereço, no, cep, bairro) e caracterização da oferta (tipo de equipamento, estacionamento, aceitação de cartões de crédito, recursos de acessibilidade, preço médio em reais, horários de funcionamento). Estes dados quando espacializados resultaram no tema que aparece na vista reproduzida na figura 6, contendo o quadrilátero central como referência. Os mesmos aparecem listados no apêndice E.

#### 4.2.1.5. Pontos de táxis

Por entendermos que se trata de uma modalidade de infra-estrutura urbana, fundamental para o desenvolvimento da atividade turística, no âmbito do município, embora não seja de uso exclusivo deste segmento, também cuidamos do planejamento e elaboração de planilha destinada à coleta de dados sobre os pontos de táxi existentes.

Do mesmo modo como já foi feito com outros aspectos da oferta turística destacaremos que os dados reunidos foram agrupados como referentes a posicionamento (coordenadas UTM), localização e caracterização do ponto de táxi (estado, município, telefone para informações e reservas, fax, e-mail, home-page, endereço, nº, cep, bairro) e por final a caracterização dos mesmos (aceitação de cartões de crédito, recursos de acessibilidade, preço médio em reais, horários de atendimento). Os dados que listamos anteriormente, juntos, resultaram em um outro tema que também foi incorporado à vista que buscamos compor para que seja possível refletir sobre as implicações espaciais do desenvolvimento do fenômeno turístico no município de Ribeirão Preto. Estes dados, no entanto, devem ser observados com uma ressalva, uma vez que no município existe a presença dos “táxis não oficiais”, ou seja, proprietários de automóveis que, embora não possam exercer a profissão legalmente, acabam por fazê-lo. Não é possível considerarmos este aspecto por se tratarem de dados difícil mensuração, já que estas pessoas buscam a discricção, por conta da irregularidade e de outro lado por não existir uma efetiva fiscalização sobre este tipo de prestação de serviços. Por sua vez, os pontos de táxi foram inventariados com a utilização da planilha que aparece no apêndice F.

#### 4.2.1.6. Agências de turismo e operadoras

O trabalho de planejamento e elaboração destes questionários seguiu a orientação do que já havia sido tomada em outras das áreas consideradas em nossa pesquisa. Deste modo, ao final obtivemos uma planilha com os dados de posicionamento UTM, localização e caracterização da oferta destes estabelecimentos no município. O resultado da espacialização dos dados pode ser observado com destaque para concentração das mesmas no quadrilátero central do município, suas imediações, shoppings e setor sul de Ribeirão Preto.

Para que obtivéssemos o que aparece anteriormente foi necessária a coleta de dados em campo agrupados como será descrito a seguir. Posicionamento (coordenadas UTM), localização (estado, município, denominação ou nome fantasia, razão social, telefone para informações e reservas, fax, e-mail, home-page, endereço, nº, cep, e bairro) caracterização da oferta (estacionamento, aceitação de cartões de crédito, recursos de acessibilidade e horários de funcionamento). Percebemos também ao longo da realização da pesquisa o fato de algumas agências terem mudado de endereço ou encerrado suas atividades sem que fosse possível saber seu atual endereço e telefones, impossibilitando-nos de visitar algumas que não foram localizadas. Outro aspecto interessante constatado durante a pesquisa foi o fato de que, embora o município ganhe destaque progressivo, enquanto destinação voltada ao turismo de negócios e eventos, não foi registrada a existência de agência que se ocupe do trabalho de receptivo turístico. Os estabelecimentos visitados tiveram seus dados registrados em planilha semelhante àquela que aparece no apêndice G.

#### 4.2.1.7. Locadoras de automóveis e vãs

A oferta deste tipo de serviço, a exemplo do que já foi tratado anteriormente estabelece, segundo nosso entendimento, relações estreitas com a modalidade de turismo prevalente no município de Ribeirão Preto. Destarte, nos parece efetiva e factível a idéia de que existe uma relação entre o turismo de eventos e negócios com e a locação de veículos. Este dado se confirma, considerando o expressivo número de unidades disponível para locação, e a quantidade de estabelecimentos voltados a este propósito.

Nosso trabalho não desconsidera também a idéia de que exista uma oferta “não oficial”, por parte dos proprietários de lojas de veículos usados, destes para locação. Acreditamos que esta ocorre em razão dos mesmos, possuírem um investimento imobilizado que pode se converter em renda junto àqueles que não querem cumprir os trâmites de uma locação junto a uma empresa legalmente estabelecida.

Após esta afirmação entendemos que seja conveniente destacar que este fato encontra um paralelo quando se trata da oferta de locação vãs. Há um número expressivo de proprietários de veículos desta natureza que se prontifica a transportar passageiros, mesmo sem estarem legalmente constituídos para o exercício de tal empreita. Não é raro encontrar “perueiros” oferecendo seus préstimos a toda sorte de potenciais usuários. São, antes de qualquer coisa, expressão das relações que se travam dentro do contexto da produção capitalista.

Assim, os números que apresentamos em nosso trabalho resultam, a exemplo dos outros itens contemplados pelo mesmo, do aferimento da oferta presente nos guias e do *site* oficial do município excluindo, portanto a oferta informal que

acreditamos se pautar em uma necessidade de menor impedância nos deslocamentos dos operários à serviço do capital. Ao mesmo tempo, esta estrutura informal suporta, nos períodos de “temporada turística” do município, os fluxos gerados a partir da mesma, enquanto atividade econômica, mas devido as suas especificidades são difíceis de serem aferidas.

Os dados reúnem-se em torno dos eixos principais que utilizamos para demarcar as outras planilhas produzidas. Mais uma vez, chegamos aos seguintes campos: posicionamento (coordenadas UTM), Localização e características do local (estado, município, denominação ou nome fantasia, telefone para informações e reservas, fax, e-mail, home-page, endereço, nº, cep, bairro). O passo seguinte foi a qualificação da oferta com os dados coletados incluindo o número de automóveis da categoria de econômicos, número de automóveis da categoria de intermediários, número de automóveis da categoria de executivos, número de automóveis da categoria de utilitários, aceitação de cartões de crédito, recursos de acessibilidade, preço médio em reais e horários de funcionamento. Nas empresas visitadas foram utilizadas as planilhas que aparecem no apêndice H.

#### 4.2.1.8. Equipamentos de infra-estrutura básica

Sob esta denominação incluímos em nossa pesquisa os serviços essenciais ao desenvolvimento da atividade turística mas que não são originados primariamente por esta atividade econômica. Desta forma incluímos neste tema os dados relacionados aos hospitais, terminais modais, delegacias de polícia, serviços de proteção ao consumidor, entre outros. Mais uma vez repetimos a organização dos dados agrupados em três conjuntos. No primeiro estão as coordenadas UTM, no segundo estão os dados sobre de localização e caracterização do equipamento com campos destinados ao preenchimento de dados sobre o estado, o município, a denominação ou nome fantasia, os telefone para informações e reservas, fax, e-mail, home-page, endereço, no, cep, bairro e o tipo de equipamento. Em seguida, no terceiro grupo estão os dados sobre existir ou não a oferta de estacionamento, aceitação ou não, quando for o caso, de cartão de crédito, possuir recursos de acessibilidade, preço médio em reais (quando for o caso) e horários de funcionamento.

A criação e inserção deste tema em nosso projeto decorrem do fato de acreditarmos que o afluxo de turistas ao município, embora não incorra em um uso obrigatório de alguns dos equipamentos integrantes do mesmo podem ser considerados como potencialmente necessários a um desenvolvimento satisfatório da atividade turística. Sabemos também que de algum modo podem emergir opiniões divergentes com relação à presença ou ausência de alguns itens em nosso trabalho. Para estas cabe-nos reafirmar que nossas opções são decorrentes de critérios definidos a partir de reflexões que avaliaram os principais fluxos que convergem para o município e, em especial, as áreas do mesmo que se relacionam

com estes fluxos, como já apontamos anteriormente. Os locais que integram esta categoria foram inventariados com as planilhas que aparecem no apêndice I.

#### 4.2.1.9. Bancos 24 horas

O tema “bancos vinte e quatro horas” foi incluído em nosso projeto por entendermos ser relevante a localização destes equipamentos em razão de sua importância para aqueles que se deslocam para participar de eventos onde eventualmente são realizados negócios. Desta forma acreditamos que os volumes de dinheiro empregados durante a estadia dos visitantes pode ser insuficiente segundo um primeiro cálculo feito pelo mesmo, necessitando de uma ou mais retiradas complementares.

Os campos definidos para a coleta de dados deste tipo de equipamento foram resultado das outras planilhas relacionadas a outros tipos de ofertas. Desta forma obtivemos também três grupos de dados. Posicionamento em coordenadas UTM, localização do equipamento e caracterização da oferta. Assim, temos os campos para as coordenadas UTM, no primeiro grupo; estado, município, denominação ou nome fantasia, endereço, nº, cep, bairro, tipo de equipamento, no segundo grupo e no último a aceitação cartões de crédito, presença de estacionamento, recursos de acessibilidade, horários de funcionamento. Não incluímos em nossa pesquisa os caixas que são mantidos com exclusividade por apenas um banco, por serem no contexto do município, pouco numerosos quando comparados aos “bancos vinte e quatro horas”. Estes foram incluídos, com o uso da planilha que aparece no apêndice J.

#### 4.3. RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS: VISUALIZANDO E CONSULTANDO AS INFORMAÇÕES TURÍSTICAS

Os softwares de geoprocessamento oferecem grande facilidade para a geração de cartas e gráficos destinados a dar suporte à tomada de decisões sendo hoje, já bastante populares para tal propósito no meio acadêmico e também entre os prestadores de serviços de vários setores. Em nosso projeto, como já abordado anteriormente, utilizamos símbolos pictoriais, formas geométricas e letras para buscar uma melhor visualização das informações a serem representadas, bem como para também proporcionar uma recuperação, consulta, e co-relações das mesmas com maior eficiência e velocidade.

A produção de material gráfico e cartográfico a partir dos dados inseridos em meio digital e manipulados no software Arcview pode ser ilimitada resultando em múltiplas consultas. Para que possamos realizar uma reflexão sobre as especificidades do turismo no município, segundo nosso entendimento, buscaremos algumas consultas específicas buscando caracterizar melhor, as variadas ofertas presentes no município e suas tendências e particularidades.

Para início de nossa discussão, cabe caracterizar de modo resumido como se apresenta a oferta do equipamento hoteleiro do município de Ribeirão Preto, a partir de uma consulta aos dados inseridos no Arcview. Quando a tabela de atributos de um determinado tema estiver ativa basta selecionar os itens que se deseja consultar e solicitar as estatísticas da mesma. Este comando permite um rápido resgate de dados.

Há, desta forma, um total de 7157 leitos distribuídos em 58 estabelecimentos. A maioria destes é constante da listagem fornecida pelo Sindicato dos Hotéis,

Restaurantes, Bares e Similares de Ribeirão Preto, mas alguns dos mesmos, no entanto encerraram suas atividades, como pôde ser constatado durante a pesquisa de campo e, de outro lado, também foi registrada a inserção na atividade de alguns estabelecimentos que não constavam da mesma. Alguns por serem refuncionalizados e outros por estarem iniciando suas atividade no ramo. O estabelecimento que oferece a maior quantidade possui 400 leitos e aquele que oferece a menor quantidade possui 22 leitos. Há, portanto, uma média de 123 leitos por estabelecimento. Estes podem ser classificados, segundo as especificidades locais e quanto a sua capacidade, como sendo de pequeno, médio e grande porte. Consideramos de pequeno porte aqueles que possuem de 22 até 100 leitos, somando no total 33 estabelecimentos, os de médio porte possuem de 101 até 200 leitos e são no total 11 estabelecimentos, e por último os de grande porte que possuem de 201 a 400 leitos sendo 14 no total. São desta forma oferecidos pelos estabelecimentos de pequeno porte 1742 leitos, os de médio porte são responsáveis pela oferta de 1611 leitos e os de grande porte são responsáveis pela oferta de 3804 leitos. A oferta hoteleira esta, preponderantemente, sob o controle dos estabelecimentos de grande porte e a este fato há uma correspondência com relação às preços praticados. Excetuando-se os estabelecimentos nomeados como flats, onde foi observada a prática de valores menores, o equipamento hoteleiro apresenta preços mínimos de balcão, ou seja, sem “descontos promocionais”, que oscilam entre sessenta e cento e dezoito reais. Além disso, outros dois aspectos merecem destaque em nosso trabalho. O primeiro diz respeito ao fato de que somente 13 estabelecimentos entre os visitados estão preparados para atender portadores de dificuldades de locomoção. Destinam uma parcela pequena de Unidades Habitacionais (UH's) à estas pessoas. Outro aspecto que nos chamou

atenção foi o fato de que os recursos tecnológicos que permitiriam inferir sobre o fato de que o equipamento hoteleiro está preparado para acomodar os fluxos turísticos relacionados aos negócios e eventos se confirmou. Uma vez fazendo uso de um dos 4188 leitos distribuídos por 22 estabelecimentos os hóspedes podem utilizá-los, perfazendo assim a maioria de leitos disponíveis no município. Para um entendimento mais detalhado, a localização dos meios de hospedagem pode ser visualizada no Mapa 2

No que diz respeito à distribuição espacial dos meios de hospedagem é possível observar que há uma área de maior densidade dos mesmos no que equivale ao centro geométrico da malha urbana. Estes são integrantes de um conjunto onde predominam os meios de hospedagem mais antigos instalados no município, onde alguns passam ou passaram por processos de reforma e que se caracterizam por sua heterogeneidade quanto à relação oferta e demanda. São encontrados desde hóspedes “moradores” até àqueles que permanecem por apenas algumas horas – caracterizando a alta rotatividade comum aos programas sexuais. Em razão deste fato, há hotéis e flats com oferta variada e preços também variados, e que acompanham a qualidade da oferta.

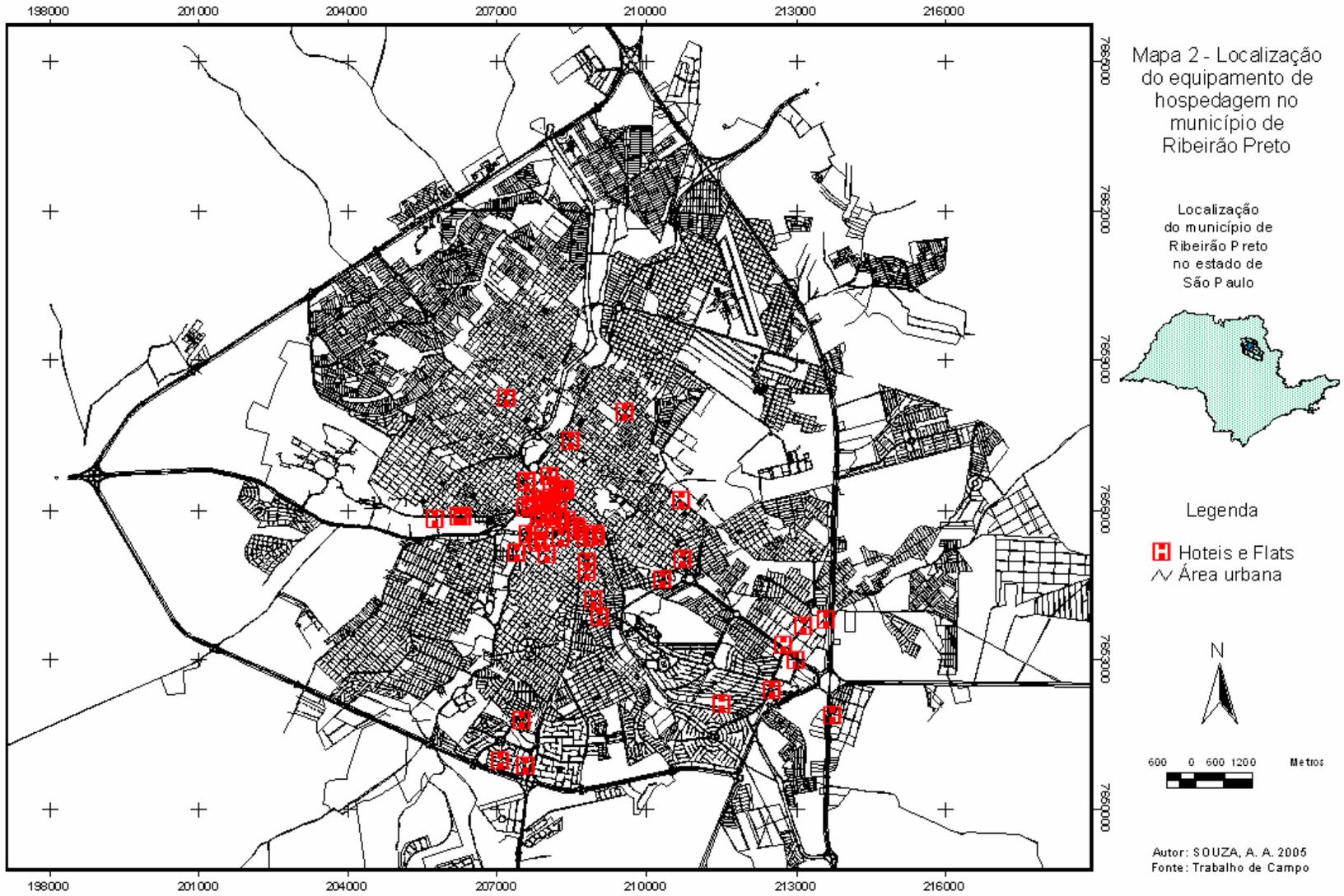
De outro lado é possível perceber também a existência de dois vetores de crescimento da oferta dos meios de hospedagem no município, como pode ser observado nos *buffers*<sup>65</sup> gerados no Mapa 3, formando dois núcleos distintos de absorção de fluxos turísticos. O primeiro no setor sudeste do município tem o predomínio de hotéis integrantes do grupo de equipamentos de maior capacidade, mais recentemente construídos, melhor dotados de recursos tecnológicos e com

---

<sup>65</sup> Área de armazenamento temporário de dados, normalmente em RAM, usada com frequência em operações I/O. Em SIG, significa uma forma de análise de proximidade onde zonas de uma determinada dimensão são delimitadas em volta de uma feição ou de elementos geográficos levando em conta um determinado atributo. (CHRISTOFOLLETTI, A. & TEIXEIRA, A. L. A. 1997, p 51)

preços de hospedagem mais elevados. Estes estão próximos do principal entroncamento rodoviário de acesso ao município, do parque empresarial e industrial com implantação mais antiga e que conta com empresas de projeção nacional e internacional, de Tribunais de Justiça, de um Shopping Center, uma universidade, entre outros.

Há no setor sul do município um outro agrupamento, menor e com algumas especificidades que o distingue do grupo anterior. Há um predomínio na oferta de UHs nos estabelecimentos chamados de “Flats”, possibilitando inferir que há uma menor rotatividade de hóspedes, comparativamente. Este fato se confirmou com a pesquisa de campo realizada quando se pode constatar que os equipamentos, em sua maioria, estão ocupados por períodos superiores à uma semana. Embora estes se localizem próximos de um Shopping Center e futuramente também centro empresarial, entroncamento rodoviário e duas universidades há uma diferenciação na relação oferta demanda. Concluímos que há um predomínio de hóspedes que viajam a negócios no setor sudeste e de hóspedes, em geral estudantes e professores universitários, que utilizam por tempo mais prolongado as UHs do setor sul. Em ambos os casos, no entanto, é importante destacar que os mesmos estão entre os estabelecimentos que praticam os preços mais elevados no município, denotando uma aparente elitização.





Quanto aos equipamentos de restauração que visitamos e incluímos em nossa pesquisa pode-se afirmar que podem acomodar mais de 20.000 usuários, denotando uma oferta deste tipo de serviço, numericamente representativa. A oferta do ponto de vista das especialidades e qualidade do serviço é igualmente diversa. Há estabelecimentos especializados em culinária francesa, italiana, mexicana, indiana, chinesa, japonesa, árabe, entre outras. Da mesma forma Também podem ser agrupados segundo a sofisticação de sua oferta, em alguns casos bastante refinada. De um outro lado há um grande número de restaurantes *self-service* que atendem seus usuários predominantemente a partir do peso da comida.

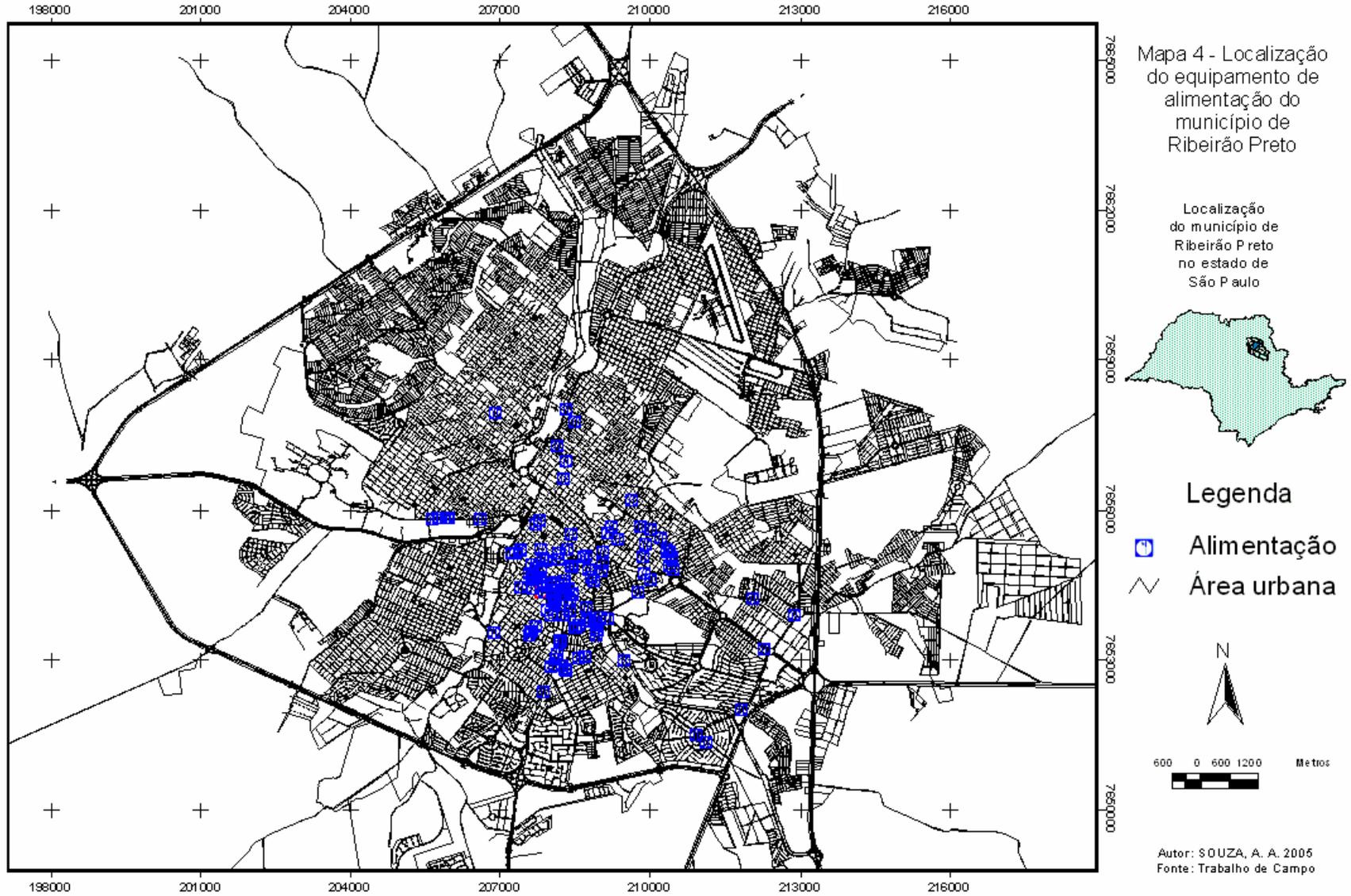
Os preços praticados são igualmente diversos também, mas no que diz respeito à culinária que se articula indiretamente com os fluxos turísticos, e que pode ser considerada como uma oferta de turismo gastronômico, há uma majoração que torna os estabelecimentos muito distantes da população local. A média de assentos oferecidos por estabelecimento é de 145 lugares, predominando os estabelecimentos de porte médio, e onde há a oferta de *self-service* por quilo, especialmente no que compreende ao quadrilátero central, já descrito anteriormente, e em seu entorno podendo ser observados no Mapa 4. Estes últimos atendem a demanda proporcionada, como já tratado, por viajantes que fazem do município uma de suas paradas durante o percurso ou que tomam a cidade como base para seus trajetos diurnos retornando à mesma para pernoitarem, uma vez que são estabelecimentos concentrados na referida região e que não oferecem serviço de restauração. Desta forma entendemos que exista uma complementaridade entre os dois tipos de estabelecimentos.

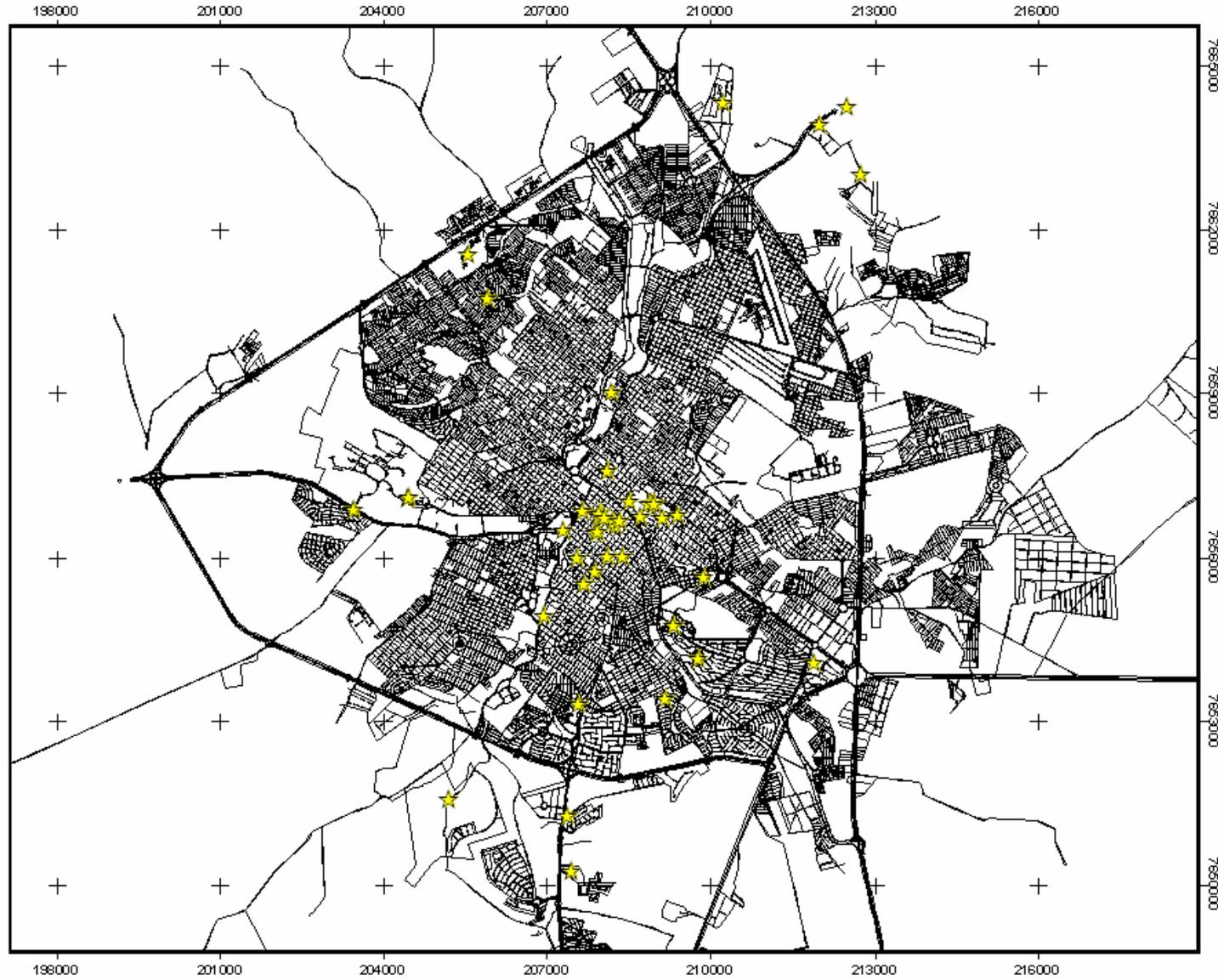
Outro aspecto que emergiu durante a pesquisa como sendo significativo para nossas considerações diz respeito a uma oferta extremamente seletiva no espaço do

município. Trata-se da distribuição espacial dos atrativos turísticos do município. Consideramos, após a observação do Mapa 5, que nos bairros de menor poder socioeconômico, que são necessários deslocamentos superiores a 6 quilômetros para ter acesso a de melhor estruturação para prática do lazer urbano que não seja ativo. Em outras palavras o lazer gratuito fica a praticamente impossibilitado. Restam os clubes recreativos, onde os associados desembolsam taxas mensais o que é um empecilho para as populações de mais baixa renda que ficam “confinadas” em seus bairros, pobres em oferta de lazer de melhor qualidade. Resta-lhes fazer uso de espaço de lazer implantado pelo poder público que estão mal conservados, depredados, sujos, e que, em alguns casos, são utilizados por grupos que se apropriaram dos mesmos considerando-os de sua posse utilizando-os para o consumo ilegal de drogas.

A segregação espacial ganha maior vulto ainda quando contabilizando os espaços que se prestam ao lazer – pago ou não - podem se constatar que exatamente onde estão localizados os bairros de populações mais abastadas é que se concentra a oferta do lazer e os principais atrativos turísticos que não se vinculam aos eventos e negócios, embora estes últimos estejam em seu entorno. Do total de 43 atrativos considerados em nossa pesquisa, 34 estão localizados no eixo de urbanização sul do município. Estes locais, como já tratado, habitados por populações mais abastadas possuem estruturas individuais de lazer relativamente estruturadas, em suas residências ou dispõem de recursos para freqüentar os clubes recreativos por nós destacados. Articula-se a esta lógica o fato de por conta de uma maior metragem dos lotes, ocorrer uma menor pressão urbana (demográfica) sobre estes espaços de lazer, inversamente àquilo que ocorre nos bairros onde a metragem dos lotes é menor. É possível entender melhor o fato quando observamos

o Mapa 6, com buffers com raio de 1,5 quilômetro de distância dos atrativos a parcela da população que encontra limitações relacionadas à distância para o desenvolvimento de atividade de lazer.





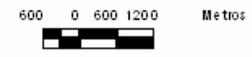
Mapa 5 - Localização dos atrativos do município de Ribeirão Preto

Localização do município de Ribeirão Preto no estado de São Paulo



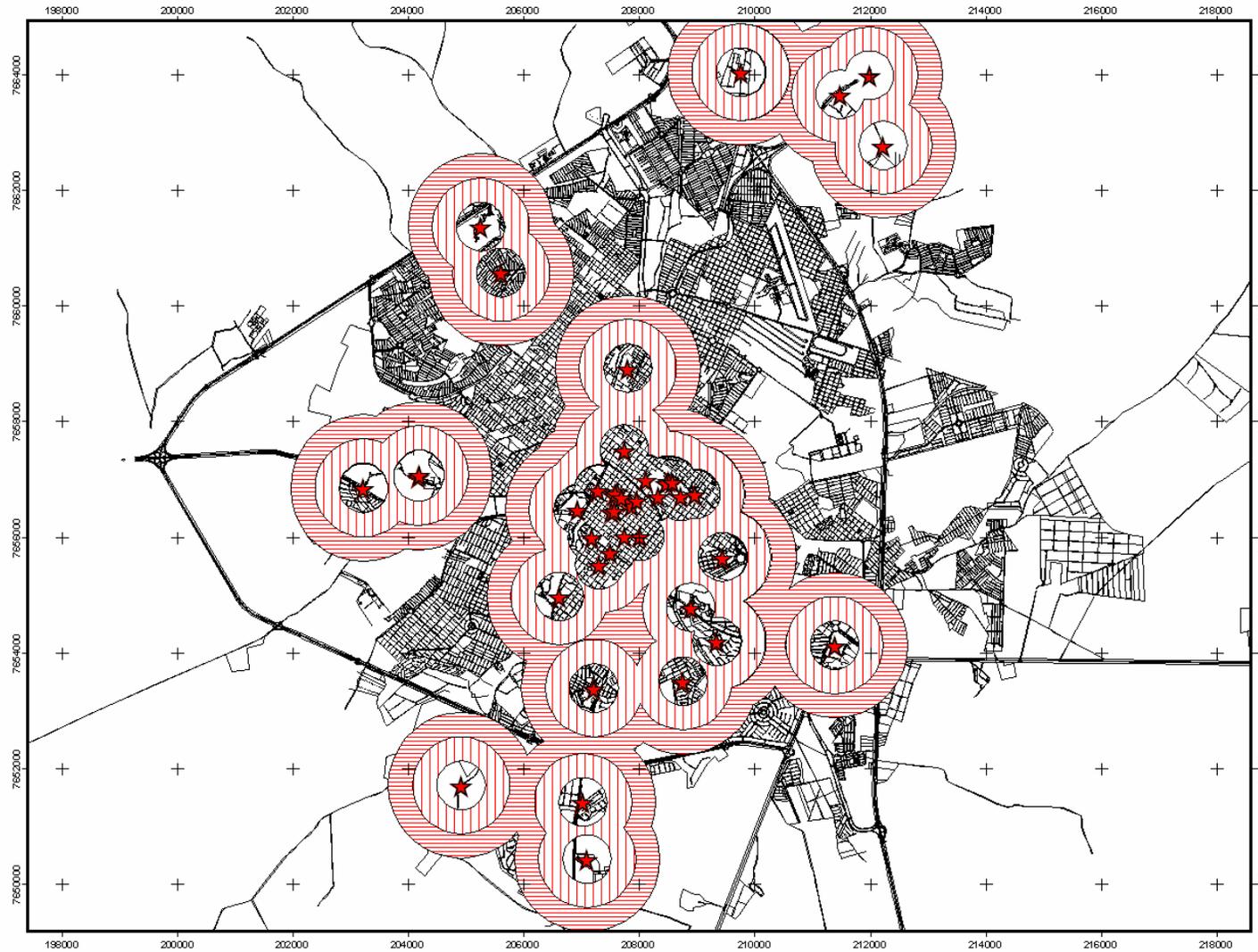
Legenda

-  Atrativos
-  Área urbana



Autor: SOUZA, A. A. 2005  
Fonte: Trabalho de Campo

Mapa 6 - Buffer gerados a partir da Localização dos atrativos do município de Ribeirão Preto



Localização do município no estado de São Paulo



Autor: SOUZA, A. A. 2005  
Fonte: Trabalho de Campo

O Mapa 7 se refere ao que, no corpo deste trabalho, e por conta das especificidades da pesquisa, chamamos de infra-estrutura turística. São reconhecidos como integrantes desta oferta os locais para realização de eventos em geral, casas noturnas e casas de espetáculos. Novamente se observa o mesmo padrão de distribuição espacial que, contrariamente ao discurso hegemônico sobre o turismo, reforça a criação de espaços de segregação no espaço urbano.

Os pontos de táxi existentes no município, levando-se em consideração as visitas feitas, são no total, trinta e seis somando trezentos e cinquenta e sete automóveis. Há dezesseis automóveis no ponto onde foi registrada a maior quantidade de veículos e 4 no que possui menor número registrado. Os trezentos e cinquenta e sete carros do município estão distribuídos em média, com dez carros por ponto. O resultado cartográfico pode ser observado no Mapa 8, e no mesmo é possível perceber que há um certo equilíbrio espacial na distribuição dos pontos de táxi nos setores norte e sul do município, mas com uma tendência a concentração nas proximidades do quadrilátero central. Entendemos que talvez este fato decorra de no setor norte, em certa medida o táxi emergir como a única solução para deslocamentos emergenciais devido, em termos comparativos, à pouca eficiência do transporte coletivo público urbano nas áreas mais distantes da região central.

O padrão de distribuição das agências e operadoras de turismo no município pode ser percebido no Mapa 9. Entendemos como relevante, neste ponto destacar que em alguns casos, os estacionamentos ou garagens de veículos utilizados para o transporte turístico também são sede destas empresas, que também se cadastram como turísticas, e por conta disso mascaram o resultado final da distribuição na carta. No Mapa 10, foram gerados *buffers* com 1,5 quilômetro de raio para que seja possível observar que apesar desta distorção que destacamos, do mesmo modo há

uma predominância de agências no setor sul da área urbana, confirmando a hipótese de que turismo é para poucos. As locadoras de automóveis e vãs, que aparecem localizadas no Mapa 11 também foram inventariadas durante nosso trabalho de campo e por conta de algumas de suas especificidades, reforçam a lógica de localização das agências, o que inclusive ocorre de forma mais coerente com as práticas espaciais em questão.





Mapa 8 - Localização dos pontos de taxi no município Ribeirão Preto

Localização do município de Ribeirão Preto no estado de São Paulo



Legenda

-  Pontos de Taxi
-  Área urbana



Autor: SOUZA, A. A. 2005  
Fonte: Trabalho de Campo



Mapa 9 - Localização das agências de turismo no município de Ribeirão Preto

Localização do município de Ribeirão Preto no estado de São Paulo

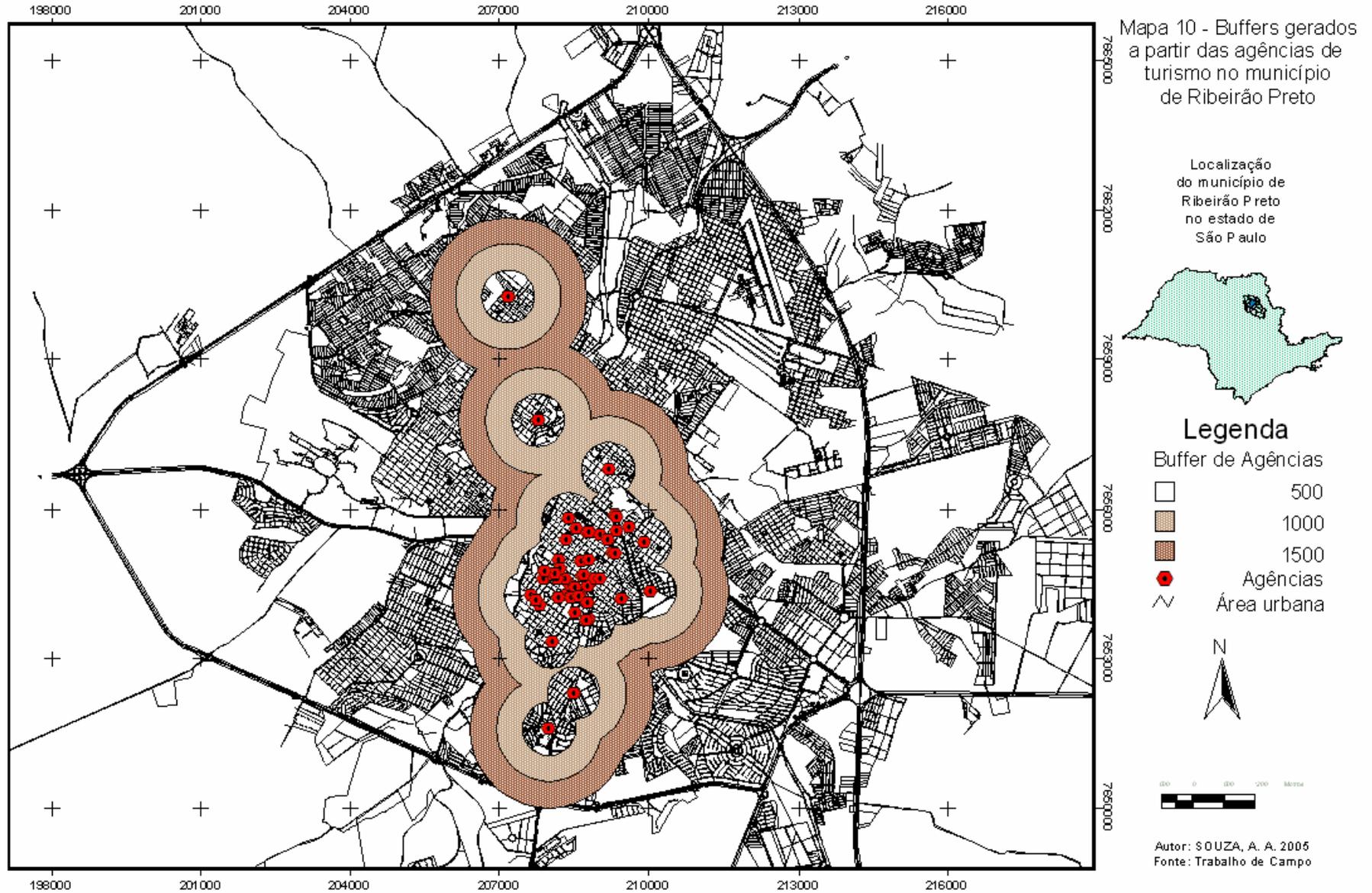


Legenda

- Agências
- ▭ Área urbana



Autor: SOUZA, A. A. 2005  
Fonte: Trabalho de Campo





Mapa 11 - Localização das locadoras de automóveis no município de Ribeirão Preto

Localização do município de Ribeirão Preto no estado de São Paulo



Legenda

- Locadoras
- ▨ Área urbana



Autor: SOUZA, A. A. 2006  
Fonte: Trabalho de Campo

A infra-estrutura básica a que nos referimos, no trabalho, diz respeito somente aos serviços essenciais para o município e para o turista, não tendo a pretensão de buscar um grande nível de detalhe, que neste momento não se articularia com os objetivos principais deste trabalho, pois as escolas, unidades básicas de saúde, postos policiais, etc. dependem de interesses que, em geral não se vinculam diretamente ao turismo que se organiza no município e podem ser observados no Mapa 12.

Os bancos vinte e quatro horas existentes no município podem ser observados no Mapa número 13 deste trabalho. Também foram criados *buffers* concêntricos com relação à localização dos bancos, no Mapa 14. Estes se destinam à observação da abrangência espacial dos mesmos, ou seja, as áreas em seu entorno onde podem residir usuários que podem se deslocar até o mesmo com relativa facilidade dentro de um perímetro máximo de um quilômetro e meio. Em distâncias superiores a estas entendemos que ocorra um deslocamento superior aos padrões considerados confortáveis para uma área urbana. Observamos com este procedimento último que existem hiatos em decorrências de seu número reduzido no âmbito do município, sendo dezenove para um total de mais de 500 mil habitantes.

O município de Ribeirão Preto, tem na materialidade da atividade turística contida dentro de seus limites, uma clara expressão do que vem ocorrendo em escala nacional no que tange ao desenvolvimento dos equipamentos, a esta atividade relacionados e também no que diz respeito àquelas que indiretamente se ligam ao mesmo. Uma vez espacializados os elementos que consideramos integrantes da atividade turística e, por conseqüência de lazer, representados nos mapas gerados e a síntese cartográfica que aparece no mapa 15, se evidencia que esta atividade, ao contrário do que se afirma em um primeiro momento, tende a

promover a concentração de equipamentos de uso turístico e por conseqüência também concentra aqueles que não o são e, em geral atendem a maioria da população local em suas necessidades de lazer urbano de melhor qualidade.

Embora seu estudo não se relacionasse especificamente à atividade turística e sim às estruturas de lazer localizadas em praças e parques, Gomes (2004), já chamava atenção para alguns padrões espaciais, no que diz respeito às praças e parques efetivamente implantados. Este autor defende que

Em Ribeirão Preto, a maior concentração de praças públicas efetivamente implantadas ocorre no eixo centro-sudeste que compreende os bairros ocupados pelos grupos de renda média e alta. O eixo norte-noroeste, em parte por envolver bairros de ocupação recente, em geral aqueles que se localizam além do anel viário como Jardim Cândido Portinari e Ribeirão verde, são, em sua maioria, desprovidos de praças. A qualidade paisagística e de infra-estrutura das praças na cidade não obedece necessariamente a um padrão de localização, podendo ser identificada boa qualidade em logradouros de diversas partes da cidade (GOMES, 2004, p 157)

Os atrativos, parques, hotéis, agências e operadoras turísticas, locadoras de vãs e automóveis, locais para eventos, bares, restaurantes, choperias, casas noturnas, praças e parques como já apontado, concentram-se principalmente, a partir da região central, no eixo sudeste do município, sendo coincidente com o processo de urbanização recente e de alto padrão em curso no mesmo, expresso especialmente pelos loteamentos conhecidos sob a denominação de “condomínios fechados”.

Mapa 12 - Localização da infra-estrutura básica do município de Ribeirão Preto

Localização do município no estado de São Paulo

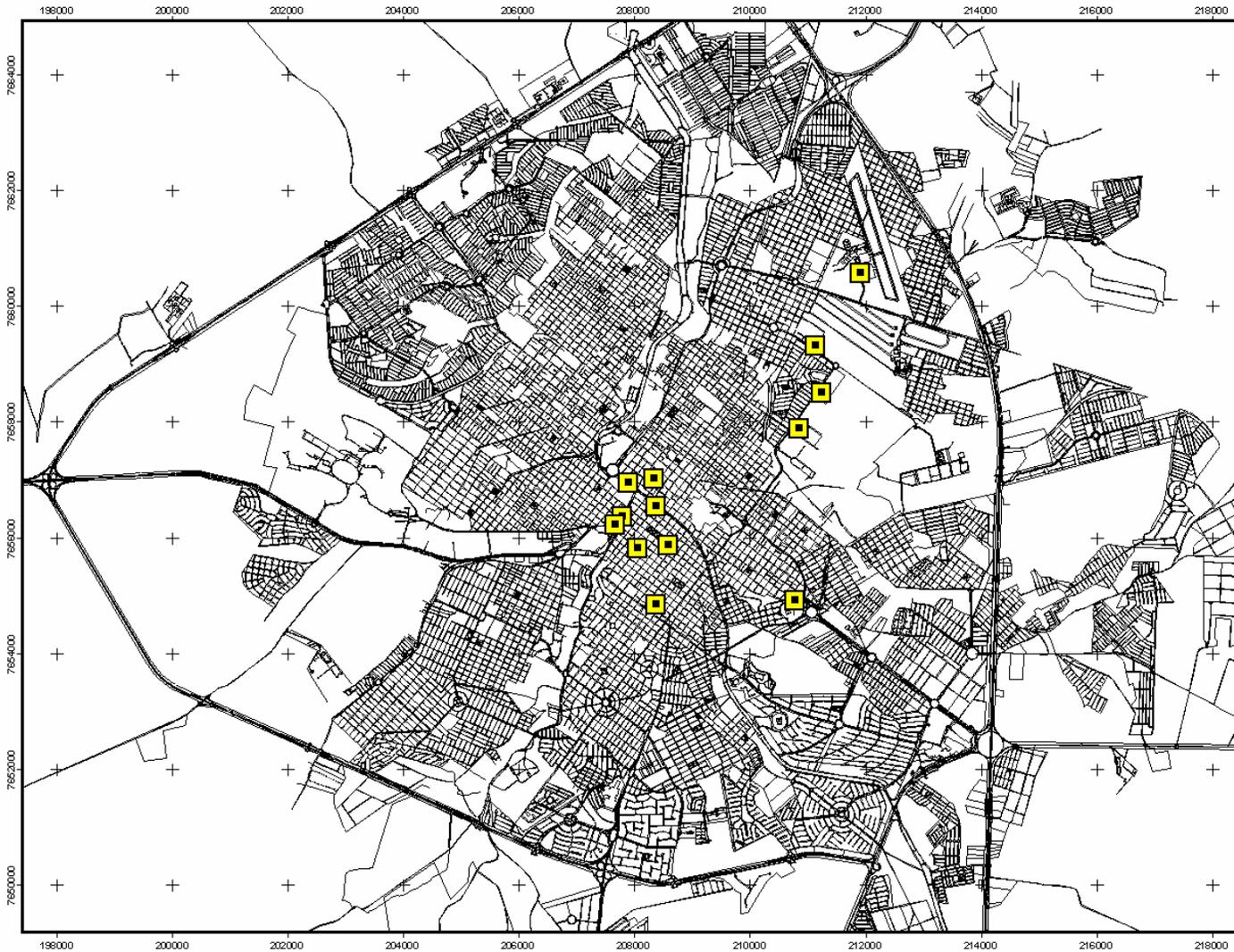


**Legenda**

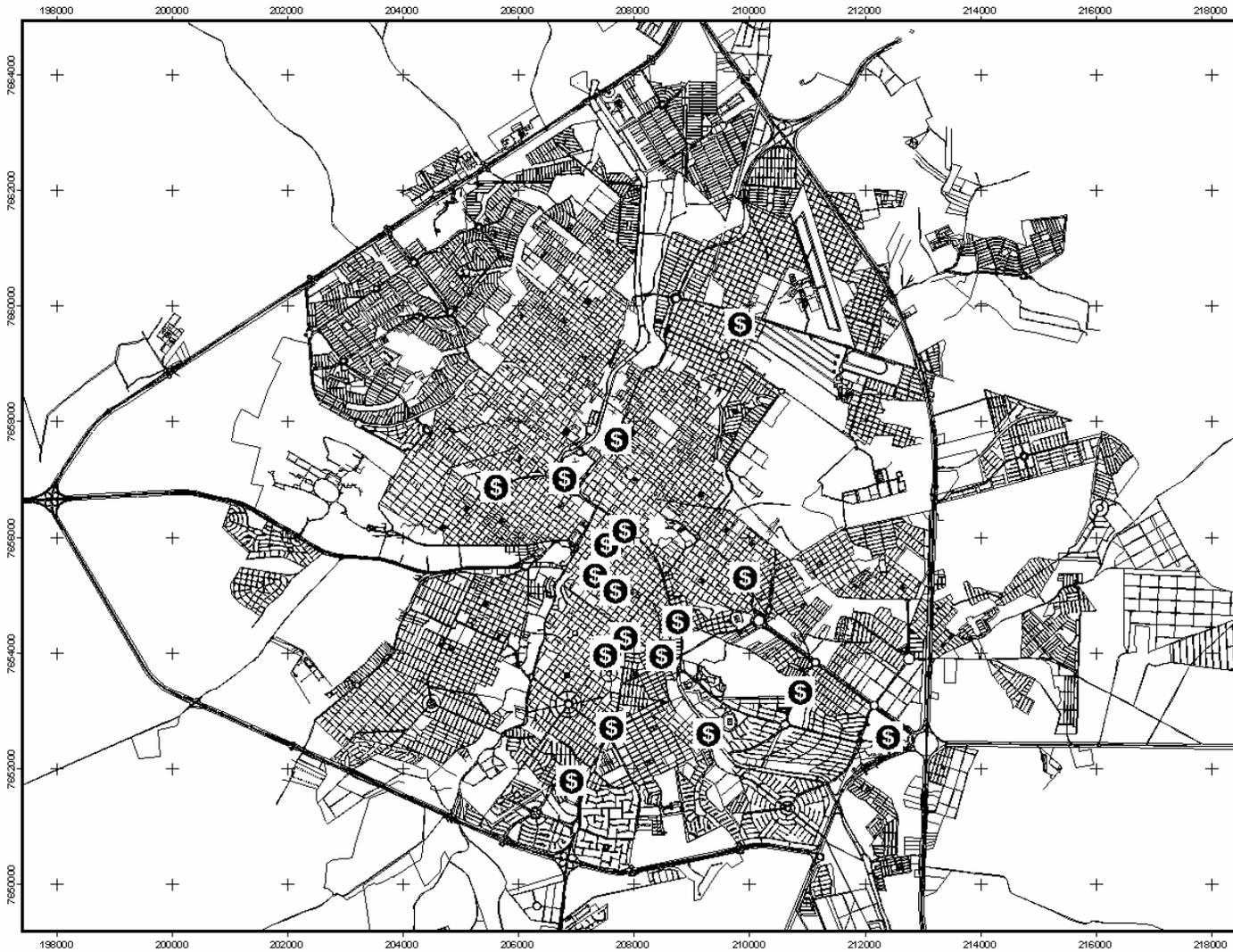
- Infra-Estrutura Básica
- ~ Área Urbana



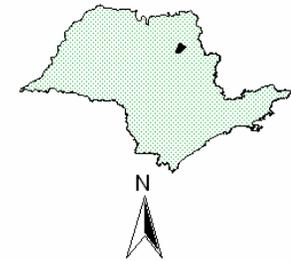
Autor: SOUZA, A. A. 2005  
Fonte: Trabalho de Campo



Mapa 13 - Localização dos bancos vinte e quatro horas do município de Ribeirão Preto



Localização do município no estado de São Paulo



**Legenda**

-  Bancos 24 horas
-  Área Urbana

1000 0 1000 Metros

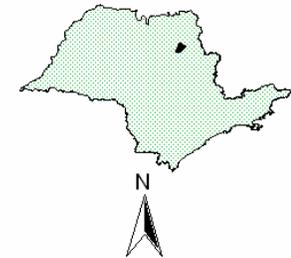


Autor: SOUZA, A. A. 2005  
 Fonte: Trabalho de Campo

Mapa 14- Buffers gerados a partir da localização dos bancos vinte e quatro horas no município de Ribeirão Preto



Localização do município no estado de São Paulo



	500
	1000
	1500
	Bancos 24 horas
	Áreas Urbana



Autor: SOUZA, A. A. 2005  
 Fonte: Trabalho de Campo

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto da pesquisa, nos cabe destacar os principais elementos resultantes da manipulação dos dados obtidos, junto ao software Arcview, convertidos em informações espaciais, e em que medida o resultado conseguiu atender àquilo proposto inicialmente. Cabe destacar que as cartas temáticas se prestaram a compor uma representação onde foi possível observar principalmente a dispersão espacial dos elementos constantes de nossa análise. A relação de fidelidade na representação com a localização dos elementos em campo não foi por nós algo considerado como primordial. Nossa análise está intimamente ligada ao caráter das tendências de difusão dos elementos componentes do espaço turístico. A precisão cartográfica pode ser observada na representação chamada de mapa síntese que, esta sim, se prestou a estabelecer uma relação precisa entre representação e localização em campo dos elementos espaciais.

A produção cartográfica que espacializou alguns dos aspectos do fenômeno turístico, no âmbito do município, permitiu algumas reflexões sobre as implicações das ações empreendidas, como anunciamos no título deste trabalho.

Quando da apresentação do mesmo buscamos destacar que nossa proposta era a construção de mapas temáticos turísticos e a partir destes, objetivar um melhor entendimento a cerca dos conceitos e temas abordados ao longo de nossa argumentação. Estes procedimentos redundaram em uma explanação mais detalhada de nosso entendimento do que hoje se trata como turismo, ou atividade turística, Espaço Geográfico, Cartografia e Geoprocessamento, e de como se relacionam.

No primeiro caso, que diz respeito às possíveis interpretações sobre o turismo, convém lembrar que emerge, segundo nosso entendimento, o vínculo natural entre estas práticas e o capitalismo, e entre este último e o processo de (re)produção do Espaço Geográfico. Entendemos que o capital acaba presidindo as ações empreendidas com intenção de desenvolver a atividade turística.

Os empresários demonstram uma preocupação com a intensificação e especialização dos fluxos que convergem para o município, a partir do que aparece como relato nas atas de reuniões do Conselho Municipal de Turismo de Ribeirão Preto. Este fato se confirma, por exemplo, em razão das reformas e mudanças de público alvo que vem ocorrendo com o setor de hospedagem que tratamos anteriormente, no corpo deste trabalho. Outro indício de que a atividade turística ganha terreno dentro do âmbito municipal se refere ao grande número de estabelecimentos existentes no município e que, de algum modo, se ligam ao turismo. Um exemplo pode ser tomado com as dezenas de agências existentes, dezenas de locadoras de automóveis e vans, entre outros.

Um outro registro interessante pôde ser reconhecido no fato do município possuir a oferta de hospedagem priorizando o seguimento de evento e negócios, emergentes no turismo local. Assim, a maioria dos hotéis do município se apresenta com reduzida oferta de serviços que oferecem aos hóspedes maior conforto, comum em estabelecimentos mais luxuosos e por consequência destinados a turistas com outro perfil. De outro lado, embora ofereçam quantidade limitada de serviços, praticam preços distantes daqueles considerados comparativamente, “populares”.

Este fato nos remete a idéia de que com a maior densificação deste tipo de equipamento se oportunizará um efetivo desenvolvimento ao município com geração de empregos junto à população. A tomada deste discurso como inexorável, sem o

devido cuidado pode provocar resultados que se assemelham às esperanças depositadas na indústria, como potencial “motor do desenvolvimento” para nosso país. No período em que este processo, ou seja, de industrialização, se reforçou assimilou-se de forma inadvertida a instalação de empresas multinacionais interessadas em produzir mercadorias e com isso garantir que se reproduziria de forma ampliada o modelo capitalista de exploração do qual as mesmas faziam e fazem parte. Os caminhos traçados para a industrialização e decorrente urbanização do país foram determinados a partir de referências externas, segundo a lógica de submissão das elites locais ao grande capital internacional.

Como é possível perceber, trata-se de uma relação contraditória, pois a geração de novos empregos se dá segundo uma lógica de exploração ampliada do capital e esta, em última instância, objetiva a redução de postos de trabalho e de salários, como já tratamos. Com o turismo não seria diferente, uma vez que se insere no movimento maior do capital. Agrega-se a esta idéia o fato de que o turismo é, uma das principais atividades fontes de mão-de-obra infantil, maior responsável, nos países ricos, por absorção de mão de obra migrante, recebedores de baixos salários, e nos países pobres também. Acreditamos que, no âmbito do município, estas tendências se reforçam, reproduzindo o que está em curso na escala global de forma ainda mais cruel. Embora a organização espaço urbano deva buscar responder às carências de bens territoriais da maioria da população e não às pequenas parcelas representada pelas elites dominantes, o que ocorre, dentro dos limites do município nos conduz ao pensamento contrário.

Contudo, para que haja um reconhecimento mais fiel do que pode ser encontrado no município e que diz respeito ao turismo, buscamos encontrar elementos espaciais que permitissem o acompanhamento da atividade em questão.

Para isso, como já visto, elegemos alguns aspectos que foram inventariados que serviram de sustentáculo às nossas formulações. A reunião e cruzamento destas informações como anteriormente demonstrado, por meio do uso do geoprocessamento, nos oportunizou conhecer melhor a espacialidade turística expressa no âmbito do município, com a rapidez e eficiência de ferramentas desta natureza.

Acreditamos que um caminho para que seja viável atender às demandas sociais a que nos referimos seja o planejamento do espaço urbano de tal sorte que haja uma melhor distribuição dos elementos compartilhados pela atividade turística e de uso por parte da população local. É possível também, com a utilização do SIG's, localizar dentro dos espaços urbanos os locais que carecem de infra-estrutura básica, ou do uso de determinados tipos de equipamentos dos quais a população mais carente é excluída.

A inserção e associação destes dados nos permitiram observar como se dá a propagação de materialidades decorrentes dos interesses turísticos no espaço municipal. O acúmulo de riqueza e de miséria, comuns no desenvolvimento capitalista<sup>66</sup>, promovem o distanciamento, ou segregação espacial ainda maior entre os moradores do município.

De um lado, no eixo de crescimento da malha urbana no rumo sul concentram-se a maioria dos equipamentos voltados ao funcionamento do turismo de negócios e eventos. De modo subjacente também se concentram os equipamentos de lazer e entretenimento urbanos, salvo a exceção dos clubes recreativos de campo, associados originalmente ao Rio Pardo, por sua vez, localizado a norte e nordeste

---

66 ELIAS, D. Meio técnico-científico-informacional e urbanização na região de Ribeirão Preto (SP). Tese de doutoramento. São Paulo. FFLCH/USP. 1996.

do município, e que por motivos óbvios, não obedecem necessariamente esta lógica de distribuição dos outros elementos urbanos em questão.

Um bom exemplo desta dispersão é o fato de a maioria absoluta, das casas noturnas e equipamentos de realização de eventos estarem restritos aos corredores comerciais da zona sul do município, onde também são presentes os bairros onde residem as famílias de mais elevado poder aquisitivo, como também já tratado. Coincidentemente este setor do município também responde por uma modalidade de crescimento urbano que se caracteriza pela segregação espacial e concentração de renda comuns a outras cidades brasileiras. Estamos nos referindo aos condomínios fechados, bastante numerosos no município, já tendo ultrapassando o número de cinquenta lançamentos nos últimos, dez anos, incluindo a chegada da marca de condomínios Alphaville<sup>67</sup>, reconhecido nacionalmente como de altíssimo padrão e que, embora ainda não tenha sido lançado oficialmente, já divulga sua “chegada” ao município, para que sua valorização seja potencializada.

Contrariamente, no rumo ou setor norte do município o que se verifica é a exacerbação das discrepâncias sociais com relação ao sul. Grandes contingentes populacionais compartilhando espaços reduzidos do urbano, contrariamente ao que ocorre no setor sul. Os lotes com metragens próximas de 200 m<sup>2</sup> estão distribuídos pelos numerosos conjuntos habitacionais voltados à população de baixa renda. A estes fragmentos do espaço urbano se juntam os loteamentos destinados aos mutirões populares autoconstrutores de moradias destinadas à população que não será protagonista da atividade turística.

Em geral os moradores destes bairros serão aproveitados como empregados de baixa qualificação e, por conseqüência, remuneração no segmento turístico ou

---

67 <http://www.alphaville.com.br/modules/index.php?id=ribeiraopreto> com acesso em 20.05.2005

correlato(s), ou ainda serão absorvidos como subempregados responsáveis pelo recolhimento do lixo – latas e papéis - gerado por eventos locais, integrando o sistema superior e inferior da economia capitalista. Em alguns casos, contraditoriamente, se ocuparão de zelar pelo patrimônio dos que promoveram, promovem e ao que tudo indica, continuarão promovendo a segregação urbana que lhes é imposta.

Sob esta forma de entender o fenômeno turístico, este, enquanto atividade econômica emergente em Ribeirão Preto e região, realmente gerará novos empregos, mas o fará acompanhando os processos mundiais, caracterizados por uma precarização do trabalho. Acreditamos ainda que uma forma de contrapor esta força que se impõe ao lugar reordenando as relações é buscar refletir de forma crítica sobre os processos que estão em curso, subvertendo-os.

O modelo de turismo que se delinea, após nossas considerações sobre o assunto, acirra as assimetrias socioeconômicas no plano local. Os negócios e eventos que se realizam no município criam fluxos de grande densidade, mas ao mesmo tempo, fugazes. Estes proporcionam benefícios principalmente àqueles que “investiram” nesta atividade gerando empregos de duração tão fugaz quanto os fluxos a que nos referimos. Informalmente, no entanto, durante a realização de eventos de maior expressão no município ocorre o aumento da quantidade de vendedores ambulantes, guardadores de automóveis, catadores de lixo, garotas e garotos de programa, entre outros.

O turismo, segundo nosso entendimento, deve prezar pela criação de empregos formais estáveis que possam se reverter em melhoria efetiva da qualidade de vida de parcelas mais significativa da população local. Para que isso ocorra, compartilhamos com a idéia de que “precisa-se pensar a sociedade como de iguais,

por que só iguais podem ser diferentes. Os desiguais não são diferentes, são desiguais”. Rodrigues (2001, p 37). Em outras palavras é preciso planejar o turismo orientando-o a uma condição que priorize, não somente o aumento dos volumes negociados em determinado lapso temporal. É preciso concebê-lo como um caminho possível para minorar ou buscar reduzir o abismo criado dentro do capitalismo – inclusive pelo próprio turismo - entre a parcela mais rica da população, e a grande maioria. É preciso tentar orientá-lo de forma diferente daquelas que até então presidiram as relações espaciais. É preciso perseguir a idéia de “quem e quantos” vão ganhar com seu desenvolvimento efetivo e não somente quanto alguns vão ganhar, lógica dominante. Como complementa Rodrigues é preciso pensar

Numa sociedade que planeja a vida atual e a futura baseada não apenas na produção de mais e mais mercadorias, que aumenta o consumo mas também a depredação da natureza, e não consegue planejar a própria sociedade do ter, trata-se da utopia de pensar na sustentabilidade do ser. (RODRIGUES, 2001, p 37)

Sob esta perspectiva pode-se admitir que o uso de recursos de geoprocessamento pode potencializar a discussão sobre as tensões espaciais que emergem, no caso de Ribeirão Preto, do aquecimento da atividade turística. A pesquisa que promove o reconhecimento dos elementos da atividade turística que se inscrevem na totalizado espacial pode ser instrumental para o desenvolvimento de práticas espaciais menos excludentes, buscando a distribuição mais equitativa dos benefícios econômicos oportunizados pelo turismo. É bem certo que não devemos ser ingênuos em acreditar que a lógica do capital pode, em algum momento, ceder espaço em definitivo à lógica do social, pois segundo o modelo de sociedade que (re)construímos permanentemente esta conversão é incompatível.

Nada, no entanto, nos impede de buscar permanentemente a subversão desta ordem pré-posta e, é isto que nos motiva para a elaboração deste trabalho, enquanto tentativa de construção de um novo cenário de relações efetivamente mais humanas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, A. N. **Os domínios de Natureza no Brasil:** Potencialidades paisagísticas. São Paulo, Ateliê Editorial. 2003.

AGRISHOW. Disponível em [http://www.agrishow.com.br/noticias\\_rp1.aspx?id=624](http://www.agrishow.com.br/noticias_rp1.aspx?id=624) com acesso em 17.10.2004.

ALMEIDA, M. A. et al. **Mapeamento turístico da cidade de Uberlândia utilizando técnicas de geoprocessamento.** In XIII ENG, 2002. João Pessoa. Anais. CD-Rom 1. João Pessoa. UFPB. 2002.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado.** Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1999

ALVES, M. G. et. al. **Espacialização dos principais pontos para o desenvolvimento do turismo geológico-ecológico do município de Campos dos Goytacazes – RJ.** In Anais X SBSR, Foz do Iguaçu, 21-26 abril 2001, INPE, p. 537-541.

ANDRADE, E. L. **Áreas potenciais para o turismo no litoral sul alagoano.** Uma análise preliminar por geoprocessamento. In Anais X SBSR, Foz do Iguaçu, 21-26 abril 2001, INPE, p. 543-550.

AYOADE, J.O. **Introdução à climatologia para os trópicos.** São Paulo: Difel. 1986.

BARBOSA, A. M. **Utilização de sistemas de informações geográficas e produtos de sensoriamento remoto como subsídio para planejamento em ecoturismo no município de Capitólio – MG.** In Anais XI SBSR, Belo Horizonte, Brasil, 05 -10 abril 2003, INPE, p. 551-558.

- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 6ª ed. atual. São Paulo. Editora Senac. São Paulo, 2001.
- BRASIL. **Constituição da República federativa do Brasil**. São Paulo: Ediouro, 1988. 128p.
- CÂMARA, G. & MEDEIROS, J. S. de. Princípios básicos em Geoprocessamento. In ASSAD, E. D. & SANO, E. E. **Sistema de informações geográficas: Aplicações na agricultura**. Brasília: EMBRAPA/CPAC, 1993.
- CAMARGO, J. F. **Crescimento da População no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos**. Ensaio sobre as relações entre demografia e a economia. Boletim n. 153, São Paulo: FFLC, Universidade de São Paulo, 1952.
- CAMPOS, L. C. A. M & GONÇALVES, M. H. B. **Introdução a turismo e hotelaria**. Rio de Janeiro. Ed. Senac Nacional, 1998.
- CASIMIRO FILHO, F. **Contribuições do turismo à economia brasileira**. Tese de Doutorado. Piracicaba. ESALQ/USP, 2002.
- CASTROGIOVANNI, A. C. **Turismo urbano**.(Org). São Paulo. Contexto. 2000.
- CENTENO, J. A. S. et al. **Produção de uma carta imagem turística e sua disponibilização na Internet**. In Anais X SBSR, Foz do Iguaçu, 21-26 abril 2001, INPE, p. 1077-1079.
- CHRISTOFOLETTI, A. & TEIXEIRA, A. L. A. **Sistemas de informação Geográfica: Dicionário Ilustrado**. São Paulo: HUCITEC. 1997
- COSTA, E. A. da. **Festa e negócios no interior paulista**. Gazeta Mercantil. São Paulo, 16 de agosto de 2004. Turismo. P A-16.
- COSTA, L. A. **O Uso de Sistema de Informações Geográficas na Determinação da Aptidão de Áreas Rurais para a Recreação e Turismo: O Caso da Microbacia**

do Ribeirão São Bartolomeu, Viçosa, Minas Gerais In Anais X SBSR, Foz do Iguaçu, 21-26 abril 2001, INPE, p. 419-429.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 4ª ed. São Paulo, Annablume/Hucitec. 2002.

ELIAS, D. **Meio técnico-científico-informacional e urbanização na região de Ribeirão Preto (SP)**. Tese de doutoramento. São Paulo. FFLCH/USP. 1996.

EMBRATUR. **Anuário Estatístico**. EMBRATUR. Vol. 30. Brasília. 2003.

EMBRATUR. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**. Coordenação de BARROS, S. M. & LA PENHA D. H. Brasília, 1994.

EMBRATUR. Disponível em <<http://www.embratur.gov.br/br/home/index.asp>> com acesso em 11.10.2004.

EMBRATUR. **Evolução do Turismo no Brasil**. EMBRATUR. Brasília. 2003

FLORES, M. X, SILVA, J. de S. Agricultura e C & T em perspectiva histórica. In: \_\_\_\_\_. **O futuro sem fome**. Brasília: EMBRAPA, 1994. p. 17-27.

FLORES, M. X, SILVA, J. de S. Agricultura e C & T em perspectiva histórica. In: \_\_\_\_\_. **O futuro sem fome**. Brasília: EMBRAPA, 1994. p. 29-34.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS - SEADE. 1999. São Paulo em Dados. Publicado eletronicamente e disponível em <<http://www.seade.gov.br/cgibin/lingcv98/spd.ksh>> em 28.04.1999.

FURTADO, C. Desenvolvimento e Subdesenvolvimento. In: BIELSCHOWSKY, R. (Org.) **Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL**. Volume I. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro; Record 2000.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 27ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Publifolha, 2000.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**: Tradução Galeno de Freitas. 35ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992.

GOMES, M. A. S. **A cidade, as praças e a vegetação**: Espaços de lazer em Ribeirão Preto – S. P. Relatório de Qualificação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia – M.G. 2004. 169 p.

GOVERNO DO BRASIL. Ministério do Turismo. **PLANO NACIONAL DO TURISMO**: Diretrizes, Metas e Programas 2003 – 2007. Brasília. 2003.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Diagnóstico da situação atual dos Recursos Hídricos e estabelecimento de diretrizes técnicas para a elaboração do Plano da Bacia Hidrográfica do Pardo - Relatório Final**. São Paulo. 2003. disponível em <<http://www.sigrh.sp.gov.br>> com acesso em 07.09.2004.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. **PLANO PLURIANUAL 2004-2007**. LEI Nº 11.605, de 24 de Dezembro de 2003. São Paulo, 2003.

Guia Cidades: Ribeirão Preto. Ribeirão Preto. São Francisco Gráfica e Editora. 2005.

Guia Mais: Ribeirão Preto 2004/2005. São Paulo. TPI. 2004.

Guia Oficial da Cidade: Ribeirão Hoje 98/99. São Paulo. EPIL. 1998.

Guia Quatro Rodas Brasil. São Paulo. Editora Abril. 2005

Guia Vitrine. 2005/2006. Campinas. Globo Cochrane Gráfica e Editora. 2005.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Objetiva. 2001.

IBGE - **Síntese da população brasileira**. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/brasil\\_em\\_sintese/populacao05.htm](http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/populacao05.htm)> acesso em 30 de maio de 2002.

IBGE. Cidades on Line. Disponível em Cidades@ - IBGE – <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>, com acesso em 11.10.2004.

IBGE. **Noções Básicas de cartografia**. Departamento de Cartografia. Rio de Janeiro. IBGE. 1999

IPEA / PNUD. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Rio de Janeiro, 2003.

IPEA, IBGE, UNIAMP. **Caracterização e tendência da rede urbana do Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana**. Brasília. IPEA. 2001.

JOLY, F. **A cartografia**. Campinas. Papirus. 1990.

JUNGMAN, R. **Relatório de atividades 1998-2000**. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Conselho Nacional de desenvolvimento rural sustentável. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. Brasília. 2000. 82 p.

KOTCHETKOFF, O. H. **Caracterização da vegetação natural em Ribeirão Preto, SP: bases para conservação**. (Tese de doutoramento). Ribeirão Preto, 2003. FFLCHRP. USP. 2003.

LAGES, J. A. C. **O povoamento da mesopotâmia Pardo Mogi-guaçu por correntes migratória mineiras: O caso de Ribeirão Preto. (1834-1883)**. Dissertação de Mestrado. Unesp. Franca: 1995.

LEFEBVRE, H. **Espacio y Política**. Barcelona. Ediciones Península. 1976.

LENIN, V. I. **Obras escolhidas**. São Paulo. Editora Alfa-Omega. 1980. Tomo 2 e 3.

MAGNAGO, A. A. **A divisão regional brasileira – uma revisão bibliográfica**. In Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, v 57, n. 4, p 67-94,1995.

MARTINELLI M. & RIBEIRO, M. P. Cartografia para o Turismo: símbolo ou linguagem gráfica. In ROCRIGUES, A. B. (Org.) Turismo Desenvolvimento Local. São Paulo. Ed. Hucitec. 1997. p. 42-54.

MARX, K. **Salário, Preço e Lucro**. São Paulo. Editora Abril. 1974.

MATIAS, L. F. **Sistema de Informações Geográficas (SIG)** Ainda uma questão de método. In GEOUSP: Espaço e tempo: Revista da pós-graduação em Geografia/Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – no 13 (2003) – São Paulo: FFLCH/USP, 203.

MENDONÇA, F. Clima e Planejamento Urbano em Londrina. In MENDONÇA, F. & MONTEIRO, C. A. F. (Org) **Clima Urbano**. São Paulo. Contexto. 2003.

MENESES, U. T. B. A paisagem como fato cultural. In YAZIGY, E. (Org.) **Turismo e paisagem**. São Paulo. Contexto. 2002.

MERLIN, P. S. A refuncionalização do centro de Campinas sob a perspectiva do patrimônio arquitetônico. In **Anais do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Goiânia. AGB. 2004. 1 CD Rom.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo. Hucitec/Polis, 1984.

MOREIRA J. F.; RODRIGUES A. S.; ALMEIDA M. A.; ROSA R.. **Mapeamento turístico da cidade de Uberlândia utilizando técnicas de geoprocessamento**. Anais do XIII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS João Pessoa, 2002.

MOURA, A. C. M. **Geoprocessamento na gestão e planejamento urbano**. Belo Horizonte. Ed. Da autora. 2003

NIMER, E. **Climatologia do Brasil**. Rio de Janeiro. FIBGE. 1979

OMT. **Turismo internacional**: uma perspectiva global. Organizado pela OMT e rede de Educação da OMT na Universidade do Havaí em Manoa (EUA), Universidade Calgary (Canadá) e na James Cook University, e por GEE, C Y & FAYOS-SOLÁ, E. Tradução de COSTA, R. C. 2ª edição. Porto Alegre: Bookmann, 2003.

OURIQUES, H. R. **A produção do Turismo: Fetichismo e Dependência**. Campinas. Alínea Editora. 2005.

PEREIRA, A. C. F; **Aplicação do programa SPRING (INPE) no mapeamento de informações turísticas** – O caso do município de São Sebastião, litoral norte do Estado de São Paulo. Dissertação de mestrado. Curitiba. UFP. 1998.

PLANO DIRETOR DE TURISMO DE RIBEIRÃO PRETO. Disponível em <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/SPLAN/I28principal.asp?pagina=/splan/mapas/I28mapas.htm>. com acesso em 17.06.2005

PLANO DIRETOR DO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO. Disponível em <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/SPLAN/I28principal.asp?pagina=/splan/mapas/I28mapas.htm>. com acesso em 17.06.2005

PORCHMANN, M. et al. (Org). **Atlas de Exclusão Social no Brasil**: os ricos no Brasil. volume 3. São Paulo: Cortez, 2004.

PRADO JUNIOR, C. Nova contribuição para a análise da questão agrária no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **A questão agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1979. cap. 2. p. 86-126.

PRATES, P C. **Ribeirão Preto de outrora**. 4ª edição. Edit. do Autor. Ribeirão Preto. 1975.

RAMON, M. D.; PUJOL, A. F. T. I; PERDICES, N. V. Agricultura, alimentación y hambre: agravación de las desigualdades a escala mundial. In \_\_\_\_\_ **Geografía rural**. Madrid: Editorial Síntesis, 1995. cap. 4. p. 91-112 (sub-item: El hambre en el

mundo actual; una visión panorámica, p. 92-99) (Colección Espacios y Sociedades, Serie General, n. 10).

RODRIGUES, A. A. B. (org.) **Turismo Desenvolvimento Local**. São Paulo. Hucitec. 1997.

RODRIGUES, A. M. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo Desenvolvimento Local**. São Paulo. Ed. Hucitec. 1997. p. 42-54.

RODRIGUES, A. M. O mito da sustentabilidade da atividade turística. In BANDUCCI JUNIOR, A. & MORETTI, E. C. **Qual paraíso?** Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal. São Paulo: Chronos. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. 2001.

RODRIGUES, Arlete Moysés. A produção e o consumo do espaço para o turismo e a problemática ambiental. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; RODRIGUES, Arlete Moysés. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In: Rodrigues, Adyr. B. (org). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo. Hucitec, 1997.

ROLIM, F.A. **Levantamento do Potencial Turístico do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro** - PESB com o Suporte em Geoprocessamento. In Anais X SBSR, Foz do Iguaçu, 21-26 abril 2001, INPE, p. 967-969.

ROSA, R. **Curso de ArcView**. Apostila. Laboratório de Geoprocessamento; Instituto de Geografia – UFU, 2001.

ROSA, R. **Introdução ao sensoriamento remoto**, 4a ed. Uberlândia: Ed. Da Universidade Federal de Uberlândia. 2001.

ROSA, R.; BRITO, J. L. **Introdução ao Geoprocessamento: Sistema de Informação Geográfica**. Uberlândia, UFU, 1996.

ROSS, J. L. S., MOROZ, I. C. 1997. Mapa **Geomorfológico do Estado de São Paulo**, escala 1:500 000. São Paulo: Laboratório de Geomorfologia. Departamento de Geografia - FFLCH - USP/Laboratório de Cartografia Geotécnica - IPT/ FAPESP. 2v.

ROSS, J. L. S. Análise **Empírica da Fragilidade dos Ambientes Naturais e Antropizados** - in Revista do Departamento de Geografia no 8. FFLCH/USP. São Paulo. 1994.

SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. **O Brasil**: Território e sociedade no início do século XXI. São Paulo. Record. 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo. Edusp. 2002.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo. Hucitec. 1993.

SANTOS, M. **Técnicas, Espaço e Tempo**. Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo. Hucitec. 1997.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em <<http://www.planejamento.sp.gov.br/home/sep.asp?Browser=Mie800x600&Par=pri>> com acesso em 07.04.2004, disponível em <<http://www.seade.gov.br/cgi>>

SEGURA-MUÑOZ, S. I. S., **Impacto ambiental na área do aterro sanitário e incinerador de resíduos sólidos de Ribeirão Preto**, SP: Avaliação dos níveis de metais pesados. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São 2002.

SENAC. D.N. **Introdução a Turismo e Hotelaria**. CAMPOS, L. C. A. M.; GONÇALVES. M. H. B. Rio de Janeiro. Ed. Senac. 1998.

- SILVA, K. A. R. **O impacto do turismo de eventos em Ribeirão Preto: o caso agrishow**. Ribeirão Preto. (Trabalho de Conclusão de curso). 2002. Faculdade de Economia e Administração de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. 2002.
- SOUZA, M. J. L. Como pode o Turismo contribuir para o desenvolvimento local? In SPÓSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**. São Paulo. Editora Unesp. 2005
- TRICART, J. - Classificação Ecodinâmica do meio ambiente, in **Ecodinâmica** - FIBGE - Rio de Janeiro. 1977.
- TROVO, L. H. **Evento Mundial**. Gazeta de Ribeirão. Ribeirão Preto, 15 mai. 2005. CADERNO AGRISHOW 2005. p. 2.
- VALENTE, R. & SCOLESE, E. Governo infla balanço da reforma agrária. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 21 abr. 2002. Caderno Brasil.
- ZALÁN, P.V; WOLFF, S.; CONCEIÇÃO, J. C. J.; ASTOLFI, M.A.; VIEIRA, I.S.; Appi,V.T.; ZANOTTO,O.A. 1987a. **Tectônica e sedimentação da Bacia do Paraná**. In: SIMPÓSIO SUL-BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 4º. Curitiba, 1987. Atas... Curitiba, SBG. v. 1, p. 441-477.

## APÊNDICES

### Apêndice A - Banco gerado no Arcview com dados do equipamento de hospedagem existente no município de Ribeirão Preto.

#### Banco gerado no Arcview com dados do equipamento de hospedagem existente no município de Ribeirão Preto

ID	X	Y	HOTEL	TEL	END	No	BAIRRO	CEP	SGL	DBL	TPL	PREÇOMIN	PREÇOMAX	TIPO	QTOS	TOTLEITOS	BAR	REST	LAV	EST	PC1	PC2	CAFÉ	PIS	AUD	CAR	ACESS
0	208236	7655877	Grande Hotel	6251930	Rua Alvares Cabr	469	Centro	14010080	15	7	10	20	25	Hotel	0	59	N	N	S	N	N	N	S	N	S	N	N
1	207680	7656100	Hotel Cacique	39412224	Rua Dr. Loyola	199	Vila Tibério	14010000	0	9	0	15	0	Hotel	0	63	N	N	S	S	N	N	S	N	N	N	N
2	207772	7656224	Hotel Prince	6107790	Rua Augusto Seve	154	Vila Tibério	14050350	0	81	10	48	56	Hotel	0	182	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	N
3	207621	7656553	Hotel Plaza	6364700	Rua Luiz da Cunha	366	Vila Tibério	14050040	0	98	0	40	98	Hotel	0	216	N	S	S	S	S	N	S	S	S	S	N
4	207602	7656572	Shelton Inn	6101500	Rua Luiz da Cunha	404	Vila Tibério	14050040	83	89	8	118	398	Hotel	0	400	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
5	208065	7656607	Ribeirão Plaza	6324530	Rua F8bio Barreto	100	Campos Eliseos	14080150	0	32	0	23	45	Hotel	0	38	N	N	S	S	S	N	S	N	N	S	N
6	208103	7656487	Hotel St. Remy	6108164	Av. Ger. Gonçalves	57	Centro	14010040	0	35	0	30	120	Hotel	17	95	N	N	S	S	N	N	S	N	N	S	N
7	207962	7656202	Aurora Hotel	6252543	Av. Ger. Gonçalves	375	Centro	14010040	0	49	0	17	66	Hotel	26	150	N	N	S	S	S	N	S	N	N	S	N
8	207916	7656110	São José	6106255	Av. Ger. Gonçalves	475	Centro	14010040	0	3	0	15	35	Hotel	34	74	N	N	S	N	N	N	S	N	N	N	N
9	207628	7655515	Hotel Vila Rica	6367071	Rua Rui Barbosa	15	Centro	14015120	6	20	3	35	65	Hotel	0	60	N	N	S	S	S	N	S	N	N	N	N
10	207408	7655136	Hotel Portucalli	6106306	Av. Caramuru	399	Jardim República	14025080	14	12	6	49	84	Hotel	0	70	N	N	S	S	S	S	S	N	S	S	N
11	207807	7655379	Plaza Inn Máster	21026005	Rua Alvares Cabral	1120	Centro	14010080	0	90	0	90	156	Hotel	0	135	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
12	207846	7655338	Residence Plaza Flat	6360240	Rua Rui Barbosa	291	Higienópolis	14015120	0	150	0	60	130	Flat	0	300	N	N	N	S	S	N	S	S	S	N	N
13	208023	7655096	Barão Hotel	6252169	Rua Barão do Amazonas	1199	Higienópolis s	14010120	0	30	0	35	120	Hotel	0	70	N	N	N	S	S	N	S	N	N	N	N
14	208828	7654754	Hotel Cidade	6325992	Rua Campos Sales	1433	Vila Seixas	14015110	6	12	3	50	93	Hotel	0	39	N	N	S	S	S	S	S	N	N	N	N
15	208828	7654953	Taiwan Hotel	800992699	Rua Lafayette	1370	Centro	14015080	31	36	8	80	150	Hotel	0	215	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
16	209000	7655472	San Raphael	39411177	Rua Duque de Caxias	1396	Centro	14015020	0	24	0	360	360	Flat	0	48	N	N	S	S	S	N	N	N	N	N	N
17	208965	7655499	Hotel Nacional Inn	6366688	Rua Duque de Caxias	1313	Centro	14015020	24	114	0	62	250	Hotel	0	276	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N
18	208239	7655819	Hotel Vila Real	6106510	Rua São Sebastião	509	Centro	14015040	0	134	0	61	190	Hotel	0	286	S	N	S	S	S	S	S	N	S	S	N
19	208593	7655656	Black Stream Hotel	39773939	Rua General Osório	830	Centro	14010000	0	35	0	54	130	Hotel	0	70	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N
20	208626	7655631	Stream Palace Hotel	39773939	Rua General Osório	850	Centro	14010000	35	65	16	96	0	Hotel	0	213	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
21	207859	7655581	Parisi Hotel	39315956	Rua Amador Bueno	930	Centro	14010070	0	12	0	38	45	Hotel	0	24	N	N	S	S	S	N	S	N	N	N	N
22	207858	7655840	Hotel São Luiz	6250066	Rua Florêncio de Abreu	87	Centro	14015060	0	0	0	10	0	Hotel	15	42	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N
23	207940	7655909	Hotel Brasiliense	6354458	Rua Américo Brasiliense	126	Centro	14015050	0	5	0	10	30	Hotel	14	34	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N
24	207994	7656110	Hotel Apolo	6250949	Rua General Osório	63	Centro	14010000	0	16	0	15	40	Hotel	24	70	N	N	S	S	N	N	S	N	N	N	N
25	208124	7656249	Rei Hotel	6328940	Rua José Bonifácio	244	Centro	14010050	0	11	0	15	70	Hotel	15	52	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N

26	208354	7656409	Hotel St. Remy	6325356	Av. Francisco Junqueira	249	Campos Eliseos	14080140	0	10	0	20	30	Hotel	21	58	N	N	S	S	N	N	S	N	N	S	N
27	208328	7656370	Hotel St. Remy	6254618	Av. Francisco Junqueira	274	Centro	14010030	0	3	0	18	30	Hotel	14	54	S	N	S	S	N	N	S	N	S	S	N
28	208632	7655562	Hotel Metrópole II	6258301	Rua Marcondes Salgado	442	Centro	14010150	0	6	0	13	80	Hotel	10	32	N	N	N	S	N	N	S	N	N	N	N
29	208422	7655776	Hotel Metrópole I	6103336	Rua Visconde de Inhaúma	431	Centro	14010100	0	24	0	13	40	Hotel	0	48	N	N	S	S	N	N	S	N	N	N	N
30	208135	7655892	Hotel Santa Marta	6108960	Rua São Sebastião	389	Centro	14015040	0	8	0	15	80	Hotel	20	70	N	N	S	N	S	N	S	N	N	N	N
31	208246	7656070	Hotel Aconchego	39310504	Rua Duque de Caxias	391	Centro	14015020	0	2	0	10	30	Hotel	11	24	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
32	208390	7656394	Hotel Avenida	6109170	Av. da Saudade	36	Campos Eliseos	14085000	0	3	0	16	28	Hotel	27	48	S	N	S	S	N	N	S	N	N	S	N
33	209571	7657948	Hotel Gaúcho	6265873	Rua Pinheiro Machado	1138	Campos Eliseos	14080550	8	4	3	18	20	Hotel	0	44	S	S	S	S	S	N	S	N	N	S	N
34	210690	7656205	Arq Inn Hotel	6241705	Rua João Bim	1615	Jardim Paulistano	14090340	0	32	5	49	90	Hotel	0	64	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N
35	210732	7655011	Hotel Canadá	6246000	Av. Treze de Maio	1392	Jardim Paulista	14090270	1	41	6	67	150	Hotel	0	100	N	N	S	S	S	S	S	N	S	S	S
36	210307	7654600	Carióba Plaza Hotel	6241195	Av. Plínio de Castro Prado	818	Jardim Macedo	14091170	4	14	0	36	88	Hotel	0	22	N	N	S	S	S	N	S	N	N	S	N
37	212519	7652377	Sleep Inn Hotel	6030800	Av. Presidente Kennedy	1400	Ribeirânia	14096350	0	114	0	79	235	Hotel	0	228	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S
38	213000	7652983	Confort Hotel	6295000	Av. Castelo Branco	2300	Ribeirânia	14096560	0	70	0	90	240	Hotel	0	140	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
39	213739	7651872	Hotel JP	6291400	Rod. Anhanguera,	308	Zona Rural	14093500	22	94	0	90	380	Hotel	0	250	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
40	213141	7653673	Oásis Plaza Hotel	6172226	Av. Presidente Kennedy	2445	Lagoinha	14095220	0	66	0	69	115	Hotel	0	132	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S
41	213600	7653789	Hotel Vancouver	39659500	Rua Edson Souto	500	Lagoinha	14095250	0	52	0	55	60	Hotel	0	104	N	N	S	S	S	S	S	N	S	S	N
42	212752	7653284	Nacional Inn Village	6294000	Av. Presidente Kennedy	1925	Lagoinha	14095000	0	139	3	66	268	Hotel	0	300	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
43	211503	7652096	Oásis Tower Hotel	39951000	Av. Maurílio Biaggi	2955	Ribeirânia	14096170	0	39	0	69	171	Hotel	0	78	S	S	S	S	S	N	S	N	S	S	N
44	208946	7654204	Hotel J. M. R.	6101492	Av. Nove de Julho	1669	Higienópolis	14015170	17	11	0	49	79	Hotel	0	39	N	N	S	S	S	N	S	N	N	N	N
45	207585	7656041	Grande Hotel	6256752	Rua Bartolomeu d	253	Vila Tibério	14050080	0	20	0	30	70	Hotel	0	40	N	N	S	S	S	N	S	N	N	N	N
46	209083	7653838	Araucária Plaza	39131300	Rua João Penteado	2103	Jardim das Américas	14020180	81	91	8	100	290	Flat	0	180	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
47	207518	7651767	ibis Hotel	39111232	Av. Braz Olaia	691	Jardim Califórnia	14026040	0	144	0	89	89	Hotel	0	144	N	S	S	S	S	S	N	N	S	S	S
48	208492	7657354	Pousada do Gaúcho	6329850	Rua Amazonas	646	Campos Eliseos	14080270	9	6	10	20	34	Hotel	0	51	N	S	S	S	S	N	S	N	N	N	N
49	208797	7655442	Parisi Hotel Garibaldi	6107584	Rua Garibaldi	512	Centro	14010170	0	12	0	45	60	Hotel	0	24	N	N	S	S	S	N	S	N	N	N	N
50	207072	7650954	Flat New York	39111195	Rua José Sareta	155	Jardim Nova Aliança	14026593	0	160	0	35	40	Flat	0	320	N	N	N	S	S	S	N	S	S	N	N
51	206308	7655853	Flat Paineiras	39310225	Av. do Café	1149	Vila Amélia	14050230	0	60	0	20	40	Flat	0	120	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N
52	208283	7655446	Flat Bassano Vaccarini	39773200	Rua Barão do Amazonas	788	Centro	14010120	0	100	0	89	220	Flat	0	200	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S
53	205751	7655817	San Marino Flat Serv	6300355	Av. dos Imigrantes	120	Vila Amélia	14050230	0	120	0	20	40	Flat	0	240	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N
54	206242	7655860	Flat Aroeira	6321547	Av. do Café	1139	Jardim Nova Aliança	14050230	0	160	0	20	40	Flat	0	320	N	N	S	S	S	N	N	N	N	N	N
55	207594	7650862	Flat Nova Escócia	39111195	Rua Horácio Pessoa	155	Jardim Nova Aliança	14026593	0	120	0	35	40	Flat	0	240	N	N	N	S	S	S	N	S	S	X	N
56	207203	7658216	Pousada Santo Antônio	6335872	Rua André Rebouças	880	Ipiranga	14055650	0	62	0	20	35	HA	0	124	N	S	S	S	S	N	S	S	S	S	N
57	209223	7654842	Parisi Hotel Amadeu	39645075	Rua Amadeu Amara	142	Vila Seixas	14020050	0	19	0	35	45	Hotel	0	38	N	N	S	S	S	N	S	N	N	N	N

Fonte: SOUZA, A. A., 2005.

**Apêndice B – PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO - EQUIPAMENTO DE HOSPEDAGEM**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO - EQUIPAMENTO DE HOSPEDAGEM**

COORDENADAS UTM			
Caso possua: número do registro EMBRATUR:			
U.F. São Paulo		Município: Ribeirão Preto	
Natureza do estabelecimento:			
<input type="checkbox"/> H – Hotel.		<input type="checkbox"/> F – Flat.	
<input type="checkbox"/> M – Motel.		<input type="checkbox"/> HÁ - Hospedagem Alternativa	
Denominação (Nome Fantasia):			
Razão Social:			
Telefone para reserva:		Fax:	
E-mail:			
Home page:			
Endereço			Nº
Cep		Bairro	
NÚMERO DE UNIDADES HABITACIONAIS			
APTOS (com banho priv.)	QUARTOS (sem banho priv.)	TOTAL DE LEITOS	
		Normais	Extras
S	S		
D	D		
T	T		
SERVIÇOS:			Possui
			S    N
Bar			
Restaurante			
Lavanderia			
Estacionamento			
PC1 (TV na UH. Condicionador de Ar, Ventilador, Telefone na UH, Frigobar)			
PC2 (aparelho de fax, acesso a Internet rápida, recursos de informática)			
Café da Manhã incluído na diária			
Piscina			
Auditório e ou sala de reuniões			
Aceita cartões de crédito			
Recursos de acessibilidade			
Preço Médio (em reais)			

**Apêndice C - PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO - EQUIPAMENTO DE ALIMENTAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO - EQUIPAMENTO DE ALIMENTAÇÃO**

COORDENADAS UTM		
U.F. São Paulo		Município: Ribeirão Preto
Denominação (Nome Fantasia):		
Razão Social:		
Telefone para reserva:		Fax:
E-mail:		
Home page:		
Endereço		Nº
Cep	Bairro	
Número total de mesas/assentos:		
Estacionamento		
Aceita cartões de crédito		
Recursos de acessibilidade		
Preço Médio (em reais)		
Horários de funcionamento	Manhã	Tarde/Noite

**Apêndice D - PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO - ATRATIVOS****UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA****PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO - ATRATIVOS**

COORDENADAS UTM			
U.F. São Paulo		Município: Ribeirão Preto	
Denominação (Nome Fantasia):			
Telefone para informações e reservas:			Fax:
E-mail:			
Home page:			
Endereço			Nº
Cep	Bairro		
Tipo de atrativo:			
Estacionamento			
Aceita cartões de crédito			
Recursos de acessibilidade			
Preço Médio (em reais)			
Horários de funcionamento			

**Apêndice E - PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – EQUIPAMENTOS DE INFRA-ESTRUTURA TURÍSTICA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – EQUIPAMENTOS DE INFRA-ESTRUTURA  
TURÍSTICA**

COORDENADAS UTM			
U.F. São Paulo		Município: Ribeirão Preto	
Denominação (Nome Fantasia):			
Telefone para informações e reservas:			Fax:
E-mail:			
Home page:			
Endereço			Nº
Cep		Bairro	
Tipo de equipamento:			
Estacionamento			
Aceita cartões de crédito			
Recursos de acessibilidade			
Preço Médio (em reais)			
Horários de funcionamento			

## Apêndice F - PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – TAXIS E RADIOTAXIS

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – TAXIS E RADIOTAXIS

COORDENADAS UTM			
U.F. São Paulo		Município: Ribeirão Preto	
Telefone para informações e reservas:			Fax:
E-mail:			
Home page:			
Endereço			Nº
Cep		Bairro	
Aceita cartões de crédito:			
Recursos de acessibilidade:			
Preço Médio (em reais):			
Horários de atendimento:			

## Apêndice G - PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – AGÊNCIAS DE TURISMO

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – AGÊNCIAS DE TURISMO

COORDENADAS UTM			
U.F. São Paulo		Município: Ribeirão Preto	
Denominação (Nome Fantasia):			
Razão social:			
Telefone para informações e reservas:		Fax:	
E-mail:			
Home page:			
Endereço			Nº
Cep		Bairro	
Estacionamento			
Aceita cartões de crédito			
Recursos de acessibilidade			
Horários de funcionamento			

**Apêndice H - PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – LOCADORAS DE AUTOMÓVEIS – VÃNS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – LOCADORAS DE AUTOMÓVEIS - VÃNS**

COORDENADAS UTM			
U.F. São Paulo		Município: Ribeirão Preto	
Denominação (Nome Fantasia):			
Telefone para informações e reservas:			Fax:
E-mail:			
Home page:			
Endereço			Nº
Cep		Bairro	
Número de automóveis da categoria de econômicos			
Número de automóveis da categoria de intermediários			
Número de automóveis da categoria de executivos			
Número de automóveis da categoria de utilitários			
Aceita cartões de crédito			
Recursos de acessibilidade			
Preço Médio (em reais)			
Horários de funcionamento			

**Apêndice I - PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – EQUIPAMENTOS DE INFRA-ESTRUTURA BÁSICA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – EQUIPAMENTOS DE INFRA-ESTRUTURA BÁSICA**

COORDENADAS UTM		
U.F. São Paulo		Município: Ribeirão Preto
Denominação (Nome Fantasia):		
Telefone para informações e reservas:		Fax:
E-mail:		
Home page:		
Endereço		Nº
Cep	Bairro	
Tipo de equipamento:		
Estacionamento		
Aceita cartões de crédito		
Recursos de acessibilidade		
Preço Médio (em reais)		
Horários de funcionamento		

**Apêndice J - PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – BANCOS 24 HORAS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PLANILHA PARA PESQUISA DE CAMPO – BANCOS 24 HORAS**

COORDENADAS UTM		
U.F. São Paulo		Município: Ribeirão Preto
Denominação (Nome Fantasia):		
Endereço		Nº
Cep	Bairro	
Tipo de equipamento:		
Estacionamento		
Aceita cartões de crédito		
Recursos de acessibilidade		
Horários de funcionamento		

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)